



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
LIMÁRIA ARAÚJO MOUTA

CONJUNTO ESPERANÇA: ESTÉTICA, CONSUMO E ASCENÇÃO SOCIAL EM
FORTALEZA (1980 – 2010)

FORTALEZA - CEARÁ

2012

LIMÁRIA ARAÚJO MOUTA

CONJUNTO ESPERANÇA: ESTÉTICA, CONSUMO E ASCENÇÃO SOCIAL EM
FORTALEZA (1980 – 2010)

Dissertação submetida ao Programa de
Mestrado Acadêmico em História –
MAHIS, área de concentração em História e
Culturas, Centro de Humanidades/
Universidade Estadual do Ceará – UECE,
como requisito parcial para obtenção de
título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Antônio de Pádua
Santiago de Freitas.

FORTALEZA - CEARÁ

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Estadual do Ceará
Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho
Bibliotecário(a) Responsável – Giordana Nascimento de Freitas CRB-3 / 1070

M934c Mouta, Limária Araújo
Conjunto Esperança: estética, consumo e ascensão social em Fortaleza (1980-2010) / Limária Araújo Mouta. — 2012.
CD-ROM. 175 f. il. (algumas color) ; 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado acadêmico em História, Fortaleza, 2012.

Área de concentração: Práticas urbanas.
Orientação: Prof. Dr. Antônio Pádua Santiago de Freitas.

1. Conjunto Esperança – Fortaleza (CE). 2. Estética. 3. Habitação. Título.

CDD: 981



Universidade Estadual do Ceará -UECE
CENTRO DE HUMANIDADES
MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA

Criado pela resolução N° 520 do CONSU - UECE de 31 de maio de 2005



ATA DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DA ALUNA LIMÁRIA ARAÚJO MOUTA

Às 09h00min do dia 07 (sete) de novembro de 2012 (dois mil e doze), no Curso de Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará, a Comissão Examinadora da dissertação, para obtenção de grau de Mestre apresentada pela aluna **Limária Araújo Mouta**, intitulada **“CONJUNTO ESPERANÇA: ESTÉTICA, CONSUMO E ASCENÇÃO SOCIAL EM FORTALEZA (1980-2010)”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder a mesma o conceito “APROVADO” em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Antônio de Pádua Santiago de Freitas (Orientador - UECE), Gerson Augusto de Oliveira Júnior (UECE) e Franck Pierre Gilbert Ribard (UFC). Assinam também a presente ata, o Coordenador Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz e o secretário Adauto Rufino de Lima Neto, para devidos efeitos legais.

Fortaleza, 07 de novembro de 2012.

Prof. Dr. Antônio de Pádua Santiago de Freitas

Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior

Prof. Dr. Franck Pierre Gilbert Ribard

Prof. Dr. Altamar da Costa Muniz

Adauto Rufino de Lima Neto

À minha querida mãe, Maria José, e ao
meu marido Alexandre por todo carinho,
paciência e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Neste momento gostaria de expressar meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

Primeiramente, a Deus, por toda a inspiração necessária para escrever um trabalho como este. À minha maravilhosa mãe, Maria José, por todo o amor, força e oração dispensados a mim todos esses anos. Ao meu marido Alexandre, que, com muita paciência, soube compreender os momentos de ausência e também por todo carinho e amor dedicado a mim durante a realização deste trabalho.

A todos os moradores do Conjunto Esperança, que graciosamente concederam as entrevistas. Muito obrigada pela confiança que todos demonstraram quando tive de levar as suas valiosas fotografias para escanear. Sem a confiança de vocês seria impossível a realização e finalização deste trabalho.

Ao meu Orientador, Pádua Santiago de Freitas, que, mesmo tendo um tempo muito curto, sempre achou um espaço para me atender. Obrigada pelas gentilezas no tratamento e pelo poderoso conhecimento a mim dispensado desde a graduação.

Aos queridos professores do Mestrado em História, Altemar, Rameres, William e Gisafran pelas excelentes discussões levantadas, que contribuíram sobremaneira na realização deste trabalho.

Gostaria de destacar aqui a importância de dois professores que desde a graduação sempre me incentivaram na pesquisa acadêmica. **Francisco Carlos Jacinto Barbosa e Francisco José Gomes Damasceno, muito obrigada por tudo. Os dois pra mim são mais do que professores, são exemplos de bons historiadores, cujas contribuições levarei para a vida inteira.**

À banca de qualificação, composta pela Prof^a. Dr^a. Irllys Barreira e pelo Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá, pela rica contribuição para a finalização deste trabalho.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pelo incentivo à pesquisa, no primeiro ano de mestrado, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo incentivo à pesquisa, no segundo ano de mestrado.

A todos os colegas que entraram comigo no Mestrado Acadêmico em História: Hisllya Bandeira, Ana Luiza Rios, Jord Guedes, Kalliane Menezes, Secundino Neto (Canindé), Rodrigo, Geovan, Francisco de Assis, Matheus e André Pinheiro. Muito obrigada pelos momentos de discussão realizados no período das disciplinas, mas também, e principalmente, por dividirem todo o peso das angústias, dúvidas e revoltas durante esse período tenso de Mestrado. As descontrações, principalmente na hora do almoço, foram importantíssimas para que o sofrimento também se tornasse diversão.

As minhas queridas amigas, Lidiane Pereira, Roberta Maia, Ana Flavia e Karla Torquato que fizeram a graduação comigo e que dividiram, mesmo depois de separadas pelo Mestrado, todas as angústias e alegrias desta nova fase. Obrigada pelas dicas de quem fez o curso antes de mim, Ana Flávia e Karla. Mesmo quem entrou no curso depois de mim, me ajudou muito, corrigindo com muito carinho os erros ortográficos do trabalho presente, Roberta Maia. E mesmo aquela que se distanciou da História, mas que no fundo ainda tem o coração de um historiador, Lidiane Pereira. Obrigada por me ouvir reclamar por tanto tempo, querida amiga.

Às amigas Ana Maria Pinheiro, Aline Andrade e Rose Maia, companheiras de profissão e de vida. O apoio de vocês para a realização deste trabalho foi incontestável. Obrigada pela força nos momentos difíceis e pela compreensão de esporádicas sessões de mau humor.

Ao Núcleo Gestor da Escola Parque Presidente Vargas, em especial ao Diretor Wilson Fraga e à Coordenadora Adriana Nogueira, pelo apoio e compreensão pelos momentos de ausência necessários para a finalização deste trabalho. Ainda acreditamos que pesquisa e ensino são interligados e complementares. Obrigada por todo o incentivo.

E desde então essa é a história de Javé – do Conjunto Esperança - que se conta, mas que também pode ser lida e relida por essas serras e por essas grotas sem fim. Tá assentada em livro, correndo o mundo pra nunca que ser esquecida. É isso e não tem mais que isso! Quem quiser que escreva diferente. (1:33': 20'' – 1:33': 42'' – Zaqueu).

Narradores de Javé

RESUMO

O Conjunto Esperança é um Conjunto Habitacional da cidade de Fortaleza – CE. Ele fez parte da política habitacional realizada pelo Regime Militar brasileiro a partir de 1964. Com habitações financiadas pelo Banco Nacional da Habitação – BNH, as pessoas que ganhavam de 3 a 5 salários mínimos poderiam finalmente comprar suas casas. É partir deste contexto que resolvemos estudar as reformas, ampliações, embelezamentos e o consumo de bens domésticos no Conjunto Esperança. Sendo assim, queremos entender como as pessoas, a partir de suas habitações, planejadas e iguais, foram reformando e embelezando suas casas e apartamentos, a partir da sua estética pessoal e cotidiana. Desta forma, iremos analisar o exterior e o interior das habitações, de forma que a construção histórica da arquitetura erudita para a arquitetura vernácula possa ser percebida nesta autoconstrução cotidiana dos moradores do Conjunto Esperança.

PALAVRAS – CHAVE: Conjunto Esperança; Habitação; Cotidiano.

RÉSUMÉ

Le Conjunto Esperança mixte est une ville de Fortaleza - CE. Il faisait partie de la politique du logement menée par le régime militaire brésilien depuis 1964. Grâce à un logement financé par la Banque nationale du logement – BNH, les personnes qui ont gagné 3-5 salaire minimum peut enfin acheter leurs maisons. C'est à partir de ce contexte que nous avons décidé d'étudier les réformes, les extensions, des embellissements et la consommation de biens domestiques, dans la collection Espoir. Donc, nous voulons comprendre comment les gens de leurs maisons planifiées et les mêmes ont été la rénovation et la décoration de leurs maisons et appartements à partir de son esthétique personnelle et quotidienne. Ainsi, nous avons analysé l'extérieur et l'intérieur de ces maisons de sorte que la construction historique de l'architecture classique de l'architecture vernaculaire peut être vu de tous les jours dans cette auto-assemblage des habitants de l'espoir.

MOTS - CLÉ: Conjunto Esperança; Habitation; Quotidien.

LISTAGEM DE SIGLAS

ACRE	Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança.
BNH	Banco Nacional da Habitação.
COHAB	Companhia da Habitação.
CURA	Comunidades Urbanas de Recursos Acelerados.
FICAM	Programa de Financiamento de Complementação, Ampliação ou melhoria de Unidades Habitacionais.
FGTS	Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.
FINACO	Programa de Financiamento de Matérias de Construção.
NUHBAR	Núcleo de História de Bairros.
PLANASA	Plano Nacional de Saneamento.
PLANHAP	Plano Nacional da Habitação Popular.
PRODEPO	Programa de Apoio ao Desenvolvimento de Pólos Econômicos.
PROFILURB	Programa Financeiro de Lotes Urbanizados.
PROMORAR	Programa de erradicação da sub-habitação.
RECON	Financiamento Direto ao Consumidor de Materiais de Construção.
PROFILORBE	Programa de Financiamento de lote Urbanizado.
REGIR	Financiamento para Capitais de Giro na Empresas.
REINVEST	Financiamento do ativo fixo para modernização, ampliação e implantação de indústrias de materiais de construção.
SBPE	Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo
SFH	Sistema Financeiro da Habitação.

ÍNDICE DE IMAGENS

IMAGEM 01 - Vista do Conjunto Esperança por satélite	50
IMAGEM 02 – Foto do então governador do estado do Ceará, Virgílio Távora, acompanhado do seu candidato ao governo, Gonzaga Mota.	51
IMAGEM 03 - Planta da casa tipo C, cedida pela COHAB.	52
IMAGEM 04 - Planta da casa tipo A e B, cedida pela COHAB.	53
IMAGEM 05 - Planta do apartamento, cedida pela COHAB.	54
IMAGEM 06 - Foto dos apartamentos.	57
IMAGEM 07 - Foto das casas (uma das casas com dois playgrounds) É isso?!	57
IMAGEM 08 - Foto do outro playground.	58
IMAGEM 09 - Foto do Centro Social.	58
IMAGEM 10 - Foto da quadra que acompanhava o conjunto.	59
IMAGEM 11 - Fotos do atual Pólo de Lazer do Conjunto Esperança.	62
IMAGEM 12 – Foto do palco do Conjunto Esperança, localizado no pólo de lazer.	65
IMAGEM 13 - Arquibancada do campo de futebol do Conjunto Esperança.	65
IMAGEM 14 - Campo de futebol de salão do Conjunto Esperança.	66
IMAGEM 15 - Casa do idoso do Conjunto Esperança.	66
IMAGEM 16 - Foto da Escola 01 (E.E.F.M. Irapuan Cavalcante Pinheiro).	68
IMAGEM 17 - Foto do escritório da COHAB no Conjunto Esperança.	69
IMAGEM 18 - Foto da Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança – ACRE	71
IMAGEM 19 - Habitação do Conjunto Esperança com ponto comercial.	73
IMAGEM 20 - Habitação do Conjunto Esperança transformada em Templo Religioso.	74
IMAGEM 21 - Foto da primeira fachada do Colégio Queiroz Belém.	75
IMAGEM 22 - Atual foto do Colégio Queiroz Belém.	76
IMAGEM 23 - Parte da frente do muro da casa da Sr ^a Antônia Rosilene Pinheiro.	85
IMAGEM 24 - Lateral do muro da casa da Sr ^a Antônia Rosilene Pinheiro.	86

IMAGEM 25 - Muro e portão do apartamento da Sr ^a . Risalva.	87
IMAGEM 26 - Primeiro quarto construído pela da Sr ^a Maria José.	90
IMAGEM 27 - Primeiro quarto construído pela da Sr ^a Maria José.	91
IMAGEM 28 - Foto das reformas realizadas pela Sr ^a Marisa em 1984.	93
IMAGEM 29 - Foto das reformas realizadas pela Sr ^a Marisa em 1984.	93
IMAGEM 30 - Área ampliada pela Sr ^a Risalva.	96
IMAGEM 31 - Sala de estar reformada pela Sr ^a Risalva.	97
IMAGEM 32 - Último armário construído pela Sr ^a Rosilene e quarto da filha da Sr ^a Rosilene.	100
IMAGEM 33 - Último armário construído pela Sr ^a Rosilene e quarto da filha da Sr ^a Rosilene.	100
IMAGEM 34 - Área da Sr ^a Maria José no início da década de 1990.	102
IMAGEM 35 – Cozinha da Sr ^a Maria José no início da década de 1990.	102
IMAGEM 36 - Ampliação da cozinha da Sr ^a Maria José no final da década de 1990.	103
IMAGEM 37 – Sala e dois quartos ampliados pela Sr ^a Maria José no final da década de 1990.	103
IMAGEM 38 - Fachada de uma habitação no Conjunto Esperança.	107
IMAGEM 39 - Fachada de uma habitação no Conjunto Esperança.	107
IMAGEM 40 - Fachada de uma habitação sem reforma no Conjunto Esperança.	108
IMAGEM 41 - Nova fachada da habitação da Sr ^a . Rosilene.	109
IMAGEM 42 - Nova área da Sr ^a . Maria José.	111
IMAGEM 43 - Última fachada da habitação da Sr ^a . Marisa.	112
IMAGEM 44 - Fotografias de várias fachadas que compõem o mesmo estilo da fachada da habitação da Sr ^a . Marisa.	113
IMAGEM 45 - Fachada do apartamento da Sr ^a Risalva.	114
IMAGEM 46 - Fachadas atuais dos apartamentos do Conjunto Esperança.	114
IMAGEM 47 – Evolução do Salário Mínimo Real 1990.	121
IMAGEM 48 - Anúncio da Loja Friolar.	122
IMAGEM 49 - Anúncio das Casas Pernambucanas.	122
IMAGEM 50 - Anúncio das Casas Pernambucanas.	122

IMAGEM 51 - Anúncio das Casas Pernambucanas.	122
IMAGEM 52 - Anúncio das Lojas Friolar.	123
IMAGEM 53 - Anúncio das Casas Pernambucanas.	123
IMAGEM 54 - Estante em cerejeira da Srª Rosilene Pinheiro.	124
IMAGEM 55 - Estante em cerejeira e cadeira de fórmica da Srª Maria José.	124
IMAGEM 56 - Sala da Srª Maria José.	125
IMAGEM 57 - Guarda-roupa da Srª Maria José.	125
IMAGEM 58 - Estante em estilo Colonial da Srª Risalva.	125
IMAGEM 59 - Copa-bar em fórmica azul da Srª Rosilene.	125
IMAGEM 60 - Evolução do Salário Mínimo Real 1999.	134
IMAGEM 61 - Anúncio das Lojas Samasa.	135
IMAGEM 62 - Anúncio das Lojas Maraponga Outlet.	136
IMAGEM 63 - Anúncio das Lojas Paraíso.	136
IMAGEM 64 - Anúncio das Lojas Paraíso.	137
IMAGEM 65 - Foto da sala da Srª Maria José no ano de 1998.	139
IMAGEM 66 - Foto da sala da Srª Maria José no ano de 1999.	140
IMAGEM 67 - Foto da sala da Srª Marisa no ano de 1999.	140
IMAGEM 68 - Foto da sala da Srª Rosilene no ano de 1998.	141
IMAGEM 69 - Foto da cozinha da Srª Rosilene no ano de 1998.	143
IMAGEM 70 - Foto da sala de jantar da Srª Rosilene no ano de 1999.	143
IMAGEM 71 - Foto da cozinha da Srª Maria José no ano de 1998.	143
IMAGEM 72 - Foto da cozinha da Srª Marinete no ano de 1992.	143
IMAGEM 73 - Foto da sala de jantar da Srª Maria José no ano de 2010.	145
IMAGEM 74 - Foto da sala de jantar da Srª Marisa no ano de 2010.	145
IMAGEM 75 - Foto do quarto da filha da Srª Maria José no ano de 1986.	146
IMAGEM 76 - Foto do quarto da filha da Srª Maria José no ano de 1998.	146
IMAGEM 77 - Foto do quarto da filha da Srª Rosilene no ano de 1985.	147
IMAGEM 78 - Foto do quarto da filha da Srª Rosilene no ano de 1999.	147
IMAGEM 79 - Anúncio das Lojas Rabelo.	150
IMAGEM 80 - Anúncio das Lojas Paraíso.	151
IMAGEM 81 - Anúncio das Lojas Rabelo.	152

IMAGEM 82 - Anúncio das Lojas Rabelo	153
IMAGEM 83 - Foto da sala da Srª Rosilene no ano de 2010.	154
IMAGEM 84 - Foto da sala da Srª Maria Bezerra no ano de 2010.	154
IMAGEM 85 - Foto da sala da Srª Marisa no ano de 2010.	154
IMAGEM 86 - Foto da sala da Srª Marisa no ano de 2010.	154
IMAGEM 87 - Foto da sala da Srª Marinete no ano de 2010.	155
IMAGEM 88 - Foto da sala da Srª Marinete no ano de 2010.	155
IMAGEM 89 - Foto da estante da Srª Marinete no ano de 2010.	155
IMAGEM 90 - Foto da estante da Srª Marinete no ano de 1998.	155
IMAGEM 91 - Foto da sala da Srª Risalva no ano de 2010.	156
IMAGEM 92 - Foto da sala da Srª Risalva no ano de 2010.	156
IMAGEM 93 - Foto da cozinha da Srª Rosilene no ano de 2010.	158
IMAGEM 94 - Foto da cozinha da Srª Rosilene no ano de 2010.	158
IMAGEM 95 - Foto da cozinha da Srª Marisa no ano de 2010.	159
IMAGEM 96 - Foto da cozinha da Srª Risalva no ano de 2010.	159
IMAGEM 97 - Foto da cozinha da Srª Maria José no ano de 2010.	159
IMAGEM 98 - Foto da cozinha da Srª Maria José no ano de 2010.	159
IMAGEM 99 - Foto do quarto da Srª Rosilene no ano de 2010.	161
IMAGEM 100 - Foto do quarto da filha da Srª Rosilene no ano de 2010.	161
IMAGEM 101 - Foto do quarto do filho da Srª Rosilene no ano de 2010.	161
IMAGEM 102 - Foto do quarto da filha da Srª Marisa no ano de 2010.	161
IMAGEM 103 -: Foto do quarto da Srª Marisa no ano de 2010.	162
IMAGEM 104 -: Foto do quarto da Srª Marisa no ano de 2010.	162
IMAGEM 105 - Foto do quarto do filho da Srª Marisa no ano de 2010.	162
IMAGEM 106 - Foto do quarto do filho da Srª Marisa no ano de 2010.	162
IMAGEM 107 - Foto do quarto do filho da Srª Maria José no ano de 2010.	163
IMAGEM 108 - Foto do quarto da Srª Maria José no ano de 2010.	163
IMAGEM 109 - Foto do quarto da Srª Maria José no ano de 2010.	163
IMAGEM 110 - Foto do quarto da Srª Risalva no ano de 2010.	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 01: HABITAÇÃO SOCIAL: DOS CORTIÇOS A IMPLEMENTAÇÃO DO BNH E CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO ESPERANÇA.	33
1.1 A Política Habitacional no Brasil e no Ceará.	33
1.2 O Conjunto Esperança: equipamentos comunitários e as lutas dos moradores pela ascensão social.	48
CAPÍTULO 02: ESTÉTICA E AUTOCONSTRUÇÃO NO CONJUNTO ESPERANÇA.	79
2.1 Primeiras modificações: o muro e as ampliações (1980).	80
2.2. Reformas: a busca por um maior conforto (1990).	98
2.3 O embelezamento como marco da ascensão social (2000).	105
CAPÍTULO 03 – SISTEMÁTICA DAS CONDUTAS ENTRE OS MORADORES DO CONJUNTO ESPERANÇA E SEUS OBJETOS DOMÉSTICOS.	117
3.1 A Alegre e ousada década de 1980.	118
3.2 A seriedade e a sobriedade da década de 1990: o menos é mais.	131
3.3 Os modernos anos 2000: um retorno às reminiscências.	148
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
LISTAGEM DAS FONTES	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
ANEXOS	174

INTRODUÇÃO

(...) Que não repare nos móveis, que o dono da morada é modesto e bem – intencionado, que não houve muito tempo para limpar direito a sala ou arrumar os quartos. Que vá, enfim, ficando à vontade e desculpando alguma coisa...¹

Esta pesquisa pretende analisar a habitação, mas não qualquer habitação e nem a habitação de qualquer pessoa. Aqui, queremos nos inspirar para entender como os moradores de um Conjunto Habitacional, chamado Conjunto Esperança, na cidade de Fortaleza, modificaram a estética² de suas habitações, tanto estruturalmente – através de ampliações, reformas e embelezamentos –, como também através da organização dos seus objetos domésticos, de forma que é possível verificar através desses aspectos uma ascensão social conseguida pelos moradores do Conjunto Esperança durante seus 30 anos de existência.

Este trabalho tinha como objetivo, primeiramente, analisar as habitações de três Conjuntos Habitacionais da cidade de Fortaleza – Conjunto José Walter, Conjunto Esperança e Conjunto Novo Mondubim –, porém pelo curto espaço de tempo para produzir uma dissertação de mestrado, esta proposta inicial se tornou inviável. Com isso, decidimos nos fixar em apenas um desses conjuntos: o Conjunto Esperança.

Toda obra, como sabemos, é extremamente influenciada pelo lugar social no qual vive o seu autor. Sendo assim, esta não seria uma exceção. Pensamos o objeto desta forma, partindo de dois tipos de influência: uma pessoal e outra acadêmica. A pessoal parte da necessidade que todo ser humano tem de saber um pouco mais do local onde vive. No nosso caso, como uma eterna moradora do Conjunto Esperança, sempre me inquietei com a formação do bairro em que moro. Vendo, quando criança, todas as moradias iguais, as ruas paralelas, as numerações nomeando ruas e até escolas, além da distância que o bairro ficava do centro da cidade, inquietava-me e fazia-me perceber que morava em um espaço singular.

¹ MATTA, Roberto da. **A casa & A rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. – 5º ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

² Entendemos por estética tudo o que abrange a estrutura da habitação, como também a sua organização interna, e porque não dizer decoração, que neste caso envolveria conscientemente os bens de consumo doméstico de cada habitação.

Espaço este que, com o tempo, foi se modificando de tal maneira que as pequenas e simples habitações que ali existiam se transformaram em habitações maiores e bem mais parecidas com residências de bairros de classe média, do que com um Conjunto Habitacional.

Porém, foi quando adentramos no espaço acadêmico que as inquietações infantis tornaram-se mais maduras. A forte influência da Nova História³, a partir do momento que iniciamos o curso de graduação em História da Universidade Estadual do Ceará, é visível. Principalmente quando começamos a participar do Núcleo de História de Bairros – NUHBAR, um grupo de pesquisa que visava entender a partir do método da roda⁴, as histórias dos bairros da cidade de Fortaleza. Todas as leituras e discussões sobre os temas do NUHBAR nos ajudaram a pensar, não só na formação do bairro, mas na relação cotidiana de cada morador com a sua habitação.

Apesar deste grupo de pesquisa ter tido uma duração curta, cerca de três anos, a sua influência neste trabalho e no nosso modo de pensar é muito importante. Posteriormente, quando ingressamos no Mestrado em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará, vimos na linha de pesquisa Práticas Urbanas a continuação do pensamento que havíamos iniciado na graduação e passamos a nos dedicar ao tema da maneira como vemos agora. A partir daqui, a perspectiva da História Cultural⁵ foi a que mais se destacou. Todas as discussões que foram realizadas nas disciplinas do mestrado, partindo dos conceitos e das metodologias da História Cultural, ajudaram-nos a delimitar melhor o objeto e ter um pouco mais de consistência do tema que gostaria de abordar. O principal destaque vai para as disciplinas de Seminário de Pesquisa I e II e a de Práticas Urbanas, que em todo seu decorrer, e através das leituras, sugestões e críticas bem acolhidas de colegas e professores, possibilitaram um encontro maior com esse tema, instigando-nos a direcionar melhor a pesquisa.

³ BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP, 1992.

⁴ CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor e de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: Hucitec, 2000.

⁵ BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Nesta nossa temática, três conceitos principais nos são importantes: habitação, estética e objetos domésticos. Vale salientar que estes conceitos não nos foram dados, ou melhor, encontrados, em uma obra específica. Eles se encontram diluídos em todas as obras que utilizamos como base para este estudo. É, pois a partir deles que tentaremos entender com maior propriedade como se verificou o processo de ascensão social no Conjunto Esperança. Para isso, procuramos nos apropriar da bibliografia existente sobre o assunto.

As primeiras obras que analisamos foram de muita importância para entendermos a historicidade na qual estava inserido o Conjunto Esperança. Elas tratavam basicamente da política habitacional que foi imposta à população pelo Regime Militar⁶ brasileiro, a partir de 1964, e como ela funcionava. Analisava, também, alguns Conjuntos Habitacionais em específico, mas localizados, em sua maioria, na Região Sudeste do Brasil. Por mais que a política habitacional da época agisse em unicidade, o contexto para a cidade de Fortaleza era diferente. Exemplos de alguns destes trabalhos consultados são: *Passa-se uma Casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro e Habitação em Questão*, de Licia do Prado Valladares (1978); *Política Habitacional no Regime Militar: Do Milagre Brasileiro à Crise Econômica*, de Ermínia Maricato (1987); *Habitação, Controle e Espoliação*, de Dilvo Peruzzo (1984); *A máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*, de Alba Zaluar (2000); *As Origens da Habitação Social no Brasil*, de Nabil Bonduki (2001); *Em casa: uma breve história da vida doméstica*, de Bill Bryson (2011).

O primeiro trabalho que caiu em nossas mãos foi da socióloga Licia do Prado Valladares, *Passa-se uma Casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro*. Neste livro, a autora mostra como funcionava a remoção das pessoas que moravam nas favelas para os Conjuntos Habitacionais. Seu principal foco é analisar o porquê de tantos destes moradores removidos não permanecerem no Conjunto Habitacional e retornarem à favela. Esta obra trabalha exatamente com o mesmo sistema de habitação que foi empregado no Conjunto Esperança, ou seja, o sistema implantado em 1964 pelo Regime

⁶ O Regime Militar iniciou no Brasil através de um golpe no ano de 1964. Durou cerca de duas décadas, terminado no ano de 1985. Neste período a política e a economia brasileira foram extremamente controladas pelo poder disciplinar do governo. Todo esse autoritarismo não admitia nenhum tipo de posicionamento político contra, autorizando portanto, o exército brasileiro e a polícia militar a prender e encarcerar pessoas suspeitas.

Militar brasileiro. Porém, como este sistema atendeu a dois aspectos de construção de habitação, um para a remoção de favelados e outro - que teve início mais tarde, a partir da década de 1970 -, para os inscritos, a obra só nos auxilia no que diz respeito à primeira forma de construção.

Uma obra que também nos ajudou a entender um pouco a situação das pessoas que eram removidas das favelas para os conjuntos habitacionais foi a *Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*, de Alba Zaluar. Nesta obra, a autora analisa as diversas situações que os moradores do Conjunto Habitacional Cidade de Deus passaram depois que chegaram ali. Entendemos que o foco de análise da obra é o estudo dos significados da pobreza, vendo a partir daí que a mudança de habitação dos moradores não significou necessariamente uma ascensão social nas suas vidas. Por isso, a autora tenta identificar as diversas histórias de vida que levaram os moradores de Cidade de Deus ao trabalho ou ao banditismo.

A terceira obra que utilizamos foi *Política Habitacional no Regime Militar: Do Milagre Brasileiro à Crise Econômica*, de Ermínia Maricato. Ela nos ajudou a entender como funcionava o Sistema Financeiro da Habitação, suas instituições, sua divisão e qual a função de cada instituição. Nesta obra também tivemos ideia de como se configurava a relação do SFH – Sistema Financeiro da Habitação com os empresários da construção civil e as imobiliárias e como isso influenciou os locais de construção dos Conjuntos Habitacionais.

Alguns livros nos levaram a entender como se dava o contexto da habitação popular antes de 1964. Uma obra muito importante neste sentido foi *As Origens da Habitação Social no Brasil*, de Nabil Bonduki. Ela trata de como se dava a habitação social no Brasil desde a segunda metade do século XIX até 1964. Sendo assim, identificamos como e quando a habitação passa a ser objeto de intervenção do Estado, entendendo, assim, as diversas formas de habitação que perduraram no Brasil do fim do século XIX até a construção do BNH – Banco Nacional da Habitação em 1964.

A obra mais recente que chegou até nós foi realmente significativa. Isso porque tivemos uma enorme dificuldade de encontrar trabalhos que analisassem a história da casa

como um todo. A obra *Em casa: uma breve história da vida doméstica*, de Bill Bryson, nos auxiliou neste sentido. O trabalho compreende de forma específica não só a história da origem e desenvolvimento de cada cômodo da casa como também a dos diversos mobiliários adotados por diversas cidades e em diversos países. Foi muito instigante, durante a leitura desta obra, entender o porquê da função de cada cômodo da habitação, como cada objeto surgiu e se relacionou com determinado espaço da casa. Isso tudo nos faz compreender como os seres humanos estabeleceram atos culturais com os espaços da casa e com o seu mobiliário que perduram até hoje em várias cidades do mundo, possibilitando-nos identificar o desenvolvimento destes atos culturais também no nosso objeto de estudo: o Conjunto Esperança.

Apesar das obras citadas nos darem bastante suporte para entender a habitação social no Brasil, elas não analisam necessariamente o nosso objeto. Por isso, saímos em busca dos estudos que não foram publicados, mas que não são menos importantes. Porém, a bibliografia que encontramos sobre o assunto, na cidade de Fortaleza, foi reduzida. Isso porque a maioria dos estudos encontrados são monografias e Trabalhos de Conclusão de Curso das faculdades de Serviço Social, da Universidade Estadual do Ceará, e de Arquitetura, da Universidade Federal do Ceará, que tratavam muito resumidamente das condições sociais de alguns Conjuntos Habitacionais da cidade de Fortaleza como o Conjunto Palmeiras, o Conjunto José Walter, o Conjunto Alvorada, dentre outros.

Contudo, depois da busca incessante sobre estudos que já tivessem trabalhado algo mais próximo ao nosso objeto, dois trabalhos chegaram até nós. Os dois são dissertações de mestrado em História, sendo um da Universidade Federal do Pará e o outro da Universidade Federal do Ceará. O primeiro trabalho chama-se *As casas e as coisas: Um estudo sobre vida social e domesticidade nas moradias de Belém – 1800 – 1850*, de autoria de Luiz Antônio Valente Guimarães. Neste trabalho ele tem como:

(...) preocupação estudar as moradias urbanas de Belém na primeira metade do século XIX (...), identificar as relações sociais construídas nestes ambientes domésticos (...), e apontar as trajetórias das influências que sofreram os objetos

domésticos, incorporando ou produzindo suas próprias relações com o espaço da habitação⁷.

Esse trabalho foi o que mais se aproximou da nossa temática e do nosso objeto, pois foi nele que encontramos uma preocupação com o estudo dos objetos domésticos e em como o consumo destes objetos podem influenciar na disposição estética da habitação. Apesar do estudo de Guimarães não trabalhar diretamente com o conceito de estética e com o estudo do consumo de bens domésticos, como um aspecto da ascensão social, ele trabalha muito bem através de suas fontes, as trajetórias dos objetos domésticos no espaço da habitação, na primeira metade do século XIX. Porém, temos que salientar que o período, o espaço e o tipo de habitação trabalhada no estudo de Guimarães são bem distintos dos nossos, o que destaca neste aspecto a singularidade do estudo que pretendemos inferir aqui.

Já o trabalho de Thiago Schead de Souza, que se chama *Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)*, se aproxima do nosso estudo no espaço e no período, porém a temática é um pouco mais distante da de Guimarães. Neste estudo Thiago busca:

(...) fazer uma reflexão a respeito da ascensão do consumo de objetos técnicos e dos serviços urbanos e domésticos em Fortaleza. (...) Analisamos a relação entre objetos e serviços, interferindo num diálogo de mão-dupla, nas experiências ambíguas da modernidade, nas “práticas de consumo” e nas “formas de uso” dos objetos. No mais refletimos as transformações sofridas nas sensibilidades, gestos e sensações do corpo promovidas pelo “modo de vida moderno” e o uso dos artefatos tecnológicos, processando uma modificação dos serviços urbanos e das atividades domésticas⁸.

Apesar de Souza tratar da relação dos objetos com a habitação apenas no seu terceiro capítulo, pois seu foco é entender como os novos objetos técnicos ampliaram o setor de serviços urbanos, seu trabalho nos ajudou bastante a compreender o impacto dos novos objetos na sociedade de Fortaleza em um período anterior ao do nosso estudo. Porém, ainda assim, como vimos, Souza trata dos objetos em outro âmbito, não abrangendo o que pretendemos aqui.

⁷ GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **As casas e as coisas:** Um estudo sobre vida social e domesticidade nas moradias de Belém – 1800 – 1850. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006. p. 08.

⁸ SOUZA, Thiago Schead. *Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2008. P. 07.

A nossa procura nos mostrou que há na cidade de Fortaleza uma lacuna em estudos sobre estética habitacional nos tipos de habitação que nos propomos analisar. Se observarmos o mapa da cidade⁹, veremos que grande parte dela é constituída de Conjuntos Habitacionais – como Conjunto José Walter, Conjunto Ceará, Conjunto Palmeiras, Conjunto Esperança -, que foram construídos exatamente no período que abordamos nesta pesquisa, ou seja, a partir de 1964. Boa parte da periferia de Fortaleza é formada por Conjuntos Habitacionais, e na maioria das vezes, por causa da concentração habitacional, estes espaços geraram outros bairros ao seu redor. Portanto, a importância que a construção destes Conjuntos Habitacionais teve na vida da população pobre de Fortaleza é de total relevância para os estudos sobre a cidade, uma vez que os conjuntos se constituem no local de moradia do pobre. Entender como estas pessoas moram e transformam as suas habitações a partir de uma “arte de fazer” cotidiana, nos inquietou para que finalmente uma atenção fosse dada a estes estudos no campo da História.

Selecionamos o Conjunto Esperança dentre tantos outros conjuntos habitacionais da cidade de Fortaleza por algumas singularidades que encontramos nele. A primeira é que o Conjunto Esperança foi um dos primeiros Conjuntos Habitacionais da cidade a está inserido na nova política de habitação do BNH – Banco Nacional da Habitação. Uma política que visava, neste momento, a construção de habitações para pessoas com uma renda de 3 a 5 salários mínimos.¹⁰ A segunda é que entre todos os conjuntos construídos pelo BNH ele foi o único a ter dois tipos de habitação – casas e apartamentos, em um momento no qual na cidade de Fortaleza só se construíam conjuntos de casas e não de apartamentos. Para nós, o Conjunto Esperança teria iniciado esta nova experiência de construções, que no futuro será bastante utilizada por outras instituições financiadoras de habitações – como a Caixa Econômica Federal e as prefeituras.¹¹

Já nosso recorte temporal se estabelece a partir do período de 1981, ano de fundação do Conjunto Esperança e mesmo ano em que os moradores começam a transformação da estética e o consumo de bens domésticos em suas habitações, visando,

⁹ Ver mapa da cidade de Fortaleza no Anexo I.

¹⁰ RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. PECHMAN, Robert M. **O que é a questão da Moradia**. São Paulo – Nova Cultural: Brasiliense, 1985. (Companhia Primeiros Passos: 65).

¹¹ Companhia de Habitação do Ceará. **COHAB: ontem, hoje e a lembrança**. Fortaleza, 2000.

desta forma, a sua primeira conquista em relação à ascensão social: a casa própria. Segue até 2010, pois percebermos que foi neste ano que a maioria dos moradores entrevistados deram por encerradas as transformações estéticas das suas habitações. Ou seja, segundo estes moradores eles não pretendem fazer mais nenhuma reforma brusca na habitação, apenas reformas de manutenção, deixando claro que suas residências se encontram, finalmente, do jeito que desejavam.

Como já foi dito, a influência da Nova História e, conseqüentemente, da História Cultural, neste trabalho é imensa, principalmente no que se refere ao tratamento das fontes. A Nova História, que foi nomeada assim por Jacques Le Goff no livro “*La nouvelle histoire*”, do ano de 1978, é uma escola historiográfica que trouxe diversas inovações aos historiadores e seus objetos. Apesar da sua nomenclatura ter vindo a posteriori, a Nova História começou a se desenvolver desde a publicação da revista da Escola dos Annales, no final da década de 1920¹². Foi a partir da publicação desta revista que novos problemas, novas abordagens e novos objetos puderam ser discutidos pelos historiadores, fazendo que, assim, o pensamento histórico também pudesse ser ampliado e, portanto, desenvolvido. O crescimento destas novas discussões gerou a criação de várias histórias – social, política, econômica, cultural - que com o passar do tempo e com o amadurecimento do pensamento histórico tornaram-se ainda mais especializadas.

São nessas especialidades conseguidas pela Nova História que encontramos neste trabalho. Isso porque em um objeto como o nosso, que se baseia em construir a partir da memória oral e imagética dos moradores de um Conjunto Habitacional, como se processou uma estética interna e externa das moradias, é inextricável a utilização e o apoio de várias histórias que só puderam ser conseguidas pelo desenvolvimento da Nova História. Dentre as especialidades encontradas, listamos a História vista de baixo, a História Material que se delineia na História da Habitação¹³, a História do Consumo, a História Oral, a História das Imagens, etc.

¹² Opus cit. p. 09.

¹³ BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005, p. 91.

Para dar conta do nosso objeto e do problema proposto, é necessária, portanto, a utilização de diversos tipos de fontes e o seu eventual confronto. Essas fontes vão desde documentos oficiais a fontes orais, passando também pelas imagéticas e hemerográficas. Para viabilizar as muitas fontes que possuímos, adquirimos uma metodologia para cada tipo.

Como primeira fonte de pesquisa, temos os Jornais. Escolhemos trabalhar com o *Jornal O Povo*, pois este segundo Márcia Vidal¹⁴ era o maior e mais popular jornal do Ceará à época da pesquisa. A escolha nos foi considerada muito acertada, pois foi nele que encontramos algo que se tornou de relevante importância para nosso objeto: O Caderno Imobiliário. Era publicado, todas as sextas-feiras, no *Jornal O Povo*, no período de julho de 1980 a junho de 1985. Nesse caderno, verificamos matérias sobre o BNH, o SFH e, também, sobre outros tipos de financiamentos de imóveis da época, como a Caixa Econômica Federal. A especulação imobiliária é bastante salientada, assim como a situação econômica das construtoras e imobiliárias, incluindo as que construíam para as classes mais abastadas, como também as que construíam os Conjuntos Habitacionais de Fortaleza – artigos que nos revelam maior interesse. Há ainda entrevistas com várias pessoas consideradas importantes na época no ramo da construção e também alguns artigos de denúncias – mais raros – de moradores que habitam os conjuntos já construídos. O caderno, inclusive, mostra as maiores tendências em reformas, como surgimento de novas cores, novos tipos de materiais de construção e etc. Encontramos, além disso, muitas matérias relacionadas à arquitetura e aos arquitetos e muitas propagandas sobre venda de apartamentos em edifícios para pessoas com renda média e alta.

Desta forma, esta fonte nos ajudará durante a pesquisa a historicizar um pouco a época em que o Conjunto Esperança foi construído. É época na qual obras de todos os tipos aconteciam na cidade de Fortaleza e em que se pode perceber, principalmente pelas propagandas veiculadas, o estilo de morar da década de 1980.

A primeira vez que ouvimos falar do *Jornal O Grande Bairro* foi quando pesquisávamos na Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança (ACRE).

¹⁴ VIDAL, Márcia. **Imprensa e Poder: o I e II veteranos (1963/1966 e 1979/1982) no Jornal O Povo**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1994.

Lá encontramos algumas matérias deste jornal em forma de recorte, fato este que nos instigou a ir mais fundo e buscar as fontes originais. Através da ACRE conseguimos chegar ao fundador do Jornal, o Sr. Hamilton Cunha, que possuía todos os exemplares.

O *Jornal O Grande Bairro* era mensal e circulava nos bairros de Mondubim, Conjunto José Walter, Conjunto Esperança, Maraponga e Aracapé. Funcionou nos anos de 2003 a 2005 e trazia matérias sobre o cotidiano dos bairros anteriormente relacionados. As matérias encontradas falavam normalmente de denúncias dos moradores e das Associações de bairros, sobre as más condições destes. Havia também anúncio de festas e outros eventos que aconteceriam nos bairros e, ainda, notícias relacionadas à cidade de Fortaleza como um todo e muitas propagandas dos estabelecimentos comerciais dos bairros citados, que eram na verdade os patrocinadores do Jornal.

Esta fonte nos ajudará a entender um pouco do cotidiano do Conjunto Esperança e dos desejos dos moradores perante as melhorias no seu bairro em um período bem mais atual. Apesar das matérias serem poucas e curtas, esta fonte quando confrontada às outras pode nos ser de grande valia.

Como nosso principal objetivo nesta pesquisa é analisar a relação entre a estética e o consumo de bens domésticos na transformação do estilo de vida dos moradores do Conjunto Esperança, trabalharemos bastante com imagens. Estas são, primeiramente, fotografias encontradas nos jornais - tiradas na inauguração do conjunto ou em algumas matérias de denúncia -, fotografias antigas dos próprios moradores e fotografias atuais das habitações – exterior e interior. Trabalharemos também com as plantas das habitações, equipamentos comunitários e do Conjunto como um todo.

Muitas das imagens, principalmente as dos jornais nas reportagens de inauguração desses Conjuntos, foram tiradas antes da chegada dos moradores, fazendo com que, desta forma, as imagens fiquem iguais as das primeiras fotografias que eram tiradas, pois:

(...) mostram com frequência ruas implausivelmente desertas, para evitar os borões (...) causados pelo movimento rápido, ou representam pessoas em poses estereotipadas, como se os fotógrafos tivessem sido inspirados por pintores antigos. De acordo com suas atitudes políticas, os fotógrafos escolhiam representar as casas mais deterioradas, a fim de

apoiar a campanha pela extinção dos cortiços, ou as de melhor aparência, para se oporem a isto.¹⁵

Como as fotografias que iremos utilizar têm várias origens – jornalísticas, institucionais e pessoais – nossa metodologia perante as mesmas será de intenso confronto com outras fontes, pois assim como qualquer outra, a fonte imagética demonstra o olhar angular de quem a tirou, e para o nosso objeto a análise deste olhar será de extrema importância.

Como já citamos, utilizaremos também a História Oral no sentido de apreender dos moradores as questões que são postas neste trabalho. Portanto, a História Oral nos será útil, considerando:

(...) a fonte oral em si mesma e não só como mero apoio factual ou de ilustração quantitativa. Na prática, eles colhem, ordenam, sistematizam e criticam o processo de produção da fonte. Analisam, interpretam e situam historicamente os depoimentos e as evidências orais. Complementam suas fontes orais com as outras fontes documentais tradicionais do trabalho historiográfico. Não se limitam a um único método e uma técnica, mas as complementam e as tornam mais complexas. Explicitam sua perspectiva teórico-metodológica da análise histórica e, sobretudo, e sobre tudo estão abertos e dispostos ao contato com outras disciplinas.¹⁶

Ao pensar dessa forma, vemos que neste trabalho a utilização da História Oral se dá como uma metodologia e não apenas em fazer entrevistas e transcrevê-las, pois é importante também confrontá-las com as outras fontes, para que possamos analisar de forma mais criteriosa todas as problemáticas apresentadas aqui. Assim, gostaríamos de salientar que trabalharemos pelo método de amostragem, pois percebemos ser praticamente impossível, pelo tempo que temos disponível para a realização deste trabalho, fazermos uma abordagem geral dos moradores deste Conjunto Habitacional.

Por isso, adotamos alguns critérios de seleção dos nossos entrevistados. Como o Conjunto Esperança está dividido pelos tipos de habitação e o nosso objeto de análise é a estética e consumo de bens domésticos, faremos o seguinte: entrevistaremos 03 pessoas de cada tipo de habitação, com exceção dos apartamentos. Ou seja, serão entrevistadas 03 pessoas que possuíssem habitações Tipo C (sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e dois

¹⁵ BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem / Tradução, Vera Maria Xavier dos Santos – Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção História).

¹⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina, coordenadoras. **Usos e Abusos da História Oral**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

quartos); 03 pessoas que possuíam habitações Tipo B (sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e um quarto); 03 pessoas que possuíam habitações Tipo A (sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e nenhum quarto). Já em relação aos apartamentos entrevistaremos 05 moradores, fazendo um total de 14 entrevistas. Observamos ainda que daremos preferência a pessoas que moram no Conjunto Esperança desde sua fundação (1981), ou pelo menos que chegaram nos primeiros anos depois de sua construção e ocupação (1985). Também ressaltamos que os nossos entrevistados estão intimamente ligados às fontes imagéticas, isso porque só nos será interessante entrevistar aqueles moradores que possuem fotografias que mostram as transformações cotidianas ocorridas nas suas respectivas habitações. Com relação ao número de entrevistados, destacamos que é um número inicial, pois este será adaptado na medida em que a necessidade ou não de entrevistas forem surgindo.

Possuímos também alguns documentos escritos que nos foram doados pelos moradores do Conjunto Esperança. Dentre estes, encontramos recibos de pagamentos da COHAB, comunicados desta para um mutuário, e um abaixo assinado reivindicando o saneamento básico para o Conjunto Esperança, no ano de 1990, dentre outros.

Porém, para se fazer um trabalho histórico é necessário também a utilização de conceitos teóricos. Aqui a Nova História também foi de fundamental importância, pois foi ela que desde 1929 foi abrindo um leque de possibilidades para que hoje fosse possível a integração do historiador com as diversas disciplinas.

Peter Burke na conclusão do seu livro *História e Teoria Social* já afirmava a importância da teoria para o historiador e o seu contrário:

Estará claro agora, se não óbvio desde o início, que os empiristas e os teóricos não são dois grupos fechados e incomunicáveis, mas sim duas extremidades de um espectro. Da perspectiva teórica, empréstimos conceituais tendem a ser extraídos de disciplinas vizinhas. (...) Em troca historiadores, tal como etnógrafos, nos lembram da complexidade e da variedade da experiência e instituições humanas que as teorias, inevitavelmente, simplificam. Essa variante não implica que os teóricos, ao simplificar, estejam incorrendo em erro. Conforme procurei argumentar anteriormente, simplificar é a função dos teóricos, sua contribuição específica à divisão do trabalho entre abordagens e

disciplinas. O que esta variante sugere, entretanto, é que a teoria jamais pode ser “aplicada” ao passado¹⁷.

Sendo assim, será através do encontro com a teoria de várias disciplinas que este trabalho poderá se tornar mais inteligível. Nesta introdução, focaremos apenas nos principais conceitos utilizados, porém ao longo do trabalho vários outros conceitos aparecerão para nos ajudar a analisar a relação entre a estética e o consumo de bens domésticos na transformação do estilo de vida dos moradores do Conjunto Esperança.

É notável que esse sistema de construções de moradias para as pessoas de baixa renda indica uma forte imposição do espaço pelo governo, pois não existia a participação da população no planejamento feito para essas construções que, portanto, ficavam à mercê do planejamento apenas de técnicos pagos pelo governo. Em se tratando de Brasil, um governo ditatorial, isto contribuía para projetar formas de habitações nas quais fosse possível o controle e a disciplinarização da população. É para disciplinar o corpo, portanto, que essas espécies de Cidades Planejadas são construídas, cidades essas que, segundo Paola Berenstein.

como um conjunto reacional (re)aparece – lembremos o plano regular de cidades antigas, o sistema de Hipodamos – em oposição às aglomerações medievais fragmentárias e labirínticas. As cidades modernas mais bem-sucedidas numa lógica unitária, as que não exigem mais o uso de um mapa para que se oriente, nasceram com seu próprio mapa; são cidades piramidais, nas quais o estrangeiro não chega a se perder: os caminhos são claros, lógicos, ortogonais e, às vezes, numerados de acordo com uma grade modular. O resultado extremo dessa racionalidade, em sua homogeneidade e suas repetições de espaços semelhantes, provoca, algumas vezes, uma espécie de desorientação – como no labirinto de Borges ou nos Grandes Conjuntos Habitacionais modernistas - que é o próprio contrário do estado labiríntico.¹⁸

É para vencer as formas de dominação que são impostas pelo Estado e pelos empresários da construção civil, que os moradores do Conjunto Esperança elaboram as suas táticas cotidianas que, segundo Michel de Certeau, são:

ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio.¹⁹ Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por

¹⁷ BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 229.

¹⁸ JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da Ginga: A arquitetura das Favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

¹⁹ O “próprio” é uma vitória de lugar sobre o tempo. Permite capitalizar vantagens conquistadas, preparar expansões futuras e obter assim para si uma independência em relação a variabilidade das circunstâncias. É

lugar senão o outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meio de se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento ‘dentro do campo de visão do inimigo’, como dizia Büllow²⁰, e no espaço por ele controlado.²¹

As táticas dos moradores se refletem quando transformam esteticamente as suas habitações, principalmente aquelas que os Agentes Financeiros – a COHAB – proibiam reformar ou fazer qualquer tipo de modificação na sua estrutura, como é o caso das habitações em forma de apartamentos. Sendo assim, como os imóveis, de certa forma, ainda pertenciam ao governo, pois os pagamentos das prestações eram feitos, normalmente, em um período de 20 a 30 anos, as reformas eram realizadas no espaço inimigo, de acordo com as necessidades que surgiam no decorrer das suas vidas. Segundo Henry Lefebvre:

as necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidades e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatez e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energia e as necessidades de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem a necessidade de ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir estas percepções num ‘mundo’.²²

As necessidades que surgem para os moradores do Conjunto Esperança são a busca por um maior conforto, segurança, privacidade e beleza, que não encontram nas habitações que receberam da COHAB. Essas necessidades fazem que os nossos moradores queiram transformar esteticamente suas habitações com o objetivo de que elas sejam atendidas.

Um conceito que também nos é caro neste trabalho é o de Estética, evocado na obra da arquiteta Paola Berenstein Jacques, *Estética da Ginga*:

Baumgarten a chamou de logica facultis cognoscitivae inferioris. Filosofia das graças e das musas, ela não saberia rivalizar com a razão, mas traz um saber

um domínio do tempo pela fundação de um lugar autônomo. In: CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Vozes. 1994. p. 99.

²⁰ “A estratégia é a ciência dos movimentos bélicos fora do campo de visão do inimigo: a tática dentro deste”. (von Büllow). In **A Invenção do Cotidiano**. Michel de Certeau. Vozes. 1994.

²¹ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 4ª Edição; Petrópolis. Vozes. 1994.

²² LEFEBVRE, HENRI. **Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Centauro, 2001.

análogo àquele da razão. É a ciência do conhecimento e da razão sensíveis que ganha doravante o nome de Estética.²³

A palavra estética sempre nos evoca o sentido de beleza, daquilo que é bonito aos olhos. Porém, em seu trabalho, Berenstein usa esse conceito para colocar sua hipótese principal, que consiste na ideia de que as favelas possuem uma Estética própria, diferentemente da estética proposta pela arquitetura erudita, tornando-se, pois, uma arquitetura que a autora vai denominar de vernácula, ou seja, uma arquitetura onde as construções são realizadas por não-arquitetos.

O Conjunto Esperança se incluiria nessa hipótese na seguinte instância: ele teria, como todo e qualquer Conjunto Habitacional, partido de uma arquitetura erudita, ou seja, algo montado por arquitetos e possuiria, assim, uma estética mais formalizada. No entanto, com o passar do tempo, e pela própria deficiência de fiscalização nos imóveis da COHAB, no que diz respeito às reformas, os moradores passaram a transformar suas habitações a partir de uma arquitetura vernácula, ou seja, feita por eles mesmos, os numerosos não-arquitetos, que se juntam aos montes no nosso país. Fazem, a partir daí, a sua própria estética, dão o seu próprio sentido de beleza, que pode ser diferente ou não do sentido de beleza da arquitetura erudita. Baseados em suas experiências de vida, no que viram, no que experimentaram, passam a fazer ampliações, reformas, embelezamentos na habitação, mudando substancialmente o aspecto que teria um Conjunto Habitacional.

Isso nada mais é do que a bricolagem de que Certeau nos fala na *sua Invenção do Cotidiano*, na qual os usuários fazem “uma bricolagem, (...) usando inúmeras e infinitésimas metamorfoses da lei, segundo seus interesses próprios e suas próprias regras. Dessa atividade de formigas, é mister descobrir os procedimentos, as bases, os efeitos, as possibilidades”.²⁴

Entenderemos assim que, no Conjunto Esperança, esta estética abrange tanto a estrutura da habitação como um todo, como também a sua organização, e porque não dizer

²³ JIMENEZ, Marc. *Qu'est-ce que l'esthétique?*, Paris, Gallimard, 1997, p. 20. (Tradução da autora). Apud. JACQUES, Paola Berenstein, *Estética da Ginga: A arquitetura das Favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

²⁴ CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 4ª Edição; Petrópolis. Vozes. 1994.

decoração interna que, neste caso, envolveria conscientemente os bens domésticos de cada habitação.

Em relação aos capítulos desta dissertação, foram estruturados em três. Isso porque, num esforço para refletir sobre as estruturas dos tópicos, esboçaremos pontos importantes dentro de cada capítulo, apresentando suas especificidades e mostrando diferentes aspectos das transformações estéticas que aconteceram no Conjunto Esperança, visando entender o processo de ascensão social do bairro.

No primeiro capítulo, tentaremos historicizar o nosso objeto, buscando entender como se formou o Conjunto Esperança. Partindo daí, veremos um pouco da história da habitação social no Brasil, entendendo, assim, como se formaram os Conjuntos Habitacionais no país, especificando posteriormente a cidade de Fortaleza. Em seguida, analisaremos a fundação do Conjunto Esperança e as características da população que habita o bairro. Isto será importante para que possamos identificar a estética coletiva que foi posta no conjunto, através da transformação dos equipamentos públicos deste espaço. A partir das transformações estéticas do conjunto como um todo, analisaremos se realmente houve um processo de ascensão social coletiva no Conjunto Esperança, no decorrer dos seus 30 anos de existência.

No segundo capítulo, serão analisadas as transformações estéticas das habitações do Conjunto Esperança. Neste capítulo, pretendemos compreender as transformações que cada tipo de habitação do Conjunto teve e em qual período isso aconteceu. Vale salientar que, como existiam dois tipos de habitação no Conjunto – casas e apartamentos –, as transformações estéticas que aconteceram em cada uma foram diferentes. Ampliações, reformas, embelezamento, tudo isso será analisado de modo que possamos compreender a partir delas, a ascensão social ocorrida no Conjunto Esperança.

No terceiro capítulo, faremos uma análise de como os objetos domésticos também influenciaram nesta estética. Tentaremos perceber através das nossas fontes, principalmente orais e imagens, quais as necessidades que levaram os moradores do Conjunto Esperança a adquirirem os seus objetos. O consumo dos objetos domésticos dos moradores do Conjunto junto com as transformações estéticas de suas habitações será de

extrema ajuda para que possamos entender o processo de ascensão social deste bairro, na particularidade de cada tipo de habitação.

CAPÍTULO 01: Habitação social: dos cortiços à implementação do BNH e a construção do Conjunto Esperança.

1.1 A Política Habitacional no Brasil e no Ceará.

Ter onde morar. Eis algo que sempre significou muito para o ser humano. Ter um lugar para voltar depois do trabalho, para descansar, para criar os filhos. No entanto, através dos vários processos históricos que a humanidade sofreu, grande parte dos homens nem sempre teve um local de moradia. Sendo assim, este direito básico, tão imprescindível como comer e vestir, aparece como um dos principais problemas da sociedade, principalmente a partir do momento em que surgem os grandes conglomerados urbanos, nos quais a procura e a oferta de moradias vão ser muito discrepantes, fazendo, portanto, que grande parte da população fique sem uma casa para morar.

Ter direitos, principalmente em um país como o Brasil, sempre foi um grande problema, pois a cidadania aqui exercida é muito diferente, por exemplo, da cidadania que foi pronunciada pelos Direitos do Homem e do Cidadão francês, ou pela Declaração de Independência dos Estados Unidos, pois lá ser cidadão significa ter igualdade perante a lei e essa lei, na maioria das vezes é cumprida. No Brasil, a cidadania existente é uma cidadania relacional, ou seja, onde o que importa são as relações que se têm e não a lei que se vindica, pois quando no Brasil se conhece a pessoa certa, a lei que impera se torna apenas um mero detalhe institucional²⁵.

Na questão da moradia, isso se faz muito presente, pois as relações de clientelismo e apadrinhamento perduram, principalmente, por todo o processo de conquista do tão sonhado local de moradia das classes populares. Desta forma, um conceito que irá nos ajudar a entender esse aspecto é o de habitação social. Este conceito, encontrado na obra *Origens da Habitação Social no Brasil*, de Nabil Georges Bonduki, diz que a habitação social é a:

(...) habitação produzida e financiada por órgãos estatais destinada a população de baixa renda, mas num sentido mais amplo, que inclui também a regulamentação estatal da locação habitacional e incorporação, como um

²⁵ DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

problema do estado, da falta de infra-estrutura urbana gerada pelo loteamento privado²⁶.

Assim, queremos entender neste capítulo um pouco do contexto que levou o estado a se preocupar e a intervir nas habitações para os pobres. Como e a partir de que momento a habitação do pobre passa a ser uma preocupação do estado brasileiro? Por quais processos a habitação social passou até chegar a ser um programa habitacional organizado e lucrativo como o Sistema Financeiro da Habitação de 1964, que construiu o objeto aqui estudado?

Acreditamos, desta forma, que a necessidade de entendermos o nosso objeto como fruto de um processo histórico nos ajudará na compreensão das problemáticas aqui propostas sobre a estética e o consumo de bens domésticos no Conjunto Esperança.

No Brasil, o déficit habitacional sempre foi um grave problema. Com o crescimento das cidades a partir do fim da segunda metade do século XIX, causado pelo fluxo migratório do campo para a cidade (consequência da abolição da escravidão e da chegada de muitos imigrantes europeus ao Brasil), fez com que aumentasse a carência por habitação em todo o país.

Para as pessoas que não tinham condições de adquirir uma moradia digna, a opção era morar nas diversas formas de habitação popular que persistiram durante o tempo no país, como por exemplo, os cortiços e as favelas. O cortiço foi a forma de habitação que prevaleceu durante a Primeira República no Brasil. Os cortiços eram “(...) senão casas de dormida a que se adicionam alguns cômodos para uso comum: uma sala com vários fogões improvisados para gozo de todos, uma latrina pessimamente instalada e compridos corredores com iluminação insuficiente²⁷”.

No período em que os antigos sobrados dos centros das grandes capitais passaram a ser adaptados para a habitação popular, ou seja, tornaram-se cortiços, o governo brasileiro não investia em habitação para a população pobre. Todo o investimento neste tipo

²⁶ BONDUKI, Nabil Geoges. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura Moderna, lei do Inquilinato e difusão da casa própria. – São Paulo: Estação da Liberdade: FAPESP, 1998. P. 14.

²⁷ MOTTA, 1894. In. BONDUKI, Nabil Geoges. **Origens da habitação social no Brasil**. Arquitetura Moderna, lei do Inquilinato e difusão da casa própria. – São Paulo: Estação da Liberdade: FAPESP, 1998. P. 23.

de habitação era realizado por particulares. Construção de cortiços – incluímos aí o “cortiço-corredor”, o cortiço “casa de cômodos”, os vários tipos de vilas e o correr de casas geminadas²⁸ - era a maneira que se encontrava para suprir a demanda por habitações populares em um período no qual a cidade só se expandia. O governo passou a ter algum tipo de interferência apenas quando esses cortiços passaram a se mostrar uma ameaça para a saúde pública. Para Bonduki:

Frente à expansão da cidade, o poder público encontrou dificuldades – além de desinteresse, no caso de dos bairros populares – para atender a tantas solicitações. Os problemas que mais preocupavam as autoridades eram os que agravavam as condições higiênicas das habitações, dado que no final do século foram inúmeros os surtos epidêmicos que atingiram as cidades brasileiras. Essa questão passou a receber tratamento prioritário do Estado e pode-se dizer que a ação estatal sobre a habitação popular se origina e permanece na Primeira República voltada quase que apenas para esse problema²⁹.

Em um período onde uma nova forma de governo vigorava – a República –, a busca pelo progresso e pela modernização é visível nas grandes capitais brasileiras. Porém, modernizar uma cidade, que naquele momento não tinha quase nenhuma estrutura para receber um grande número de pessoas, era uma tarefa quase impossível. Muitos moravam em quartos que serviam de habitações, sem nenhum conforto e sem noções básicas de higiene, o que fazia emergirem grandes epidemias. Estas irão impedir, por muito tempo, o projeto de modernização do governo, fazendo que estas formas de habitação, dando uma ênfase maior aos cortiços, passem a ser alvos do poder público, por serem considerados insalubres e por não se adequarem às medidas de saúde pública da época. Ou seja, ao invés de reeducar a população para que as epidemias não eclodissem, o Governo da primeira república irá preferir o “bota-abaixo” das moradias populares e um conjunto de instruções para a construção de novas moradias populares, deixando isso ainda a cargo de empresas particulares³⁰.

Até 1930, poucas eram as pessoas da classe popular ou da classe média que possuíam uma habitação própria, isso porque até este momento a maioria das habitações era

²⁸ BONDUKI, Nabil Geoges. **Opus cit.** 1998. P. 43

²⁹ Idem. P. 20.

³⁰ Vale salientar que neste momento não era só a habitação que era deixada a cargo de serviços particulares, outros serviços públicos como o fornecimento de água, luz e transporte também eram designados para empresas particulares, sendo estas em sua maioria empresas estrangeiras.

alugada. Apenas depois deste período, as habitações populares terão algum tipo de investimento por parte do governo.

Além dos cortiços, outro tipo de habitação de aluguel era muito popular naquele período: as vilas operárias, que poderiam ser de dois tipos (de particulares ou de empresas). A primeira era produzida por investidores privados e destinada ao mercado de locação e a segunda era um assentamento habitacional promovido por empresas e destinada a seus funcionários.

Segundo a obra *Do Cabaré ao Lar*, de Margareth Rago³¹, estas Vilas, que foram construídas no período de 1890 a 1930, se constituíam em verdadeiras cidades ao redor das fábricas, que possuíam todos os equipamentos minimamente necessários aos trabalhadores para que estes não precisassem se deslocar para outras localidades e, assim, fossem controlados pelos patrões. Isto acontecia por dois motivos. Primeiro para que os funcionários estivessem sempre próximos da fábrica, pois caso acontecesse um problema de ordem técnica, os encarregados da manutenção poderiam ser convocados mais rapidamente. Segundo, para que não frequentassem bares ou cabarés depois do trabalho, porque ver e conversar com os amigos poderia se constituir em uma oportunidade de conhecimento de ideias que não eram bem vistas pelos patrões. Segundo Rago, a maioria das greves e reivindicações saía destes locais “pervertidos”.

Vale salientar, porém, que as habitações das vilas operárias empresariais não eram gratuitas. Assim, como quaisquer outros trabalhadores, os operários da fábrica pagavam o aluguel de suas residências. Um pouco mais baixos do que os alugueis do mercado regular, mas, ainda sim, um custo alto para o pequeno salário de um operário daquele período.

A partir de 1930, com o governo de Getúlio Vargas, abriu-se mais o leque de possibilidades para que fosse possível pensar em um investimento governamental em habitação. Neste momento, ampliou-se o número de profissionais voltados para o problema da habitação operária, fazendo que se tornasse possível pelo menos a possibilidade de

³¹ RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930** – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

discussão de alternativas para a solução do problema habitacional para a população de baixa renda.

Nas décadas de 1940 e 1950, a maioria dos trabalhadores ainda vivia dos aluguéis de habitações que eram construídas pelo setor privado. Ao contrário do que aconteceu nas primeiras décadas do século XX, o governo fez outras apostas e decidiu interferir de outras formas com relação à habitação do pobre. Dentre estas formas, encontramos a Lei do Inquilinato de 1942, que congelou os aluguéis para os trabalhadores, mas que também causou um desestímulo “a produção de moradias para locação pelo setor privado e com isso levando os trabalhadores a buscar os loteamentos de periferia, até então pouco ocupados”³². Além disso, houve a criação de órgãos federais ou regionais de produção da habitação como as Carteiras Prediais dos IAPs (1938) e a Fundação da casa Popular em (1946). Porém, apesar de terem “sido medidas tomadas no mesmo período, nada indica que elas foram adotadas como parte de uma política deliberada e planejada algo como uma política habitacional para país”³³.

Nas primeiras décadas do século XX, começa a se intensificar pelo Brasil outra forma de habitação para o pobre: as favelas. Estas, assim como os cortiços, eram mal vistas pelo governo, pois além de proporcionar o “enfeamento” das cidades, que buscaram durante todo o século XX o progresso e o embelezamento, eram também consideradas núcleos de epidemias de doenças.

Com o crescimento das cidades e a diminuição das habitações populares para aluguel – por causa da Lei do Inquilinato de 1942, que acabou por desestimular o mercado rentista – as favelas começaram a se sobressair como a forma de habitação do pobre. A partir da década de 1940, elas tomam uma considerável porção de espaço nas grandes capitais. No Rio de Janeiro, que segundo o censo de 1970, possuía a maior concentração de favelas entre as capitais brasileiras, as favelas chegavam ao número de 375. Desta forma,

³² Opus cit. p. 12.

³³ Idem, p. 13.

naquele período, um a cada quatro moradores da capital carioca era um morador de favela³⁴.

Essa situação incomodou o governo e as elites financeiras – principalmente as que dependiam da especulação imobiliária –, por isso foram criados vários planos de moradias sociais, que incluíam desde mutirões para autoconstruções até ao nosso principal objeto, os Conjuntos Habitacionais. Estes se constituíam em habitações planejadas, similares entre si, conjugadas, caracterizados por uma paisagem monótona e pela distância do centro da cidade.³⁵ Os Conjuntos significaram neste momento:

(...) uma nova proposta não apenas de arquitetura e urbanismo, mas também de produção, incorporando os pressupostos do movimento moderno que propunham a edificação em série, com padronização e pré-fabricação, como instrumentos para atender as grandes demandas existentes nas cidades contemporâneas, marcadas pela presença do operariado. Além disso, revela-se nesta produção uma preocupação de se criar um novo modo de vida, mais socializado, na perspectiva de se entender a habitação não apenas como um bem a ser apropriado individualmente, mas como um serviço público³⁶.

Os Conjuntos Habitacionais, da forma como estudamos aqui, vão começar a ser produzidos³⁷ no Brasil, dentro de um Regime Militar que emerge no ano de 1964³⁸. Mesmo partindo de uma política autoritária e totalmente repressiva, este regime tencionava o progresso do país a qualquer custo. E para que isso acontecesse, um mínimo de organização e disciplina, como manda o “figurino militar”, era necessário. Sendo, então, as favelas a grande desordem da cidade, o que mais cabia a estas autoridades era impor a ordem, e a solução encontrada para isso em muitos casos foi a construção de Conjuntos Habitacionais.

O Conjunto Habitacional é, portanto, no mínimo, limitador, para aqueles que chegam de locais onde não existe uma determinada ordem e tudo parece – pelo menos parece – ser um pouco mais livre. Nas favelas, a liberdade não se verifica apenas no ato de

³⁴ VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma Casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. P. 07.

³⁵ VALLADARES, Licia do Prado. **Opus cit.** 1978, p. 17 – 18.

³⁶ Idem. P. 15.

³⁷ Falamos em produção porque estas construções foram caracterizadas pela produção em série e em larga escala, não se diferenciando, desta forma, de quaisquer outros objetos produzidos por fábricas.

³⁸ É interessante salientar que outros conjuntos residenciais já haviam sido construídos no país anteriormente, principalmente pelas Carteiras Prediais dos IAPs, no período do Governo Vargas. Porém, o que torna este período tão singular na história do Brasil, é que estes conjuntos habitacionais nunca haviam sido construídos em tão larga escala, como a partir do governo de 1964.

habitar, mas também nos impostos a pagar, que nestas, em sua maioria, são inexistentes. O Conjunto é limitador também, para o indivíduo que chega do interior, pois o fluxo migratório do campo para a cidade sempre aumentou, e se vê obrigado a residir em pequena casa, com um minúsculo quintal, que contradiz, em muitos casos, com a sua moradia do sertão, onde o espaço do lado de fora da casa era grande o bastante, e muito mais livre do que as ruas paralelas de um Conjunto Habitacional. Limitador para um ser que chega, e vê aquela ordem, que apesar de ser mais bela aos olhos, não se identifica quase em nada com ele.

Logo, esse Conjunto traz algo novo para a vida das pessoas. Algo que vai impor uma ordem e vai limitar a liberdade dos que já não usufruem dela por estarem sujeitos a um Regime Militar. Então, para melhor caracterizar esse tipo de construção, utilizaremos aqui o conceito de disciplina de Michel de Foucault: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade – utilidade, são o que podemos chamar de as disciplinas”³⁹.

No caso dos Conjuntos Habitacionais, é perceptível que este sistema de construção de moradia para pessoas de baixa renda indica uma forte imposição do espaço pelo governo, pois não existia a participação da população no planejamento feito para estas construções que ficavam a mercê do planejamento apenas de técnicos pagos por um governo ditatorial, que projetavam habitações nas quais fosse possível o controle e a disciplinarização da população. Essa falta de participação fará, como veremos a seguir, que muitos moradores desses Conjuntos Habitacionais não permaneçam com suas habitações. É para disciplinar o corpo, portanto, que essas espécies de Cidades Planejadas são construídas. Cidades essas que, segundo Paola Berenstein, são:

como um conjunto reacional (re)aparece – lembremos o plano regular de cidades antigas, o sistema de Hipodamos – em oposição às aglomerações medievais fragmentárias e labirínticas. As cidades modernas mais bem-sucedidas numa lógica unitária, as que não exigem mais o uso de um mapa para que se oriente, nasceram com seu próprio mapa; são cidades piramidais, nas quais o estrangeiro não chega a se perder: os caminhos são claros, lógicos, ortogonais e, às vezes, numerados de acordo com uma grade modular. O resultado extremo dessa racionalidade, em sua homogeneidade e suas repetições de espaços semelhantes,

³⁹ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987, pág. 118.

provoca, algumas vezes, uma espécie de desorientação – como no labirinto de Borges ou nos Grandes Conjuntos Habitacionais modernistas - que é o próprio contrário do estado labiríntico.⁴⁰

O que observamos aí, no entanto, é que partindo do princípio das cidades planejadas, os Conjuntos Habitacionais são formas de controlar e disciplinarizar o espaço e as pessoas que nele estão, proporcionando que a desordem anterior dos cortiços e favelas não se verifique mais.

O Sistema Financeiro de Habitação vem, portanto, como uma solução do Regime Militar brasileiro para o problema do déficit habitacional. O Sistema Financeiro da Habitação é criado no intuito de diminuir o déficit habitacional, como já foi dito, mas também para gerar novos empregos, fazendo assim, com estas benesses, que a população fosse controlada e não se revoltasse contra o Regime Militar. Esta forma disciplinadora gerou, portanto, um jargão que era utilizado por muitos neste momento: “um morador a mais, um revolucionário a menos”.

A ideia do Estado, que existia por cima deste jargão, era de que se as pessoas tivessem uma moradia ou um emprego, por pior que fosse, elas não se rebelariam contra o governo, pelo medo de perder a pequena moradia que conquistaram através do Sistema Financeiro de Habitação. Isso fazia que muitas pessoas recuassem na hora de reivindicar algo para o seu maior bem estar (que muitas vezes era de direito seu, pelo menos perante a lei). No entanto, em alguns casos, essa forma de controle do estado não deu certo, pois a população se revoltou e passou a reivindicar seus direitos através de manifestações em ruas ou por abaixo-assinados. Temos como exemplo, neste, caso o Conjunto Tancredo Neves, localizado na cidade de Fortaleza – CE e muito bem salientado na obra *A Política da Escassez*, organizada por Elza Braga e Irllys Barreira.

Em 1964, são criadas, então, algumas instituições para a construção dos Conjuntos. Tais instituições são o BNH e a COHAB. Cada uma delas vai cuidar de uma parte do processo da construção dos Conjuntos. No caso do BNH, ele vai ficar responsável

⁴⁰ JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da Ginga: A arquitetura das Favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

por três tipos de investimentos, que, segundo a obra *Política Habitacional no Regime Militar*, de Ermínia Maricato são:

apoio aos conjuntos habitacionais (infra-estrutura e equipamento complementar); obras urbanas propriamente desligadas de conjuntos residenciais financiados pelo BNH e por vezes até mesmo desligados do uso residencial; obras de apoio a grandes projetos de abrangência inter-regional ou nacional.⁴¹

No caso dos investimentos citados acima, o que mais nos interessa é o de apoio e financiamento aos conjuntos habitacionais. Estes financiamentos do BNH para a compra da casa própria nos Conjuntos Habitacionais funcionava da seguinte maneira: as pessoas que quisessem comprar uma casa poderiam fazê-lo utilizando o Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo (SBPE) ou pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS). O FGTS foi criado “pelo governo, em 1967, como uma espécie de fundo-desemprego constituído de 8% das folhas salariais dos trabalhadores regidos pela Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), visando, portanto, que o empregado quando despedido sem justa causa tivesse à sua disposição uma quantia que lhe permitisse viver durante o período de desemprego. (...) Posteriormente essa lei foi alterada, possibilitando ao empregado a retirada do FGTS em outras situações que não apenas a de desemprego. (...) Posteriormente uma nova Resolução trouxe mais uma opção para a retirada do FGTS: a compra da casa própria”.⁴²

Portanto, o SFH ficava responsável pelo sistema em geral da habitação, enquanto o BNH comprava os Conjuntos das construtoras e imobiliárias e também concedia os empréstimos aos futuros usuários dos imóveis. Já a COHAB, que estava inserida no BNH e era o seu principal programa, se destinava a cobrança das taxas pagas pelos usuários dos imóveis, dentre outros⁴³. A COHAB tinha também como finalidade a

⁴¹MARICATO, Erminia. **Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro a crise econômica**. Petrópoles, Vozes: 1987.

⁴² **O POVO**, 1 de agosto de 1980, Imóvel: utilização (inteligente) do FGTS em tempo de inflação.

⁴³ A COHAB não era, portanto, o único programa do BNH, pois havia também: PLANHAP (Plano Nacional da Habitação Popular), PROFILURB (Programa Financeiro de Lotes Urbanizados), PROHEMP (Programa Nacional Empresa), FINASA (Programa de Financiamento para Saneamento), PLANASA (Plano Nacional de Saneamento), CURA (Comunidades Urbanas de Recursos Acelerado), PRODEPO (Programa de Apoio ao Desenvolvimento de Pólos Econômicos), FINACO (Programa de Financiamento de Matérias de Construção), RECON (Financiamento Direto ao Consumidor de Materiais de Construção), REINVEST (Financiamento do ativo fixo para modernização, ampliação e implantação de indústrias de materiais de construção), REGIR (Financiamento para Capitais de Giro na Empresas), PROFILORBE (Programa de Financiamento de lote

construção dos Conjuntos, ficava responsável ainda pelas inscrições das pessoas que concorreriam às habitações e pela posterior divulgação destas nos jornais. Por conseguinte, marcavam uma data para o sorteio das habitações e encaminhavam as pessoas para os Conjuntos Habitacionais. Chegando lá, faziam um questionário socioeconômico, através das Assistentes Sociais, onde se verificava quais eram as principais necessidades desses interessados em relação àquele conjunto específico. No entanto, é possível verificar que, apesar deste “interesse” em atender as necessidades da população, poucas delas se tornavam realidades nos conjuntos e, na verdade, quando se tornavam, davam-se apenas depois de muita luta dos moradores.

A população que era atendida pela COHAB modificou-se durante o período de existência do Sistema Financeiro da Habitação. Inicialmente, a renda da população a quem se destinavam as habitações dos Conjuntos tinha que estar entre 01 e 03 salários mínimos. Porém, no decorrer dos anos de 1970 isso mudou. A renda permitida para financiar uma habitação passou a ser de 03 a 05 salários mínimos. Isso se deu porque, a princípio, o programa tinha o objetivo de atender pessoas que realmente ganhavam pouco e não tinham condição alguma de comprar a casa própria. No entanto, como as empresas que construíam os Conjuntos eram privadas e, portanto, visavam o lucro, isto não durou. Os mutuários passaram a ter uma inadimplência muito elevada nas prestações das habitações, o que fez o Banco Nacional da Habitação perceber que não seria possível a construção de residências, que dessem algum tipo de lucro para as empresas, pois os compradores eram pessoas com renda muito baixa. Dessa maneira, em meados da década de 1970, a lei que regulamentava a construção e financiamento de habitações foi modificada.

Outra mudança foi o período de financiamento. No início do programa, o mutuário da habitação tinha de 20 a 25 anos para quitar a sua conta, mas com o passar dos anos esse período também se ampliou para 25 a 30 anos.

Em relação aos Conjuntos Habitacionais, vão existir dois contextos de criação: um deles é para a remoção de favelados e o outro, o que mais vai nos interessar, é o contexto dos “inscritos”, o qual analisaremos posteriormente. O contexto para a remoção de

Urbanizado), FICAM (Programa de Financiamento de Complementação, Ampliação ou melhoria de Unidades Habitacionais, PROMORAR (Programa de erradicação da sub-habitação), dentre outros.

favelados vigorou mais plenamente nas cidades onde as favelas eram abundantes, como Rio de Janeiro e São Paulo. No início, o programa habitacional era exclusivamente dedicado a esta população. Com o passar dos anos e com a percepção da ineficiência do programa, foi que os Conjuntos Habitacionais passaram a ser construídos para outro tipo de população. Os Conjuntos construídos para remoção de favelados pediam de 01 a 03 salários para financiamento da habitação, já no contexto dos inscritos, o salário solicitado seria de 03 a 05. Considerando isso, podemos entender que as pessoas que iam para Conjuntos de remoção eram bem diferentes, não só em renda, como também na cultura.

Em relação aos Conjuntos construídos para a remoção de pessoas da favela, um dos primeiros problemas que se percebeu, foi que a maioria das pessoas que residiam nestas favelas não queriam ser removidas para os Conjuntos Habitacionais. Isso pode nos fazer pensar o porquê de tal atitude, já que elas saíam de um lugar em que não há condição de moradia para ir para uma casa com uma estrutura bem melhor do que os locais em que habitavam. No entanto, o que os jornais da época diziam não era bem isso:

Para essas populações marginalizadas, continuou o sofrimento, são criadas os Conjuntos Habitacionais tipo COHABs etc, verdadeiras favelas passadas a limpo, sem nenhuma condição de vida, como diria Milton Nascimento, de se levar vida de gente. Faltam-lhes água, esgotos, transportes, escolas, infra-estrutura urbana. Uma única linha de ônibus, na maioria das vezes, para servir a toda uma população. Pelas grandes distâncias as pessoas têm que pegar duas conduções, pagar mais caro por elas e ainda chegar atrasadas ao emprego. Por outro lado, as populações com poder aquisitivo um pouco mais elevado, na esperança da posse da casa própria, são levadas a aceitar quaisquer condições de ocupação urbana.⁴⁴

Quando a autora Ermínia Maricato vai falar das construções da COHAB – SP ela também ressalta o estado das habitações daquela Unidade Federativa:

O péssimo estado em que elas (as habitações) se encontram decorre não só do abandono, mas também de falha na construção, características dos demais conjuntos construídos. Por isso uma tempestade de vulto oferece quase sempre o perigo de destelhamento das casas da COHAB como ocorreu no início de 1971, quando cerca de 2 mil pessoas residentes no Conjunto Brigadeiro Haroldo, de Cumbica, tiveram que ser evadidas por que a chuva danificou e destelhou inteiramente suas casas.⁴⁵

⁴⁴ **O POVO**, Caderno Imobiliário, Fortaleza, 09 de Janeiro de 1981.

⁴⁵ MARICATO, Erminia. **Política Habitacional no Regime Militar: do milagre brasileiro a crise econômica**. Petrópoles, Vozes: 1987.

Logo, o que se percebe é que estes Conjuntos eram construídos em localidades muito distantes e, apesar do governo e dos arquitetos dizerem que estes Conjuntos eram melhores do que as favelas, havia discursos que contrariavam estas afirmações, como de algumas obras e jornais da época. Isso porque, de acordo com as citações, a infraestrutura destas habitações era péssima, uma vez que além da falta de equipamentos urbanos, a qualidade dos materiais de construção com as quais eram feitas as casas deixava a desejar.

A questão da distância era algo que agravava em demasia a situação destes Conjuntos, pois, por ainda não terem os equipamentos comunitários necessários à sobrevivência, estes não possuíam locais para fazer compras, áreas de lazer, templos religiosos, o que gerava o deslocamento para outros bairros, a fim de atender a este tipo de necessidade. Neste período, o deslocamento não era fácil: os transportes eram muito precários e isso fazia que as pessoas que moravam nas favelas do centro das cidades, ou pelo menos próximo dele, não quisessem deixar a favela para irem morar longe de tudo, ou seja, hospitais, centros comerciais, escolas etc.

Uma obra que vai tratar muito bem desta questão é *Passa-se uma Casa*, de Licia do Prado Valladares. Esta obra trata de como se deu o processo de construção dos Conjuntos Habitacionais no Rio de Janeiro e como se deu o processo de remoção das favelas para os Conjuntos Habitacionais. Na sua análise a autora conclui que:

Todos esses comportamentos e atitudes dos moradores frente à operação de remoção mostram o quanto esta, ao ser colocada em prática, gerou efeitos totalmente imprevistos pelos planos governamentais. Realimentou o crescimento do próprio elemento que pretendia eliminar do espaço: a favela. Gerou também uma série de mecanismos informais, verdadeiras práticas de distorção do sistema habitacional, que por si só colocam em questão seu planejamento racional e técnico. Provocou a mobilidade geográfica de parte da população atingida pelo programa, que não conseguiu fixar. Ocasinou, ainda, uma nova distorção, verificada na alteração da clientela dos Conjuntos Habitacionais, que passaram a abrigar uma população bastante heterogênea e não mais marcada pela origem favelada.⁴⁶

A estratégia do governo de remover estes moradores das vistas da população fracassou, uma vez que as pessoas que moravam na favela não pagavam nenhum imposto relativo à água, à luz, mas também não desfrutavam de nenhum desses benefícios com qualidade. Já nos conjuntos habitacionais, estes moradores teriam que pagar os impostos de

⁴⁶ VALLADARES, Licia do Prado. **Opus cit.** p. 17 – 18.

benefícios precários ou, até mesmo, inexistentes. Incluindo ainda a taxa da casa, coisa que ainda não mencionamos (significa que estas casas populares tinham preços baixos, logo, não eram gratuitas).

Portanto, como a miséria do povo brasileiro é grande, muitos não tinham condições financeiras e acabavam passando suas casas para outras pessoas que não eram o alvo inicial do programa de Habitação e, voltando, por conseguinte à favela. Desta forma, o público alvo ao qual pretendia o Governo atingir, ou seja, a população que ganhava entre 01 e 03 salários mínimos, talvez não tenha conseguido efetivar a compra das residências porque não lhe foram dados subsídios para isso. Segundo a autora Lícia do Prado, este processo faz que novas favelas surgissem no Rio de Janeiro.

Aproximando-se um pouco mais do nosso objeto, entenderemos um pouco do que estava acontecendo no estado do Ceará neste momento. A partir da década de 1960, o Ceará estava sendo orquestrado por uma política de “modernização conservadora”, tendo como maestros três “coronéis” principais, sendo eles Virgílio Távora, César Cals e Adauto Bezerra. Os três fizeram do clientelismo o ponto chave dos seus mandatos, onde o que importava era apenas a política das relações. Política que, como veremos mais adiante, influenciará sobremaneira na política habitacional implantada pelo plano federal em todo o país, principalmente no que se refere à entrega das habitações.

Em relação à construção dos Conjuntos Habitacionais no Ceará, a principal instituição criada foi a COHAB – CE. Apesar desta instituição só ter sido fundada em 14 de dezembro de 1971, ou seja, sete anos após o início da política habitacional, ela foi precedida por outras duas instituições que iniciaram a construção dos Conjuntos no Estado do Ceará. A primeira instituição foi criada em 1964, ou seja, junto com a implantação do SFH, e foi denominada de CHEC – Companhia de Habitação do Estado⁴⁷. Já a segunda instituição que atuou antes da COHAB – CE, foi a COHAB – Fortaleza – Companhia de

⁴⁷ A CHEC tinha como objetivo a: “realização de pesquisa e estudos necessários à formação de uma política habitacional para o Estado; elaboração dos planejamentos físicos baseados nas pesquisas e estudos nos moldes das Diretrizes do Planejamento Regional estabelecidos pela SUDENE; elaboração e execução dos programas de habitação do Estado”. Companhia de Habitação do Ceará. **COHAB**: ontem, hoje e a lembrança. Fortaleza, 2000.

Habitação de Fortaleza⁴⁸. Ela foi criada no ano de 1968, pelo então prefeito de Fortaleza, José Walter Cavalcante. Esta instituição concentrou todos os seus esforços na construção de um único Conjunto Habitacional, o Conjunto Prefeito José Walter, considerado até hoje um dos maiores Conjuntos Habitacionais construído no Ceará, com suas 4774 casas iniciais. A primeira e maior parte do Conjunto foi entregue em 1971 e a quarta etapa em 1972.

A COHAB – CE se fundiu em 1971 com a COHAB – Fortaleza, tornando-se assim uma única instituição. Em todo o seu período de existência de 1971 a 1997, a COHAB – CE⁴⁹ construiu e recuperou 65.207 unidades habitacionais, distribuídas em 164 Conjuntos Habitacionais situados na Capital e interior do Estado. A COHAB – CE construiu conjuntos com recursos dos diversos programas habitacionais do Sistema Financeiro da Habitação, mas também com recursos de outras instituições, como, por exemplo, o PROAFA e o IPEC. Porém, o seu maior Conjunto Habitacional foi construído com os recursos do SFH, o Conjunto Jereissati, construído em três etapas, concluídas em 1984, 1985 e 1986 com um total de 11.334 habitações.

Como na cidade de Fortaleza as favelas não eram tão abundantes como no sudeste do país, apenas alguns Conjuntos Habitacionais vão ser criados com a intenção que a obra de Valladares afirma, ou seja, remoção de favelados. Estes Conjuntos foram: Conjunto Alvorada, Marechal Rondon e Conjunto Palmeiras.⁵⁰ Portanto, de todos os conjuntos que foram construídos em Fortaleza apenas estes três foram para a remoção de favelados.

O Conjunto Esperança, porém, não se insere neste contexto, pois, fazia parte de um programa voltado para os chamados “inscritos”, ou seja, pessoas que iam pessoalmente

⁴⁸ A COHAB – Fortaleza tinha como objetivos: estudar os problemas habitacionais do município de Fortaleza e elaborar programas de construção de casa própria para famílias de baixa renda; planejar e executar o programa de erradicação de mocambos e favelas; estabelecer acordos e convênios com entidades e órgãos estaduais, regionais, nacionais e estrangeiros para obter assistência técnica e financeira. Companhia de Habitação do Ceará. **COHAB: ontem, hoje e a lembrança**. Fortaleza, 2000.

⁴⁹ A COHAB – CE tinha como objetivos a: “administração dos financiamentos concedidos pelo Banco Nacional da Habitação – BNH – destinados à construção de unidades integrantes de Conjuntos Habitacionais de interesse social; produção e comercialização de unidades habitacionais de interesse social; aquisição, urbanização e venda de terrenos; execução de atividades de construção civil; apoio a projetos e programas de desenvolvimento comunitário; compra e venda de materiais para atendimento das metas”. Companhia de Habitação do Ceará. **COHAB: ontem, hoje e a lembrança**. Fortaleza, 2000.

⁵⁰ BRAGA, Elza Franco. BARREIRA, Irllys Firmo (Org.). **A Política da Escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1991.

à COHAB se inscrever para os Conjuntos Habitacionais, esperando ser um dia sorteados. Algum destes inscritos segundo afirma Licia do Prado, só conseguiam a casa por causa de alguns “pistolões” que tais pessoas tinham dentro da COHAB. Apenas uma característica, no entanto, do sistema clientelista que vigora naquele momento. No Ceará, esse sistema, como já comentamos, foi realmente muito forte por causa da chamada política dos coronéis. Em uma das entrevistas que fizemos, uma das moradoras do bairro do Conjunto Esperança, a Sr^a. Maria do Carmo da Costa, afirma que:

Eu tinha me inscrito para a 4^a etapa do Conjunto Ceará, mas a casa saiu para o Conjunto Esperança, até por que o pessoal no momento dizia que só recebia casa quem tivesse um pistolão lá dentro. E no momento eu não tinha. Depois eu conversei com um senhor que trabalhava numa firma ele me disse, me dá teu nome, aí ele disse que ia levar para um deputado, uns três meses depois, mais ou menos, uns três meses depois que eu tinha botado o meu nome, o deputado morreu. Aí eu pensei que nem ia sair por que só saia para quem tinha pistolão, e como eu não tinha e o cara tinha morrido...⁵¹

Esse contexto de inscritos não significa que não foram para os conjuntos em questão pessoas de baixa renda, pois, de acordo com o histórico do Conjunto Esperança, instalaram-se ali assalariados, pequenos funcionários públicos e pequenos comerciantes.⁵² Isso acontece não só com o Conjunto Esperança, mas com a maioria dos outros conjuntos habitacionais construídos em Fortaleza, incluindo o José Walter, o Conjunto Ceará e outros.⁵³ Neste sistema:

Através de recursos do BNH, a COHAB – CE, na qualidade de agente financeiro e promotor, construiu, no período de 1972 a 1989, um total de 49.750 unidades habitacionais, em diversos conjuntos: [Cidade 2000 (1971), Nova Assunção (1972), José Walter (1973), Conjunto Ceará (1977), Conjunto Industrial (1979), Conjunto Esperança (1981), Timbó (1983) Nova Metrópole (1985), Araturi (1985), Jereissati (1984)] (O POVO 28/01/96). Edificados em áreas periféricas, em locais isolados e quase sempre possuindo equipamentos comunitários (escolas, postos de saúde, delegacias), que muitas vezes não funcionavam adequadamente para atender outra demanda, estes conjuntos apresentam problemas crônicos como falta de saneamento, má infra-estrutura, transportes deficientes, ausência de áreas de lazer, segurança etc.⁵⁴

⁵¹ Entrevista com Maria do Carmo da Costa, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 18 de agosto de 2007.

⁵² Afirmação retirada de pequeno histórico do Conjunto Esperança realizada pelos próprios moradores.

⁵³ NUNES, Maria do Socorro. **A prática do Serviço Social face a Política Nacional da Habitação**. Fortaleza, Departamento de Serviço Social.1982. (TCC).

⁵⁴ **O Povo**, Fortaleza, 28 de janeiro de 1996.

É neste contexto, então, que surge o objeto aqui estudado. O Conjunto Esperança é um Conjunto Habitacional, construído por uma política de habitação do regime militar brasileiro, que entra em vigor a partir de 1964. Construído para pessoas de baixa renda - que precisavam possuir neste momento uma renda de 03 a 05 salários mínimos -, mas que não tinha como objetivo a remoção de pessoas advindas de favelas.

1.2 O Conjunto Esperança: os equipamentos comunitários e as lutas dos moradores pela ascensão social.

“Eu acho bonito o Conjunto Esperança. Eu acho bonito porque é um pessoal muito bom que mora no Conjunto Esperança. E outra coisa também, eu acho que o conjunto em si já tá mudando o patamar dele. As pessoas estão reformando as casas, as pessoas estão se valorizando, e nós vamos ser mais valorizados com o metrô que está chegando aí. Eu acho que o Conjunto Esperança vai ficar mais valorizado ainda. Eu acho bonito o Conjunto Esperança, eu acho bonito”.⁵⁵

Iniciamos este subtópico com a fala de uma moradora do Conjunto Esperança. Quando ela foi questionada sobre o que acha do seu bairro, respondeu que o achava bonito. Esta beleza que a Dona Rosilene vê em seu bairro parte de dois motivos. O primeiro é pelos laços de amizade que ela já formou com as pessoas que moram ao seu redor e segundo pelas modificações que aconteceram no bairro no decorrer dos anos, transformando o aspecto do Conjunto Esperança.

As pessoas que vieram morar no Conjunto Esperança eram pessoas de baixa renda, mas que não necessariamente eram originárias de favelas. Porém, como naquele período os Conjuntos Habitacionais também eram construídos para a remoção de favelados, como já mencionamos, existia um estereótipo de marginalizado para quem ia habitar este tipo de construção. Isso impulsionou que os moradores deste Conjunto Habitacional buscassem transformações no seu bairro, não só pela melhoria de suas condições de vida, mas também pela busca de uma ascensão social.

Neste sub-tópico, analisaremos a criação do Conjunto Esperança, que tipo de equipamento comunitário o Conjunto possuía, como esses equipamentos foram se modificando no decorrer do tempo, de acordo com as necessidades de cada morador, que

⁵⁵ Entrevista com Antônio Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

outros equipamentos comunitários foram sendo criados, e qual a relação de cada um deles com a busca da ascensão social por estes moradores.

Iniciaremos, agora, entendendo um pouco dos primeiros anos do Conjunto Esperança, que foi, primeiramente chamado Conjunto Nova Esperança, e que antigamente era apenas um terreno cercado, ou melhor, uma fazenda, a fazenda Esperança. Esta tinha como proprietário o Sr. João Bastos Neto, renomado advogado de Fortaleza. Com o falecimento dele, o terreno ficou para sua esposa, a Sr^a. Julieta Bastos, que alguns anos depois vendeu o terreno para o Governo do Estado, que tinha o objetivo de construir um conjunto habitacional, em janeiro de 1980.

Os limites da fazenda Esperança eram: ao norte, a Estrada do Siqueira; ao Sul, a Rua Raimundo Aristides; ao leste, a Estrada de Ferro Fortaleza - Baturité; e ao oeste, a Avenida Cônego de Castro. Estes limites correspondem mais ou menos a uma área de 110 hectares.⁵⁶ Vale salientar, também, que no terreno onde foi construído o Conjunto havia duas grandes lagoas, uma era a do Boi, onde fica atualmente o campo de futebol do Conjunto Esperança, e a do Jenipapo, que se localizava atrás do atual 6º Batalhão da Polícia Militar. Havia ainda uma terceira lagoa, bem menor nas suas proporções, que secava durante parte do ano – esta se localizava atrás de onde, hoje, funciona a E.E.F.M. Irapuan Cavalcante Pinheiro.

Com a compra do terreno pela COHAB, começou a construção do Conjunto. Primeiramente, foi feita a derrubada da mata, em seguida, o nivelamento do terreno entre as áreas altas e baixas, o aterramento das lagoas, a demarcação dos terrenos das casas e dos apartamentos e, por último, a construção simultânea dos dois tipos de imóveis. A Construtora que ficou responsável pela limpeza e pelo nivelamento da área foi a Bandeira de Melo. Já as Construtoras Magda e Said ficaram responsáveis pela construção das casas e dos apartamentos. Na obra do Conjunto Esperança, que era localizado no distrito de Mondubim, foi gasto segundo fontes do governo, publicadas no Jornal O Povo, cerca de Cr\$ 1.523.832.807,83.

⁵⁶ Afirmação retirada de pequeno histórico do Conjunto Esperança realizada pelos próprios moradores.



IMAGEM 01 – Vista do Conjunto Esperança por satélite

De acordo com uma matéria do Jornal O POVO, o Conjunto foi inaugurado no dia 1º de maio de 1982, mas os primeiros moradores chegaram ainda em dezembro do ano de 1981. Segundo a mesma matéria, o Conjunto foi inaugurado com grande festa pelo

governador da época, o Sr. Virgílio Távora. A inauguração contou com a presença de vários políticos, inclusive do então candidato ao governo do estado, Gonzaga Mota. Havia também membros da diretoria da COHAB e do BNH, além da forte presença de mais de cinco mil moradores do recém-inaugurado Conjunto.



IMAGEM 02: À esquerda, o então governador do estado do Ceará, Virgílio Távora, acompanhado do seu candidato ao governo, Gonzaga Mota.

As habitações construídas no Conjunto eram de alvenaria e, dependendo do tipo - casa ou apartamento, poderia ter: sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e dois quartos (Tipo C) (ver imagem 03); sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e um quarto (Tipo B) (ver imagem 04); ou sala, cozinha, banheiro, uma pequena área e nenhum quarto (Tipo A) (ver imagem 04). Havia ainda a casa tipo E, que vinha com ponto comercial. No Conjunto Esperança eram 1.072 apartamentos com três quartos (ver imagem 05), 476 casas Tipo A, 286 casas do tipo B, 190 do Tipo C e, finalmente, 15 casas tipo E, com ponto comercial, totalizando 2.139 habitações.

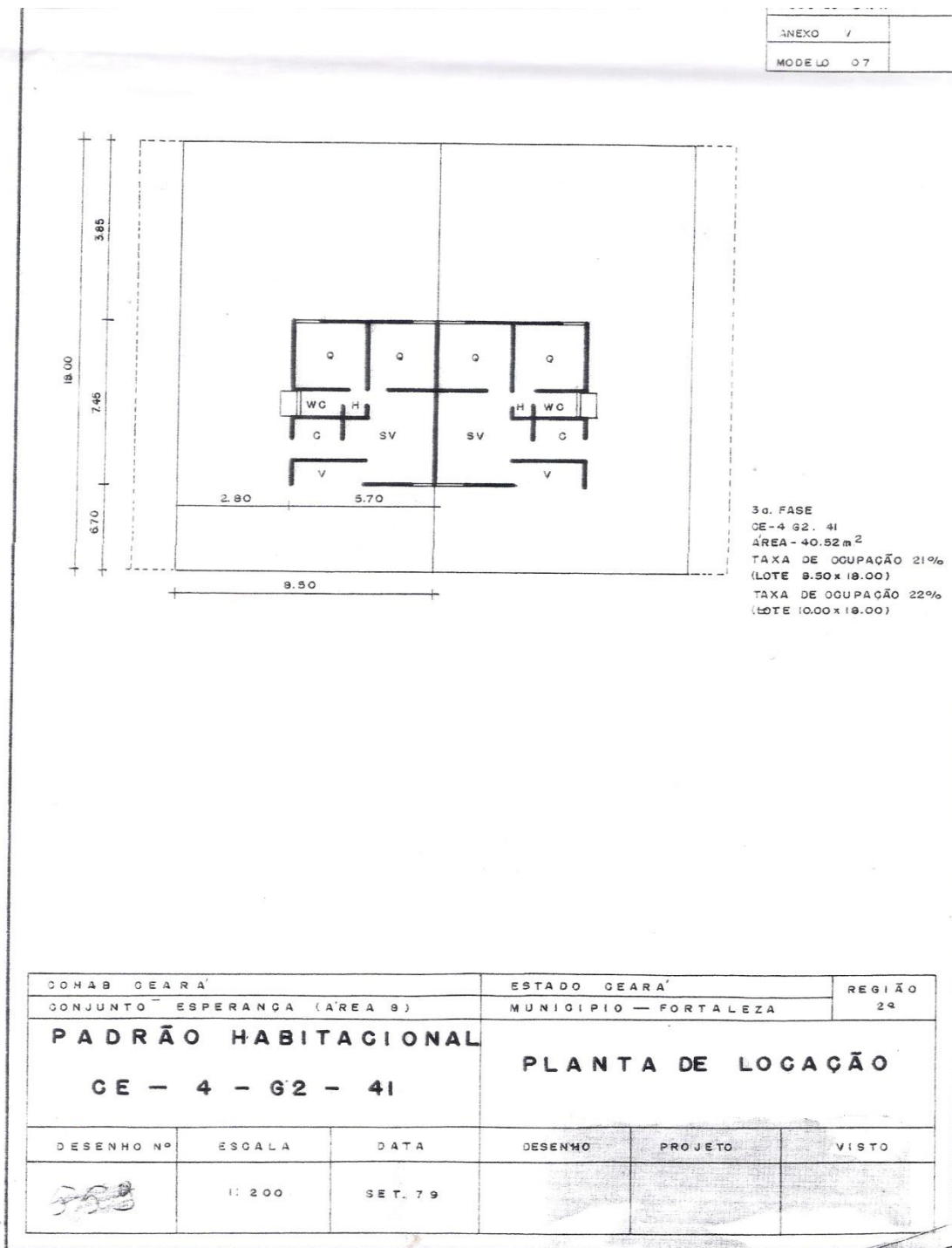


IMAGEM 03 – Planta da casa tipo C, cedida pela COHAB.

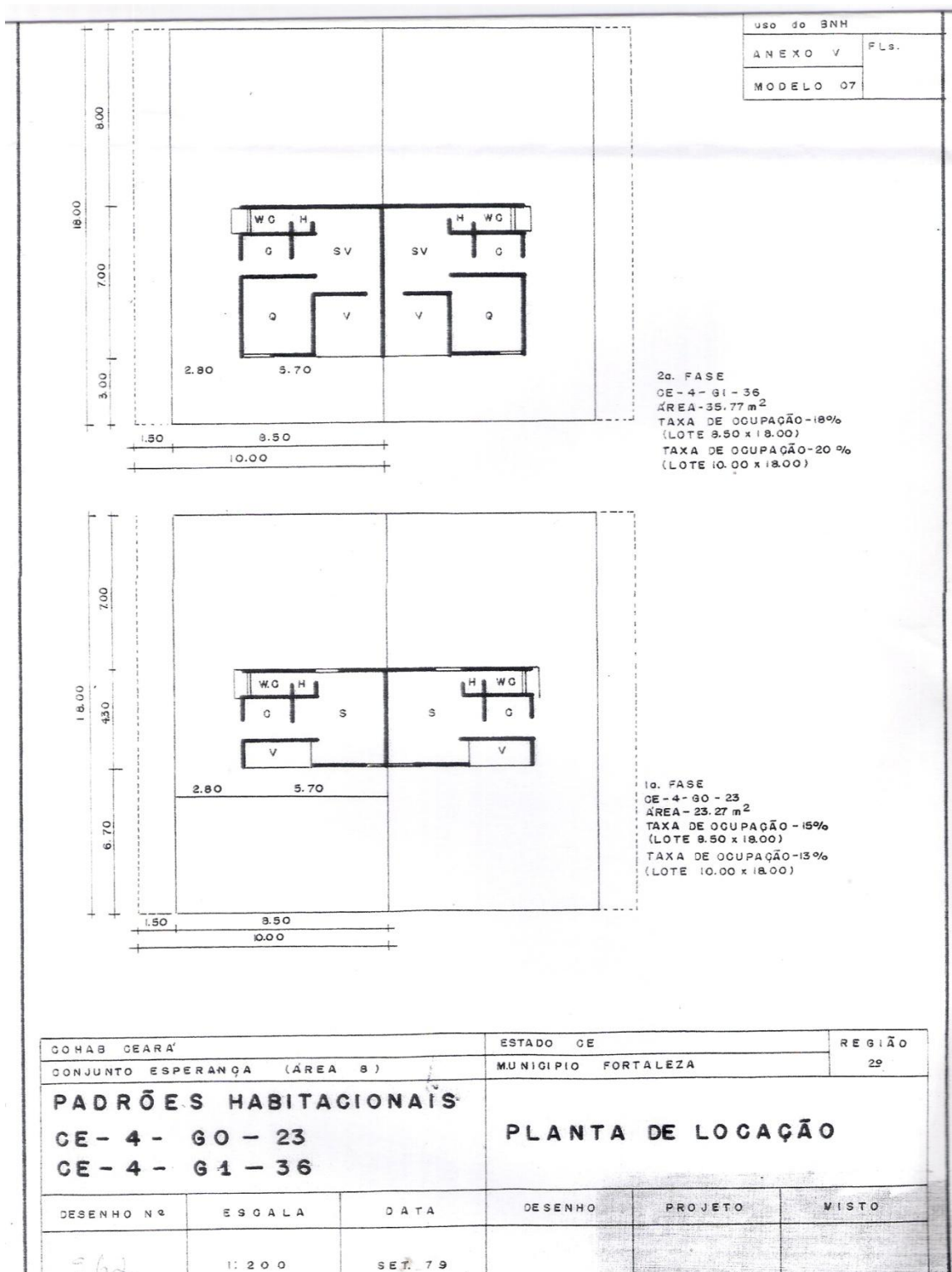


IMAGEM 04 – Planta da casa tipo A e B, cedida pela COHAB.

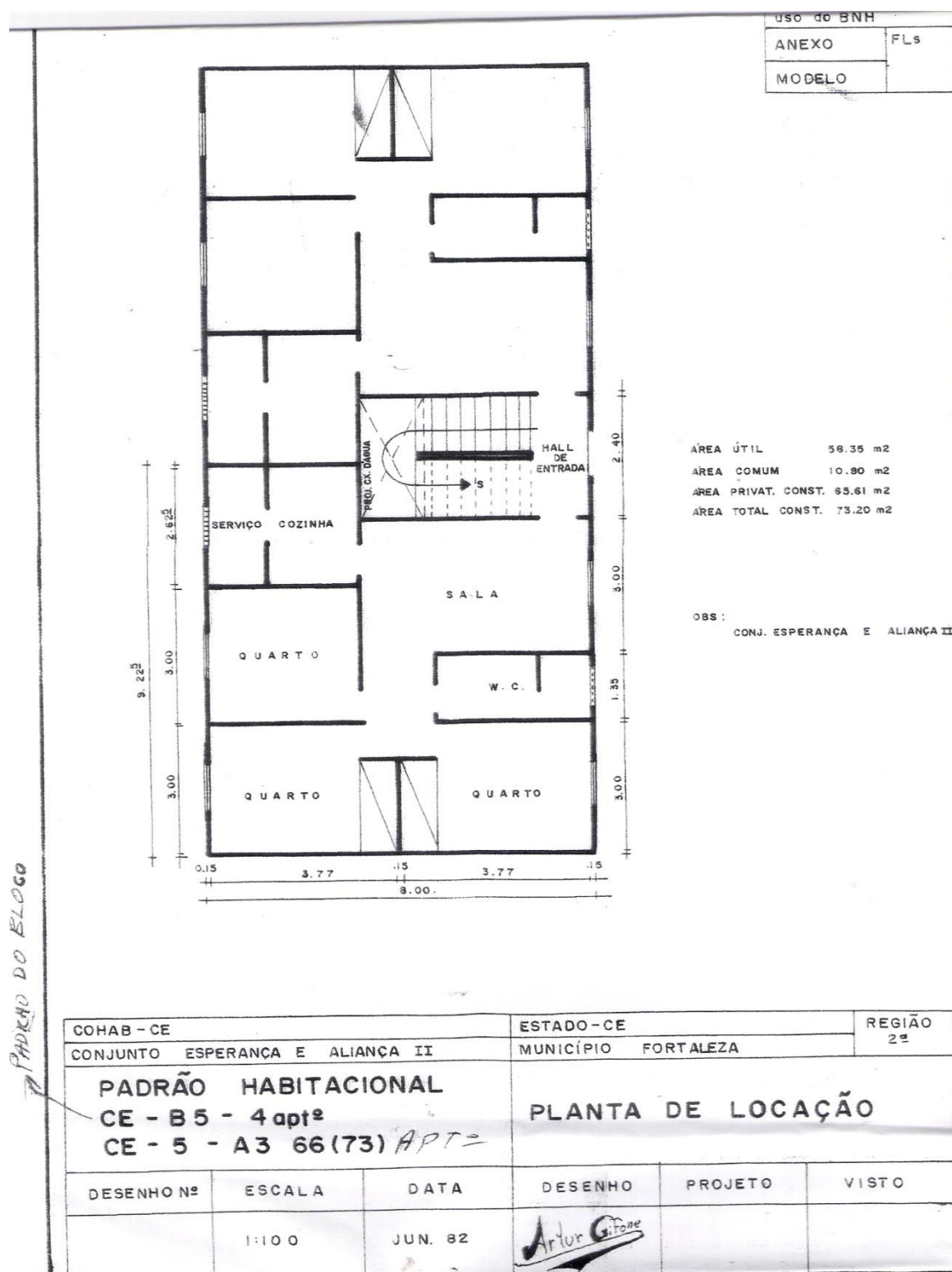


IMAGEM 05 – Planta do apartamento, cedida pela COHAB.

Como podemos perceber nas plantas acima, as casas do Conjunto eram geminadas, ou seja, se utilizava uma mesma parede para duas casas, fato este que irá incomodar os seus futuros moradores, pois, por causa disso, a privacidade dentro das propriedades era dificultada. Apesar das plantas só mostrarem a habitação em si, vale salientar que pelo menos no referente às habitações tipo casas, estas vinham com um bom terreno com cerca de 8m de largura, por 18m de comprimento. Não importava o tipo da casa, a metragem do terreno era a mesma, com exceção das habitações que se localizavam nas esquinas, que possuíam uma metragem maior, por causa do terreno para área verde que acompanhava cada quarteirão, principalmente os que ficavam de frente para a Av. Contorno Norte.

Já os apartamentos eram divididos em blocos com oito. Cada um tinha uma área privativa de 58,35m², sendo bem maiores do que as casas. Isso porque a casa tipo A possuía apenas uma área de 23,27m², a casa tipo B uma área de 35,77m² e a casa tipo C uma área de 40,52 m². Porém, apesar de ser maior do que qualquer habitação, os apartamentos vão gerar muitas polêmicas no Conjunto, uma vez que apesar das habitações tipo casa terem uma área construída bem menor do que a área dos apartamentos, as pessoas ainda preferiam as casas, pois vinham com um amplo terreno no qual era possível, com o tempo, fazer várias ampliações e reformas.

Podemos perceber isso em uma reportagem do jornal O Povo, do dia 27 de maio de 1982, menos de um mês após a inauguração do Conjunto Esperança. Segundo a matéria:

Aristides Silva inscreveu-se na COHAB pretendendo uma casa. Mas como não foi sorteado com o que queria, se viu obrigado a ficar com o apartamento, porque já estava com o contrato da casa onde residia vencido. Mudou-se, mas não está satisfeito, “porque disseram que o aumento era pouco, e a partir de julho vamos pagar quase nove mil cruzeiros”, afirmou. Ele e os outros vizinhos se sentem enganados pela Companhia, “nunca disseram a gente que o reajuste era grande”. Aristides e outros seis vizinhos recebem salários entre 28 a 30 mil cruzeiros, “se formos tirar nove mil, não dá pra gente pagar transporte, nem colégio e outras necessidades”. Antonio Ribeiro também queria casa e ficou com apartamento. “A casa é muito melhor, porque podemos aumentar, construir mais um quarto, mais uma varanda, os apartamentos são pequenos, e de maneira nenhuma podem ser melhorados”. Outro inconveniente dos prédios de apartamentos é a falta de espaço para estender roupa, obrigando as donas de casa, a estenderem varais de um bloco para o outro, o que torna o aspecto dos blocos desagradável. “Nem sei porque essa invenção de apartamento” reclamou Vandick Carvalho Nascimento, “era melhor

ter feito tudo casa, porque estas gaiolas só dá confusão”, reclamou aborrecido, e dizendo também que se a majoração das mensalidades foi em torno de 89/03%, desistirá de residir ali⁵⁷.

Vemos nesta matéria a novidade que o Conjunto Esperança trazia para a população de baixa renda da cidade de Fortaleza, a moradia em apartamentos. Porém, apesar de ser novidade ela não era bem vista por esta população, pois, além de não poder ser inicialmente ampliada ou reformada, esta forma de habitação era bem mais cara do que as casas. Enquanto a prestação de uma habitação tipo A, depois do mencionado reajuste de julho, não passava de 2.172 cruzeiros, as prestações dos apartamentos foram de quatro mil para quase nove mil cruzeiros. Para um trabalhador que não ganhava mais do que 30 mil cruzeiros por mês, era muito dispendioso pagar quase um terço do seu salário apenas com a prestação da habitação. Fora isso, os moradores ainda achavam os blocos de apartamentos feios esteticamente, pois os apelidavam de gaiolas ou casas de pombos, se referindo, neste caso, à pintura exterior branca, que dava este aspecto às habitações.

Saindo um pouco das habitações e dando uma volta pelo Conjunto Esperança, percebemos que este parece uma cidade dentro de outra cidade. O bairro se localiza a cerca de uma hora do centro da cidade, o que levou à criação e à ampliação, por necessidade, de vários equipamentos naquele lugar. O Conjunto veio acompanhado de alguns equipamentos comunitários, como vinham todos os Conjuntos Habitacionais feitos pelo Sistema Financeiro da Habitação (SFH). Os equipamentos eram: duas praças, quatro escolas, 15 pontos comerciais, uma administração e um núcleo de assistência comunitária.⁵⁸

Faremos, a partir de agora, uma análise dos equipamentos comunitários que vieram com o Conjunto e como estes foram se transformando com o passar do tempo, a partir das lutas dos próprios moradores do bairro. Posteriormente, analisaremos os equipamentos comunitários que foram criados no Conjunto pela necessidade que os moradores tinham de tê-los no bairro em que viviam.

⁵⁷ O POVO. **Podem haver devoluções no Conjunto Esperança**. 27 de maio de 1982.

⁵⁸ Ver nas figuras: 06, 07, 08, 09, 10, fotos do Conjunto Esperança do dia 1º de maio de 1982, dia da inauguração.



IMAGEM 06 – Foto dos apartamentos.

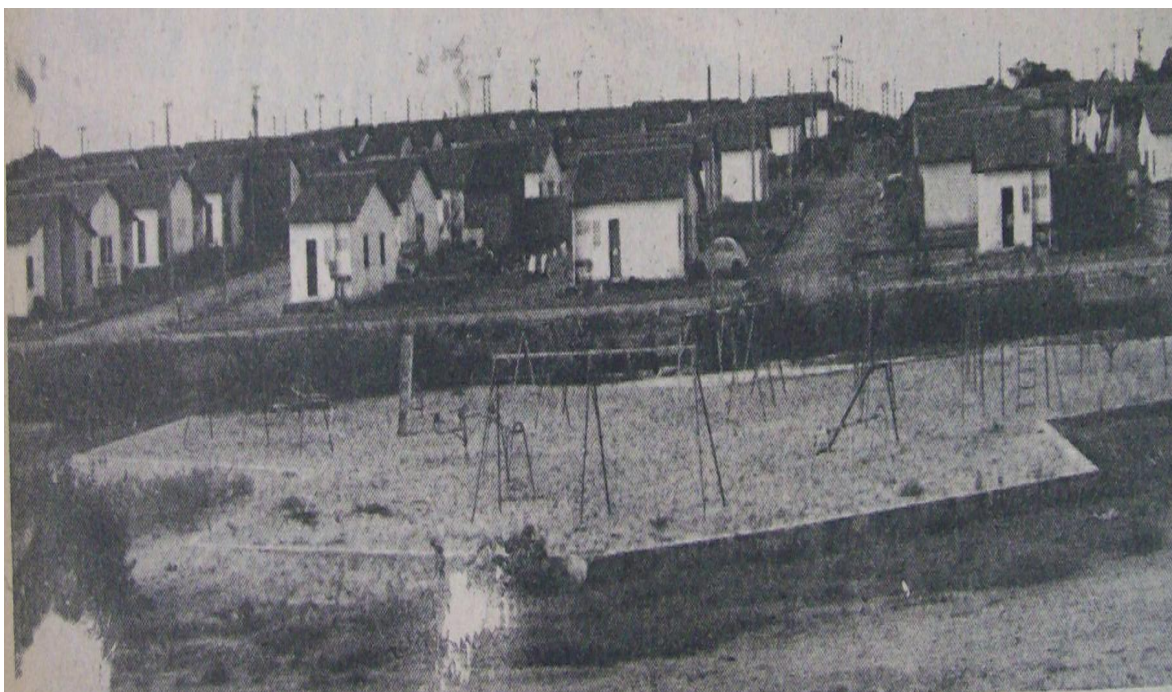


IMAGEM 07 – Foto das casas e de um dos dois playgrounds.



IMAGEM 08 – Foto do outro playground.

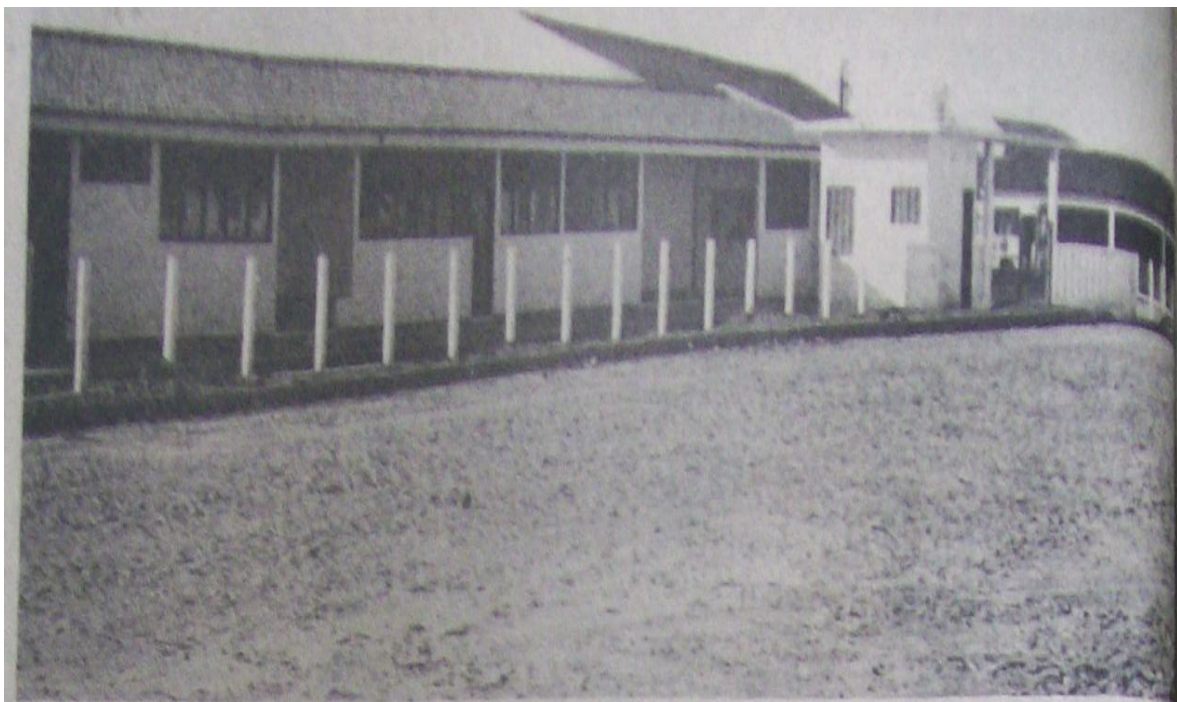


IMAGEM 09 – Foto do Centro Social.



IMAGEM 10 – Foto da quadra que acompanhava o conjunto

Iniciaremos nossa análise pelos equipamentos comunitários que foram construídos junto com o Conjunto. Em relação a estes equipamentos, muitos vão ter várias dificuldades de funcionamento. Alguns, como as escolas, mal chegaram a funcionar. Outros, como os CSUs (Centros Sociais Urbanos), nunca chegaram a abrir as portas. Na obra *A Política da Escassez*, há vestígios da fundação de um CSU no Conjunto Esperança:

O programa de maior alcance da FUNSESCE era o dos CSUs. Na realidade, a experiência de centros comunitários no Ceará antecede a criação do programa nacional, servindo de modelo para o mesmo. Em 1974 já existiam 33 centros construídos pelo Estado e Prefeituras Municipais. O Programa do Governo Federal reativou vários deles e houve a implantação de 39 CSUs. Em Fortaleza foram implantados CSUs nos bairros de Jardim Iracema, Palmeiras, José Walter, Ceará e Esperança.⁵⁹

No entanto, por falta de funcionamento já nos primeiros anos após a fundação do Conjunto, o CSU do Conjunto Esperança se tornará o 6º Batalhão da Polícia Militar. Alguns moradores do bairro relatam que isto aconteceu por uma suposta revolta dos moradores do próprio Conjunto e do seu entorno. Dizem que por este CSU não funcionar, a

⁵⁹ BRAGA, Elza Franco. BARREIRA, Irllys Firmo (Org.). **A Política da Escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Stylus Comunicações, 1991.

população se revoltou e quebrou todos os equipamentos existentes no lugar. Porém, em nossa pesquisa não encontramos nenhuma outra fonte que aborde este episódio. O fato é que o prédio se encontra na planta do Conjunto, nas fotos da inauguração, mas nenhum morador do Conjunto lembra-se de ter visto funcionar o CSU. Alguns só conheceram o prédio como o 6º Batalhão da Polícia Militar.

Este fato nos lembra o conceito de disciplina de Michel de Foucault. O Conjunto Habitacional, que na sua própria definição já se mostra como um meio sutil de disciplinarização da massa pelo estado, com esse fato nos revela como o sistema disciplinador pode se tornar escancarado. Habitando distante da cidade e tendo como esperança ter um centro social que lhes satisfizessem suas necessidades primárias, os moradores do Conjunto Esperança contam com o centro social, no entanto quando suas esperanças são desfeitas, a única saída é protestar da forma como lhes parece mais viável, num momento de desespero, que é provocando um quebra-quebra. Para o Estado, isso não poderia acontecer em uma comunidade que já deveria estar, pelo menos superficialmente, disciplinarizada. Esta ação do Estado, implantando ali um batalhão da Polícia Militar, é uma forma de controle, por mais que seja sutil e camuflada, dando ares de uma maior segurança para o Conjunto. É uma forma de controlar a massa e não trazer problemas para a ordem estabelecida.

Já em relação às duas praças que acompanhavam o Conjunto Esperança, a primeira se localiza ainda hoje no terreno que divide a etapa das casas para os apartamentos, e a segunda estava localizada no fim da rua 104. Essas praças possuíam parquinhos para as crianças e quadras de esporte. No entanto, como afirmam alguns moradores, no que diz respeito principalmente aos parquinhos, estes equipamentos não duraram muito na comunidade, tanto pela falta de manutenção, como também pela depredação que estes sofriam por parte, às vezes, dos próprios moradores do Conjunto Esperança.

Em relação às praças, as principais modificações e verdadeiras transformações foram feitas apenas na primeira. Esta, hoje, se constitui no Pólo de Lazer do Conjunto Esperança. Várias reformas foram feitas neste local, no intuito de propiciar o lazer dos moradores. Porém, se tornou o maior exemplo do estilo fragmentário de construção do

Conjunto Esperança, uma vez que as suas reformas se arrastam desde o início da década de 1990 e até hoje (2011) ainda não foram concluídas. No jornal Grande Bairro, produção local que trazia notícias de vários bairros que circundam o Mondubim (entre eles o Conjunto Esperança), apresenta, em 2004, uma reportagem de denúncia da Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança, ACRE, em relação à infinita obra que se processa no Pólo de Lazer do Conjunto:

A Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança, na pessoa de seu presidente, Sr. Macedo, pediu que nossa (...) da TV Diário, para uma reportagem sobre a paralisação das obras do Pólo de Lazer do Conjunto que se arrasta por mais de dez anos. Macedo diz que o Pólo de Lazer, que deveria ser a sala de visitas do bairro, tornou-se uma vergonha para a comunidade e os visitantes.⁶⁰

Tantos anos de obras neste Pólo de Lazer se devem à banalização que as diversas prefeituras de Fortaleza deram ao caso. Dizemos isto porque as obras da reforma do Pólo de Lazer do Conjunto só começam a ser realizadas com a proximidade de eleições municipais e, como é de se esperar (pelo menos em um país de “sociedade relacional”⁶¹ como o nosso), estas obras param imediatamente quando o pleito eleitoral termina. Assim, a obra se arrasta por anos, fazendo que o espaço em questão pareça mais um eterno campo de obras abandonado. Uma constatação do descaso que se alastra em logradouros do Conjunto.

Isso tudo, para um bairro que busca uma espécie de ascensão social, é vergonhoso, pois como afirma o presidente da Associação Comunitária do bairro, o Pólo de Lazer era para ser o cartão de visitas do bairro, mas acaba tornando-o ainda mais marginalizado pelo resto da sociedade fortalezense.

⁶⁰ **Jornal Grande Bairro**, Ano II, nº 14, Setembro de 2004.

⁶¹ MATTA, Roberto da. **A casa & A rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. – 5º ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.



IMAGEM 11: Fotos do atual Pólo de Lazer do Conjunto Esperança.

Desta forma, retornamos ao estereótipo de marginalidade que os Conjuntos Habitacionais carregam por serem inicialmente construídos para remoção de favelados. A praça atual do Conjunto Esperança é um exemplo de espaço que possui esse estereótipo da marginalidade. Isso acontece, como veremos a partir de agora, principalmente pela falta do verde domesticado, provocando vergonha para os moradores. Em uma das entrevistas que fizemos foi possível perceber que a própria construção da praça foi permeada por muitos problemas. Quando perguntamos ao Sr. Galdino sobre como se deu a existência da praça no início do Conjunto, ele responde que:

A praça era só o espaço entendeu? Praça aqui era uma quadrazinha de esportes, só com cimento. Ali onde hoje é o centro do campo, era uma quadrazinha, sem iluminação, sem nada, simplesmente só o espaço. A turma gostava de nos finais de semana jogar de bola ali, até que um dia, um sábado, no dia 28 de outubro de 1984, mataram um rapaz ali a facadas. Eles tavam jogando bola, um parece que deu uma entrada mais dura no outro, o outro reclamou, trocaram umas farpas, um chamou o outro de filho num sei de quem, o outro chamou o outro de corno, e o outro que foi chamado de corno, morava logo ali nas casas, parece que na 103, por ali por perto. Foi em casa, se armou, chegou, e tacou a faca e o rapaz morreu. Eram dois jovens de 19 a 30 anos de idade, morreu um e o outro foi preso. Mas aí nós fizemos de tudo para transformar isso aqui numa praça, num ambiente mais sociável.⁶²

⁶² Entrevista com Galdino Barbosa, morador do Conjunto Esperança desde 1983 e um dos sócios mais antigos da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, ACRE. A entrevista foi realizada no dia 05 de junho de 2006, no escritório de contabilidade do mesmo, localizado no Conjunto Esperança.

Para o Sr. Galdino, aquela pequena quadra de esportes, onde a turma jogava futebol aos finais de semana, era apenas uma quadrazinha. E para ele, a quadra não era um lugar sociável. O exemplo seria o homicídio que teria acontecido naquele local. Isto fez, pelo menos segundo ele, com que os moradores do Conjunto desejassem um lugar mais sociável, onde fosse possível obter um espaço de maior qualidade para a comunidade.

No entanto, o Sr. Galdino ainda nos conta em sua entrevista que foi preciso passar por muitos problemas para que fosse possível, pelo menos, a hipótese de o Governo construir a praça do Conjunto Esperança. Passaram por problemas que iam desde a interferência da diretora de um Colégio Público do bairro (E.E.F.M. Adalgisa Bonfim Soares, mais conhecido como Colégio 02), que queria fazer do espaço, onde seria a praça, uma quadra de esportes para o Colégio, até brigas dos times de futebol do bairro (Liverpool e Esperança Futebol Clube) por locais de campos de futebol. Isso fez com que esta obra fosse adiada. Porém, segundo o Sr. Galdino:

(...) Quando vieram fazer o calçamento da praça, nós, eu e o Sérgio Severo, elaboramos um projeto muito interessante, com palmeiras aqui no meio, pra ficar lindo. Levamos para o secretário de planejamento do governo Gonzaga Mota, (...) na presença do Deputado Tomás Brandão, com quem nós tínhamos umas parcerias aí nos anos 1980. Nós entregamos lá o projeto e ele se comprometeu conosco de fazer a praça, mandou estudar, estava tudo decidido que o governo iria fazer a praça do jeito do projeto. E o tempo foi passando o projeto foi ficando, entrou o Tasso Jereissati no governo, e quando já foi no governo Ciro Gomes, aí então o governo do estado decidiu que ia fazer a praça do Conjunto Esperança. Colocou uma placa bem aqui na frente, perto do Pinheiro dizendo que ia começar a obra. Quando foi no outro dia de manhã a praça amanheceu cercada, com cerca de arame farpado, era a Prefeitura, que já era o Juraci, dizendo que obra era do município. O projeto que a gente tinha mostrado, e que o governo do Estado ia fazer, era muito parecido com o nosso projeto que a gente tinha levado. Ia ficar muito bonito realmente a praça. Ai a prefeitura cercou, de arame farpado, disse que ia fazer a praça e não fez. Ficou uma briga na justiça um tempão, até que quando a justiça disse que a competência seria da prefeitura, aí a prefeitura fez aquela porcaria, que não sei se você se lembra, mas o primeiro piso da praça, qualquer bicicleta passando por cima quebrava, e ainda mais inauguraram na antevéspera da eleição, que elegeu o Antonio Cambraia, sem nem energia. A praça toda no escuro inaugurada, só para eleger o Antonio Cambraia. Não tinha os quiosques, já numa outra etapa que foram feitos estes quiosques. O Conjunto Esperança foi usado como moeda política pela prefeitura.⁶³

⁶³ Entrevista com Galdino Barbosa, morador do Conjunto Esperança desde 1983 e um dos sócios mais antigos da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, ACRE. A entrevista foi realizada no dia 05 de junho de 2006, no escritório de contabilidade do mesmo, localizado no Conjunto Esperança.

O Sr. Galdino ressalta que a eterna mudança de competência de quem iria fazer a praça do bairro se tornou um grande empecilho para que esta se tornasse uma realidade. No entanto, a reforma finalmente ficou por conta do município, sendo que este, além de fazer um serviço mal feito, no início, transformou esta e outras partes do Conjunto em moeda política, que é acionada toda vez que se iniciam as campanhas para as eleições municipais, fazendo que, através da reforma da praça, seja mais fácil obter os votos da população do Conjunto Esperança.

A praça possui, hoje, alguns equipamentos que foram feitos sempre gradativamente e próximo às eleições municipais. Exemplo disso são os quiosques, aos quais o Sr. Galdino faz referência, onde funcionam alguns bares e lanchonetes. Além dos quiosques, foi construído posteriormente um palco⁶⁴, que, segundo o Sr. Galdino, “é de propriedade particular do Sr. Sergio Benevides, pois serve apenas para fazer seus ‘showmícios’”. Quando a comunidade precisa do dito palco para fazer algum evento, encontra sempre uma dificuldade muito grande para consegui-lo.

Há também uma arquibancada⁶⁵, que fica em frente ao campo de futebol, muito mal conservada que, segundo o entrevistado, teria partido de uma promessa do Prefeito Antonio Cambraia de construir um estádio no Conjunto Esperança, com arquibancada e vestiário. No entanto, o que saiu foi uma pequena arquibancada mal feita, que demorou muito tempo para ser concluída. O Conjunto possui ainda uma quadra de futebol de salão⁶⁶, inacabada, e um prédio que a prefeitura denomina de Casa do Idoso⁶⁷.

⁶⁴ Ver imagem 12.

⁶⁵ Ver imagem 13.

⁶⁶ Ver imagem 14.

⁶⁷ Ver imagem 15.



IMAGEM 12: PALCO DO CONJUNTO ESPERANÇA, LOCALIZADO NO PÓLO DE LAZER.



IMAGEM 13: ARQUIBANCADA DO CAMPO DE FUTEBOL DO CONJUNTO ESPERANÇA.



IMAGEM 14: CAMPO DE FUTEBOL DE SALÃO DO CONJUNTO ESPERANÇA.



IMAGEM 15: CASA DO IDOSO DO CONJUNTO ESPERANÇA.

O que apresentamos é o que foi feito da primeira das praças que citamos no início do tópico. Analisaremos agora a segunda praça, da qual não podemos dizer nem que ela teve um destino, pois a falta de manutenção, junto com a falta de interesse do poder público, fez que ela se tornasse praticamente um terreno baldio, em ruínas. Hoje já não existem mais os playgrounds, os bancos, ou qualquer indício de que aquele espaço já foi uma praça. Até o calçamento já está quase que completamente tomado pelo “mato”.

No que diz respeito às quatro escolas que acompanharam o Conjunto, estas não sofreram mudanças tão bruscas quanto as praças. As quatro escolas públicas do Estado, E.E.F.M. Irapuan Cavalcante Pinheiro, E.E.F.M. Adalgisa Bonfim Soares, E.E.F.M. Maria Margarida de Castro Almeida e E.E.F.M. Adélia Brasil Feijó, são chamadas pelos moradores, no cotidiano, de 01, 02, 03 e 04, respectivamente, porque, no início do Conjunto, assim como às ruas e avenidas, foram dados números às escolas. Como demorou muito para que fossem dados nomes de pessoas ilustres a estas escolas, os moradores foram se acostumando com essa simbologia numérica.

Estas escolas possuíam formato único, como era de praxe da COHAB. Elas contavam com diretoria, secretaria, sala de professores, sala de multimeios, salas de aula, pátio interno, cantina e refeitório. A necessidade fez com que estas, a partir da década de 1990 das Senhoras Maria Rosielma⁶⁸ e Maria José⁶⁹, ampliassem os seus domínios.

Porém, como elas foram administradas por pessoas diferentes, as suas necessidades também foram vistas de diferentes formas. Como, por exemplo: na Escola 04 (E.E.F.M. Adélia Brasil Feijó), transformou-se a sala de multimeios na sala dos coordenadores e construíram duas salas a mais para dar lugar a uma biblioteca e uma sala de vídeo. Já na Escola 01 (E.E.F.M. Irapuan Cavalcante Pinheiro)⁷⁰, viu-se uma necessidade diferente, ou seja, construiu-se no espaço entre os corredores, um auditório. No entanto, o fato de estarem em um mesmo contexto fez também com que estes tivessem algumas necessidades similares, como a construção da quadra de esportes - com exceção da

⁶⁸ Entrevista com Maria Rosielma Sousa do Nascimento, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 13 de agosto de 2008.

⁶⁹ Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.

⁷⁰ Ver imagem 16.

Escola 02 (E.E.F.M. Adalgisa Bonfim Soares), que ainda não possui a sua quadra - e a ampliação no número de salas de aula em vista do crescimento da demanda das Escolas - isto acontece porque o Conjunto não atende somente ao próprio bairro como também a maioria dos bairros adjacentes.



IMAGEM 16: Foto da Escola 01 (E.E.F.M. Irapuan Cavalcante Pinheiro).

Portanto, estas escolas, que antes eram iguais, encontram-se atualmente modificadas e diferenciadas, pois, como já mencionamos, apesar de estarem no mesmo bairro, foram administradas por pessoas com visões diferentes e que perceberam necessidades específicas em cada uma das quatro escolas. Portanto, hoje, apesar de ainda haver muitas semelhanças na estrutura geral, elas se encontram diferenciadas, mostrando o estilo das pessoas que administraram e trabalharam nestes locais.

O Conjunto também acompanhava um núcleo de administração da COHAB⁷¹. Este núcleo se localiza no Pólo de Lazer do Conjunto Esperança. Ele era usado, principalmente, para que os moradores do conjunto pudessem fazer o pagamento das prestações das habitações. No entanto, este núcleo administrativo foi desativado com a extinção da Companhia de Habitação do Ceará, em 1998. Atualmente ele se encontra em

⁷¹ Ver imagem 17.

ruínas, porém é visível pelos cobogós da estrutura que ainda possui muitas documentações da COHAB do Conjunto Esperança. No entanto, apesar de termos tentado, não nos foi disponibilizado o acesso às documentações lá existentes. Ficando, pelo menos por enquanto, uma incógnita nesta parte da história do Conjunto Esperança.



IMAGEM 17: Foto do escritório da COHAB no Conjunto Esperança.

Continuando esta observação sobre o Conjunto Esperança, vamos às suas ruas e avenidas. Como não poderia deixar de ser, as ruas e as avenidas não possuem nomes de grandes autoridades, como a maioria das ruas da cidade de Fortaleza. Elas são nomeadas por números e letras. Por ser um local onde antes não existia um grande fluxo de pessoas, ou seja, era apenas um lugar⁷², que não possuía uma história de espaço de habitação das pessoas, as ruas não poderiam ter nomes que lhes definissem o espaço⁷³. Sendo assim, as

⁷²Segundo Certeau “um lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas se ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do próprio: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar próprio e distinto que define. Um lugar é portanto a configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade”. In. CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. 4º Edição; Petrópolis: Vozes, 1994. P. 201.

⁷³ Segundo Certeau o espaço “existe (...) sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de unidade contratuais. (...) Em suma, o espaço é um lugar praticado. In. CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. 4º Edição; Petrópolis: Vozes, 1994. P. 202.

ruas referentes às casas correspondem aos números de 101 a 114 e os apartamentos com avenidas nomeadas pelas letras A a F. Há também algumas avenidas principais que entornam o conjunto como um todo, estas são a avenida Contorno Norte e a avenida Contorno Sul (ver imagem 01), tendo ainda outra que fica entre as ruas das casas que possui o nome de Av. Penetração Norte Sul.

Apenas com estes equipamentos comunitários, era extremamente deficitária a vivência e até a sobrevivência no Conjunto Esperança. Portanto, com o tempo e com a luta dos moradores, vários progressos foram sendo conquistados. Novos equipamentos foram sendo acrescentados pelo poder público, como uma delegacia, um posto de saúde, telefones públicos, uma estação de trem, uma casa do idoso, saneamento básico, asfaltamento das ruas e avenidas e etc.

Várias destas conquistas só foram possíveis graças à organização dos moradores em uma Associação. A Associação de moradores do Conjunto Esperança teve início como uma CEB (Comunidade Eclesial de Base) em 1983, mas que logo se tornou Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança (ACRE)⁷⁴, um órgão bem mais político, e não mais ligado a assuntos de cunho religioso⁷⁵. Apesar da comunidade do Conjunto Esperança não ser caracterizada por participar de movimentos de rua, a ACRE já conseguiu, como citamos mais acima, grandes benefícios para o bairro, como por exemplo: plataforma do trem, o posto de saúde Graciliano Muniz, construção da Sede da Associação, Telefone Comunitário, transferência do pagamento das prestações para o escritório local da COHAB e a legalização do terreno do Conjunto Esperança. Algo que ainda não mencionamos é que - quando a ACRE era ainda uma CEB - o terreno do Conjunto Esperança ainda estava no nome dos antigos proprietários da Fazenda Esperança. Isto impedia que os moradores pudessem registrar em cartório seus apartamentos ou suas casas

⁷⁴ Ver imagem 18.

⁷⁵ As Comunidades Eclesiais de Base tiveram, em todo o Brasil, a partir da década de 1960, uma grande influência, principalmente nas periferias das grandes cidades. Tinham como base teológica a chamada Teologia da Libertação e a sua principal função era trazer a Igreja para mais perto do povo e, principalmente, dos seus problemas. Na cidade de Fortaleza esta terá uma forte atuação em diversos bairros, como por exemplo, o Pirambu. No entanto, no Conjunto Esperança estas comunidades não tiveram tanto impacto, como vimos, fazendo com que estas funcionassem em um curto espaço de tempo. Ver: LEORATO, Maximiliano. **CEBs: gente que se faz gente na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987.

como também as transferirem se quisessem desistir do contrato de compra e venda feito inicialmente com a COHAB.

Uma das principais e maiores conquistas da ACRE foi, sem dúvida, a Estação de Trem para o Conjunto. Isso porque, como já citamos, os transportes no Conjunto Esperança sempre foram um problema sério. Como o sistema de ônibus era realmente deficitário na década de 1980, os coletivos não chegavam nem a adentrar o Conjunto. Uma solução para o problema de transporte dos moradores foi, então, a construção de uma Estação de Trem no Conjunto Esperança, já que a estrada de ferro Fortaleza - Baturité se localizava no limite leste do bairro.

A comunidade, com o auxílio da Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança (ACRE), começou as reivindicações junto à REFESA para que construíssem uma plataforma de trem no Conjunto Esperança. Com a ajuda de muitos e um abaixo assinado com 4000 mil assinaturas, o Presidente e o Vice Presidente da ACRE foram a Recife, sede nordestina da REFESA. Porém, este ato não adiantou muito, pois, apenas no dia 07 de dezembro de 1985 e depois de muita luta, passeatas, e assembléias gerais, foi que os moradores do Conjunto conseguiram a sua plataforma, que é um meio mais barato e rápido de se deslocarem.



IMAGEM 18: Foto da Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança – ACRE

Mesmo com todas estas lutas e suadas vitórias os equipamentos públicos conseguidos não atendiam a todas as necessidades dos moradores. Portanto, o modo que encontraram para suprir estas deficiências foi adaptando o espaço que eles possuíam (casas ou apartamentos) às devidas carências, que eram tanto de serviços como também de garantir uma maior renda para família. Quando falamos desta questão de adaptação das habitações às necessidades sentidas, queremos analisar na verdade, as reformas que ocorreram nestas moradias, sejam de ampliação, ou de transformações totais do espaço. Iremos, assim, analisar, separadamente, três níveis de reformas.

Primeiramente, iremos tratar das habitações que ampliaram apenas um cômodo da sua casa para colocar um pequeno estabelecimento comercial. Estes estabelecimentos consistiam em alguns pequenos mercados; salões de beleza⁷⁶, oficinas mecânicas, padarias, lanchonetes, bares, etc.

Nota-se que a habitação abaixo é uma habitação de esquina. Apesar de possuírem o mesmo tamanho em metros quadrados que as habitações que não se localizam em esquinas, foi comum a tomada de espaços que não necessariamente pertenciam às casas, mas sim a áreas verdes do bairro. Nesta habitação, em especial, a moradora usou parte do espaço restante para a construção de um estabelecimento comercial, no caso um salão de beleza. É possível notar, pela imagem abaixo, que o salão foi construído num espaço de terreno à parte da habitação. Trazendo, assim, para a moradora uma divisão entre moradia e local de trabalho.

⁷⁶ Ver imagem 19.



IMAGEM 19: Habitação do Conjunto Esperança com ponto comercial.

Já o segundo estilo são as habitações que se transformaram por completo num estabelecimento que presta um serviço a uma necessidade da comunidade. Estas casas se transformaram em academias, farmácias, escolas, igrejas evangélicas⁷⁷, clínicas médicas, mercantis, lojas de roupas femininas, masculinas e infantis, churrascarias, pizzarias, armarinhos, lojas de variedades e etc.

Para que fosse possível atender a necessidade do estabelecimento comercial, estas habitações foram completamente transformadas e, a maioria, praticamente demolidas. Isso fez que em alguns casos, como o das igrejas evangélicas, onde são necessários salões espaçosos, não existisse mais nada das habitações anteriores.

⁷⁷ Ver imagem 20.



IMAGEM 20: Habitação do Conjunto Esperança transformada em Templo Religioso.

Há ainda um terceiro tipo de reforma que partiu do segundo. Estes foram os que tiveram uma espécie de evolução, pois começaram a partir de uma única casa, mas por uma necessidade, os seus donos foram comprando as casas vizinhas e ampliando os seus estabelecimentos, transformando e acoplando espaços. O maior exemplo que podemos citar no Conjunto Esperança é o do Colégio Queiroz Belém⁷⁸. Este data de 06 de fevereiro 1984. Iniciou seu funcionamento com apenas uma casa da rua 105 do Conjunto Esperança.

⁷⁸ Ver imagem 21 e 22.



IMAGEM 21: Foto da primeira fachada do Colégio Queiroz Belém⁷⁹.

A dona, a Sr^a. Sônia Belém nos conta um pouco de como iniciou a escola:

Eu tinha um irmão que morava aqui (...), e eu vinha sempre visitar aqui. Depois a minha mãe veio morar aqui, e eu tinha esse contato com o Conjunto Esperança. Aí eu soube de uma casa pra vender e comprei. (...) Comprei em 1983, e durante esse ano foi só organizando, só montando a estrutura. (...) A casa era o tipo A, não tinha nada, era só a cozinha, a sala e o quarto. Eu transformei em quatro salas de aulas, a cozinha passou a ser a secretaria, diretoria e tudo. (...) Dois anos depois eu já comprei a segunda casa, ampliei, fiz mais salas de aula e também espaço para recreio, um pátio⁸⁰.

Apesar de não morar no Conjunto Esperança, a Sr^a Sônia Belém viu a necessidade do bairro em relação à falta de escolas de educação infantil. O colégio começou a funcionar com apenas 53 alunos, mas essa quantia não se fixou por muito tempo e, rapidamente, a dona da escola se viu na necessidade de crescer, comprando mais uma casa, em 1985. Ao todo, o colégio se constituiu de seis casas, duas na rua 106 e quatro na rua 105. Segundo a Sr^a Sônia Belém, a especulação imobiliária sempre foi muito alta em

⁷⁹ Na época a escola tinha um outro nome, chamava-se Escola Ursinho Pimpão. De acordo com o crescimento da escola os donos acharam por bem modificar o nome da mesma no ano de 1990.

⁸⁰ Entrevista com Sônia Maria Lima Belém, que possui um Colégio no Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada no Colégio Queiroz Belém, localizado no Conjunto Esperança. Em 11 de dezembro de 2011.

torno destas casas, pois os vizinhos sabiam do interesse que havia da escola em crescer e, portanto de comprara mais casas. A Sr^a Sônia ainda nos reclamou que apesar de pagar caro pelas habitações que comprou, a grande maioria foi demolida e pouco ficou das habitações originais da COHAB. Com exceção da última habitação comprada, que fica na rua 106, todas as outras não tem mais nada da construção original.

Vemos, a partir da imagem 21, que, quando fundada, a escola ainda mantinha muitos traços de uma casa de Conjunto Habitacional, porém com o passar dos anos e o constante crescimento da escola, a construção veio se modificando até tornar-se, hoje, um prédio, que teve como base cinco casas e que ainda foi ampliado verticalmente, transformando-se em um prédio de grande porte em meio às casas do Conjunto Esperança.



IMAGEM 22: Foto atual do Colégio Queiroz Belém.

A partir de agora, analisaremos a fala dos moradores do Conjunto Esperança em relação à visão que eles tiveram quando chegaram aos seus locais de moradia. Segundo os moradores que foram entrevistados, não havia água nem luz, e o transporte era realmente precário. A Sr^a. Maria do Carmo nos conta, na visão dela, como era o Conjunto Esperança na época de sua fundação.

Diziam que, quando a gente recebia a chave, a gente já tinha que vir senão invadiam as casas (...) Eu recebi a chave da casa num dia de sexta – feira, quando foi no domingo eu já me mudei. A gente tinha que pedir água e luz. No momento a CAGECE não tinha, aqui a gente pegava lá na pracinha a água, tinha um chafariz. E pedi só a luz e vieram ligar. Domingo eu vim e não tinha quase ninguém, a gente vinha do Santa Rosa de pé, de lá para cá. O ônibus parava ali onde fica o Risolange. (...) Não entrava ônibus aqui só depois de dois ou três meses que começou a entrar e parava por ali na Penetração. (...) Era só as casas, tinha a Av. Contorno Norte por ali, porque daqui para lá era só mato, só mato e umas duas três casas por ali assim. (...) Era um pouco deserto, só era mais mato. (...) No momento não tinha nada, era só mesmo as casas, pouca gente morava, porque muita gente tinha medo de vir, porque não tinha muitos ônibus. Ai, depois que colocaram os ônibus pra dentro do Conjunto, foi que muita gente se mudou.⁸¹

Percebemos na fala da Sr^a. Maria do Carmo que o Conjunto, na época de sua fundação, não dava estrutura alguma para o indivíduo habitar, pois não havia os equipamentos sociais necessários à sobrevivência das pessoas. Como notamos, não só na fala da moradora, como também em outras bibliografias e fontes que abordam o tema, muitas pessoas tinham medo e até se negavam a mudarem para estes conjuntos, pelo temor de passar uma necessidade maior do que a que passavam anteriormente. Verificamos, também, que a principal apreensão era a questão dos transportes, pois, como a distância dos conjuntos para o centro da cidade era grande, as pessoas tinham medo de não conseguirem se locomover com eficiência e agilidade para os seus devidos locais de trabalho.

No depoimento da senhora Antônia Rosilene Pinheiro também observamos o mesmo discurso em relação as primeiras impressões da chegada ao Conjunto Esperança, principalmente, no que se refere, ainda, ao transporte para o conjunto.

Eu lembro que a gente saia e a gente gostava muito de sair, e apanhava um táxi e o motorista não tinha coragem de vir no Conjunto Esperança, por medo, pela distância. E pra gente chegar aqui, era muito mato, muito matagal. Na época era complicado, nem os motoristas de táxi queriam vir pra cá. (...) A questão de médicos, de acesso as essas questões eram coisas muito distantes, isso ai dava uma certa insegurança pra gente. E até porque se a gente adoecesse pela noite não tinha quem quisesse vir deixar ou vir buscar onde a gente morava, causava essa pequena insegurança na gente⁸².

⁸¹ Entrevista com Maria do Carmo da Costa, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 18 de agosto de 2007.

⁸² Entrevista com Antônia Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

As questões de saúde ligadas às questões de transporte foram as que mais abalaram os moradores do Conjunto Esperança em sua chegada ao bairro. Primeiramente, como vimos, o Conjunto não vinha com nenhum equipamento comunitários relacionado à saúde. Isto, ligado à distância do Conjunto Esperança de equipamentos de saúde, como postos e hospitais, e a falta de transportes, gerou muitos aborrecimentos e transtornos aos moradores. Mesmo em um caso deste, se o morador tivesse condições de pagar um táxi, o motorista se recusava a vir deixar pela distância.

A necessidade por serviços comerciais, estéticos, medicinais e educacionais fez com que os moradores do Conjunto adaptassem as próprias habitações para que estas necessidades fossem supridas. Logo, isso proporcionou o crescimento do bairro e fez que os moradores passassem a buscar uma ascensão social dentro deste bairro, que antes era marginalizado até pelos próprios moradores.

CAPITULO 02: ESTÉTICA E AUTOCONSTRUÇÃO NO CONJUNTO ESPERANÇA.

(...) a história da vida privada é um relato do prolongado esforço de se sentir confortável⁸³.

(...) Eu acho que as vezes a gente sente uma necessidade. Porque eu tenho um casal de filhos, eu teria que ter três quartos na minha casa, um pra mim, outro para meu filho e minha filha. Outra também é que minha casa não pode ser pequena porque vem muita gente do interior, e eu tenho que receber. Se for uma casa empresada, fica muito assim sem conforto pra quem vem e pra quem está nela. Ai a gente pensou em ampliar o que desse pra ampliar, fazer o que desse pra fazer, porque ai ficaria mais a vontade, teria mais um conforto dentro de casa. Um espaço maior.⁸⁴

Chegamos à casa. Percebemos que a nossa principal busca é que ela seja confortável. Porém, como tornar uma casa que não foi construída especificamente para você, confortável? Esta será apenas umas das muitas perguntas que os moradores do Conjunto Esperança tentarão nos responder neste capítulo, através das suas entrevistas e fotografias. Nele também perceberemos como o esforço por se sentir confortável em sua própria habitação provocou a maioria das reformas neste Conjunto Habitacional, como podemos perceber na fala da Sr^a Rosilene, acima.

No primeiro capítulo, tivemos a oportunidade de trabalhar o bairro, sua construção, seu desenvolvimento, a chegada e o olhar dos primeiros moradores. Tudo isso foi preciso para que pudéssemos entender o meio no qual as habitações do Conjunto Esperança, junto com seus moradores, estão inseridas.

Sendo assim, a partir de agora iremos tratar as estéticas que foram atribuídas aos cômodos das habitações do Conjunto Esperança e como isso influenciou ou ainda influencia a vida dos moradores deste Conjunto Habitacional. Entraremos em cada cômodo da habitação, tanto naqueles que já estavam construídos como naqueles que foram construídos posteriormente.

⁸³ BRYSON, Bill. Em casa: uma breve história da vida doméstica. Tradução: Isa Mara Lando. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

⁸⁴ Entrevista com Antônia Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

O Conjunto Esperança possui três décadas de existência. A partir das entrevistas que realizamos e das fotografias de moradores que coletamos, percebemos que, em cada década, um determinado tipo de reforma foi privilegiada pelos habitantes do Conjunto. Por isso, e para a melhor compreensão deste capítulo, decidimos dividi-lo de acordo com as décadas das reformas, ou seja, 1980, 1990 e 2000. Sendo assim, dividimos o nosso capítulo em três tópicos.

2.1 Primeiras modificações: o muro e as ampliações (1980).

Em 1981, ano da fundação do Conjunto Esperança, o bairro se achava da forma como qualquer Conjunto Habitacional que era entregue pela Companhia de Habitação. Ou seja, com ruas paralelas, as habitações iguais e uniformes, além de ser distante do centro da cidade. Como vimos no capítulo anterior, o Conjunto Esperança, quando os seus moradores começaram a chegar, foi se modificando esteticamente por vários motivos. O que analisaremos, portanto, neste capítulo, são os motivos e os porquês destas várias modificações nas habitações do Conjunto.

Quando receberam suas habitações tipo casa, os moradores do Conjunto Esperança poderiam receber uma casa tipo A, também chamada de casa embrião, uma casa tipo B, uma tipo C ou ainda uma tipo E. Essas habitações, como podemos perceber na imagem 07, vinham pintadas de branco, com piso de cimento e coberta por telhas. Apesar da habitação em si ter tamanhos diferentes, os seus terrenos eram todos iguais, pois mediam cerca de 25 metros de comprimento por 11 metros de largura⁸⁵.

Sendo assim, de acordo com as nossas fontes, podemos perceber que as transformações estéticas que aconteceram nas habitações do Conjunto Esperança foram lentas e fragmentárias. Cada uma teve seu momento, seu contexto. As reformas da década de 1980 foram reformas de necessidade⁸⁶ e não levaram muito em conta o embelezamento

⁸⁵ Planta do Conjunto Esperança de fevereiro de 1979.

⁸⁶ As necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidades e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatividade e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energia e as necessidades de gastá-las, e mesmo de desperdiçá-las no jogo. Tem a necessidade de

das habitações. Os primeiros objetivos dos moradores eram: o levantamento dos muros e as ampliações. Isso porque, como já citamos, as casas, mesmo a tipo C, que tinha dois quartos, eram pequenas em relação ao terreno que as acompanhavam, não atendendo, portanto, as necessidades dos moradores.

Quando utilizamos o termo “fragmentárias” acima, estávamos nos referindo ao conceito de fragmento da arquiteta Paola Berenstein que diz:

Os fragmentos são separações inacabadas; o que eles têm de incompleto, de insuficiente, trabalho de decepção, é sua deriva, o sinal de que, nem unificáveis, nem consistentes, eles se deixam separar por marcas com as quais o pensamento, ao declinar e ao se declinar, imagina conjuntos furtivos que, ficticiamente, abrem e fecham ausência do conjunto, mas, definitivamente fascinado, não pára, sempre mantido nunca pela vigília, nunca interrompida. Daí a impossibilidade de dizer que tenha havido intervalo, pois os fragmentos, destinados em parte ao branco que nos separa, encontram nossa distância não o que os termina, mas o que os prolongará, o que já os prolongou, fazendo-os persistir por sua incompletude, sempre prontos a se deixar trabalhar pela razão incansável, em vez de permanecer a palavra deposta, deixada de lado, o segredo sem segredo que nenhuma elaboração consegue preencher.⁸⁷

Paola nos fala deste conceito em sua obra *Estética da Ginga*. Lá, este conceito está inserido em um contexto de favelas e na sua construção. Ou seja, em sua obra Paola quer deixar claro o modo fragmentário como as favelas são construídas, quer, portanto mostrar a forma cotidiana de como isso acontece. Aqui nos apropriamos deste conceito para falar do Conjunto Esperança, pois verificamos que as suas reformas e construções também foram fragmentárias. Através da análise de nossas fontes podemos observar como as habitações do Conjunto Esperança foram também mudando aos poucos, cotidianamente. As entrevistas e as imagens que coletamos dos moradores nos instigam a pensar que estas transformações estavam intimamente ligadas às condições financeiras de cada morador para reformar ou ampliar a sua habitação. Portanto, aqui os rendimentos dos moradores vão influenciar diretamente na nossa análise das transformações estéticas destas habitações.

ver, de ouvir, de tocar, de degustar, e a necessidade de reunir estas percepções num ‘mundo’. LEFEBVRE, HENRI. **Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo, Centauro, 2001.

⁸⁷ BLANCHOT, Maurice. **L’écriture du désastre**. Paris, Gallimard, 1980, p. 99. (T.d.a.) Apud. JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da Ginga: A arquitetura das Favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2003.

Com este conceito queremos identificar também as transformações estéticas realizadas pelos moradores do Conjunto Esperança como algo que parte de sua incompletude perante a habitação que recebeu. Algo que o faz notar que aquela residência nada tem de seu, que não há identificação com ela em sua forma padronizada. Portanto, esta noção de fragmento é aquela do inacabado, aquela do que nunca termina. No Conjunto Esperança, esta noção mostra que, por fazer parte de um sistema de arquitetura planejada e de arquitetos tradicionais se realizem as várias reformas nas habitações dos moradores.

A partir do momento que passaram a morar em suas casas, os usuários logo começaram as modificações estéticas. Uma das primeiras modificações, comum a todos os moradores entrevistados, foi a construção do muro. Como podemos perceber na imagem 07, os terrenos das habitações do Conjunto Esperança não possuíam muros, fato que deixavam os moradores incomodados por vários motivos. A Sr^a. Graça Almeida nos conta, de forma muito interessante, um destes motivos:

Assim que nós chegamos, nós fizemos logo o muro, porque não tinha. São duas casas separadas por uma parede, e entre cada duas casas uma passagem. Aí para gente criar os filhos tinha que ser reservado. Então nós fomos procurar os vizinhos pra entrar em acordo, e cada um contribui para fazer o muro, o seu muro. Procuramos o vizinho da esquerda, ele era gerente de uma Caixa Econômica lá na Aldeota, não precisavam da casa e botaram dois moradores, pra pastorear. Procuramos o vizinho de trás; morava no Rio de Janeiro. Botou uma pessoa pra morar, um maconheiro. Fomos procurar o da direita, morava num apartamento na praia de Iracema. O que nós fizemos, procuramos os endereços, entramos em contato com eles, nenhum se comprometeu, nenhum entrou em acordo. O que foi que nós fizemos: muramos a nossa casa todinha. O da direita deu sérios problemas, porque ele não precisava da casa, porque era rico, vendeu a casa, foram sérios problemas que tivemos. Já a da esquerda, também rica, não precisava da casa e também trouxe sérios problemas, porque a pessoa que morava na casa só trazia transtorno. O de trás botou uma pessoa pra pastorear a casa, era um maconheiro, foi preciso o meu marido ir na delegacia de polícia, pra poder tirá-lo, porque a gente não conseguia dormir, porque ele ficava cheirando maconha a noite todinha. (..)Através dos políticos. Era muita politicagem, pegavam as casas pra revender e lucrar. Todas três que me circundaram foram nesta situação. E até hoje vêm nos trazendo sérios problemas. Eles venderam as casas pra outras pessoas. Eles queriam que valorizasse pra ganhar dinheiro em cima disso. E nós os pobres no meio. Quando eles venderam as casas pra outras pessoas, começaram os problemas, porque eu dizia logo. Aconteceu que os moradores não tinham necessidade de morar nas casas, venderam pra vocês para ter esse lucro, mas em cima do nosso muro ninguém vai construir. Quem comprou que construa uma parede paralela para reformar suas casas, por que vai trazer problema. (..) Só uma parede que ainda divide que vem trazendo sérios problemas. É a da direita. É uma parede só que divide as duas casas. E isso aí é uma péssima estrutura, é a coisa mais errada que pode acontecer, é uma parede

pras duas casas, porque tudo que se conversa em uma, a outra ouve. É como se tivesse na mesma casa. Isso tira a privacidade de uma família.⁸⁸

A primeira necessidade que percebemos no relato da Sr^a. Graça Almeida é a de privacidade. A construção do muro revela um pouco da sociedade individualista na qual vivemos, onde a necessidade de que ninguém interfira na vida dos outros se tornou primordial. Isso se mostra ainda mais eficiente quando se fala na questão da criação dos filhos, pois é realmente neste momento que ninguém quer a interferência alheia, principalmente de pessoas e vizinhos que estão fora do seu círculo de amizades, que talvez não possuam a mesma trajetória de vida, ou que sejam uma má influência para seus filhos. No entanto, como em uma casa de Conjunto Habitacional, privacidade é a última coisa que se tem, a saída era a construção do muro para que pudessem se proteger dos - às vezes perigosos - desconhecidos vizinhos.

Outro item que é muito presente no depoimento da Sr^a. Graça Almeida e que não podemos deixar passar em branco, é uma situação que já foi tocada no primeiro capítulo deste trabalho. Refere-se à questão do apadrinhamento e, também, como o Sistema Financeiro da Habitação era muito falho na questão de fornecer a casa para quem realmente precisasse e que estivesse dentro da renda mencionada de 03 a 05 salários mínimos. Vemos, no relato da entrevistada, que muitas das casas serviam apenas para que a troca de favores se concretizasse. Algumas pessoas que não precisavam recebiam as casas mesmo assim, talvez já como pagamento de algum favor. Continuavam, assim, com a cadeia hierárquica, onde outros afilhados recebiam a casa, ou ajudavam os padrinhos na ocupação - para que outros não invadissem - para que no futuro, depois que as casas se valorizassem, ocorresse a venda para um maior lucro do padrinho.

No relato da Sr^a. Maria do Carmo vemos também a prioridade da construção do muro, no entanto percebemos outro tipo de necessidade:

A primeira coisa que eu fiz foi murar. (...) Como eu morava só e você chegar tarde da noite e entrar numa casa (...) eu me sentia um pouco assustada. Eu murei logo, foi a primeira coisa que eu fiz. (...) Murei a casa todinha, ninguém me ajudou mesmo, (...) até porque a gente se deitava e tinha uma janela aqui atrás, e

⁸⁸ Entrevista com Maria das Graças Fernandes Almeida, moradora do Conjunto Esperança, desde a fundação, e professora das escolas públicas do bairro desde a sua fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 07 de junho de 2006.

as pessoas vinham e batiam assim - bate na mesa - faziam brincadeira, eu me assustava muito, por isso que eu murei logo.⁸⁹

A primeira coisa feita na casa da Sr^a. Maria do Carmo também foi o muro, no entanto, o motivo dela foi diferente. O seu motivo era a busca de maior segurança, já que ela morava sozinha e chegava à noite, tarde, em casa. Ela tinha medo de encontrar alguma pessoa indesejada em sua casa. Cita também as brincadeiras de mau gosto, que outras pessoas do Conjunto (ou não) faziam, de modo que ela se assustasse. Isso contribuiu sobremaneira para que a primeira mudança na estrutura da casa da Sr^a. Maria do Carmo fosse a construção do muro.

Apesar da construção dos muros partirem da pura necessidade dos moradores de segurança e privacidade, ela já mudou substancialmente a estética do bairro. Diferentemente do que acontece hoje nos condomínios, onde se busca uma padronização até nas reformas futuras, no Conjunto Esperança isto não se concretizou. Cada morador das habitações tipo casas tinha a liberdade de mexer nelas de acordo com a sua criatividade. Os muros que foram sendo construídos passaram, de certa forma, a dar um toque pessoal de cada morador a cada moradia.

Este novo aspecto dos muros tirou do Conjunto Esperança o ar de Conjunto Habitacional. Por causa disso foi possível com que as pessoas passassem a se identificar mais com o seu local de moradia. A limitação daquele espaço por um muro construído a seu modo deu ao morador do Conjunto Esperança um sentimento de pertencimento. O lugar passou finalmente a ser um espaço, como diria Michael de Certeau. A dinamização aconteceu.

A Sr^a. Rosilene que chegou ao Conjunto Esperança em 1981, ano de sua fundação, também optou pela construção do muro. O incômodo de não poder ficar a vontade em sua própria casa e de ter, segundo ela, pessoas passando na calçada de sua cozinha fez que em 1982 construísse o muro. A seguir analisaremos algumas imagens do ano de 1986 quando o muro da Sr^a Rosilene já estava construído.

⁸⁹ Entrevista com Maria do Carmo da Costa, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 18 de agosto de 2007.

Vale salientar também que as imagens aqui analisadas são fotografias da própria moradora. Portanto, o foco da imagem não é necessariamente o nosso ponto de análise, mas aparece como o plano de fundo da fotografia.



IMAGEM 23: Parte da frente do muro da casa da Sr^a Antônia Rosilene Pinheiro.

Aqui podemos observar que em 1986 não só a habitação da senhora Rosilene já havia sido murada, mas a maioria das habitações. Todas elas com seus vários estilos, identificando a personalidade e também os recursos de cada morador do Conjunto naquele momento. Podemos perceber na foto pela fresta do portão, um outro tipo de muro que o vizinho da frente construiu. Um muro com cobogós, muito popular na década de 1980. Várias casas no Conjunto Esperança continuaram com este tipo de muro por muito tempo, até meados da década de 1990. Porém, com o desenvolvimento e as transformações do bairro estes também foram se modificando esteticamente.



IMAGEM 24: Lateral do muro da casa da Srª Antônia Rosilene Pinheiro.

Ao contrário do que pensávamos anteriormente, a construção de muros também foi comum nas habitações tipo apartamentos do Conjunto Esperança. Podemos perceber nas imagens 06 e 08 que os apartamentos do Conjunto Esperança vinham separados em blocos e que de acordo com as imagens não havia nenhuma espécie de muro que ligasse um bloco ao outro, ou que privatizasse aquele espaço. Portanto, o espaço existente entre os blocos de apartamentos do Conjunto Esperança era considerado espaço público e de passagem nas plantas oficiais da COHAB.

Achávamos que, por causa das mencionadas fiscalizações da Companhia de Habitação, nenhum tipo de reforma poderia ter sido realizado nos apartamentos e nem fora deles, porém, de acordo com as entrevistas e com algumas fotografias fornecidas por moradores, percebemos que assim como nas casas as modificações também aconteceram com força nas habitações tipo apartamento do Conjunto Esperança.



IMAGEM 25: Muro e portão do apartamento da Sr^a. Risalva.

Aqui vemos uma fotografia de outubro de 1984 do apartamento da Sr^a. Maria Risalva Soares Holanda. Apesar da fotografia não focar exatamente o nosso objeto de estudo e sim a imagem dos dois filhos da Sr^a Risalva partindo para escola, ela nos foi muito oportuna. Isso porque, a imagem mostra que não só a Sr^a Risalva já havia construído o muro que impedia a passagem das pessoas entre os blocos, como também vemos que do outro lado da rua outros vizinhos haviam feito a mesma coisa.

Hoje em dia a maioria dos blocos de apartamentos do Conjunto Esperança não contam mais com essa passagem. Tornando assim quase raros os blocos que ainda possuem uma passagem entre eles. A maioria já foi tomada não só por muros, mas também por várias e distintas reformas realizadas pelos moradores dos apartamentos. Porém, estas reformas serão melhor trabalhadas à frente.

Além da construção do muro, outro foco das transformações estéticas da década de 1980 foram as ampliações. Estas transformações também foram importantíssimas para que o Conjunto começasse a modificar a estética planejada de casas uniformes. O padrão saiu e deu lugar a uma estética da autoconstrução, ou seja, a uma estética que ficou a cargo

dos próprios moradores, que com a ajuda dos seus mestres de obra deram uma nova configuração as habitações do Conjunto Esperança.

Alguns moradores fizeram modificações na habitação mesmo antes de chegar ao conjunto. Esse é o caso da Sr^a Rosilene Pinheiro que antes de habitar a casa mandou construir mais dois quartos. Vejamos o que ela nos diz sobre isso:

Na época que nós recebemos a casa, ela era muito pequena. Só uma sala, uma cozinha e um banheiro. Tipo A. E uma areazinha na frente. Tipo A, muito pequena. Antes de a gente vir morar nós construímos dois quartos. Nos mudamos e viemos morar em 29 de março de 1982. (...) Até porque não dava, os objetos não caberiam numa sala e numa cozinha. Eu já morava em outra casa maior. Na época eu morava numa casa de sete compartimentos. O que é bem diferente você chegar numa casa de três, num dá nem pra imaginar⁹⁰.

Sendo mais uma dentre tantos, a Sr^a Rosilene também veio do interior do estado do Ceará. Nascida na cidade de Milhã, veio para Fortaleza depois de completar o ginásio, quando casou-se com seu esposo. Antes de morar no Conjunto Esperança, morou na Av. Padre Mororó, quando solteira, e depois de casada passou a morar na casa de sete compartimentos na Av. Leste Oeste. Sendo, portanto, a existência do excesso de móveis da habitação anterior o motivo da construção destes dois quartos antes de habitar a casa do Conjunto.

Em casas embrião ou Tipo A, esse tipo de ampliação foi muito comum. Como o terreno era farto e esta era a menor habitação, os moradores logo tratavam de construir mais um ou dois quartos. Este tipo de habitação, com esta estética pequena e condensada chegava a assustar alguns moradores que vinham do interior do estado para o Conjunto Esperança. A Sr^a. Maria José nos conta como se sentiu ao chegar à sua habitação.

A casa era muito pequena, quando eu vi, eu me assustei com o tamanho da casa. Tinha um terreno muito grande, mas o espaço mesmo, eu acostumada com as casas do interior, por sinal a casa dos meus pais era muito grande. Esta casa que eu estou morando hoje, ela era minúscula. Só tinha uma sala, um banheiro e uma cozinha minúscula. Não era murada, as pessoas passavam por trás das casas de uma rua pra outra. Ela não tinha nenhuma reforma. (...) Eu achei muito estranho e achei perigoso. Por que não conhecia o bairro, eu vinha de uma cidade do interior, ia morar só, então eu achei que era perigoso. Ai a primeira coisa que nós fizemos foi murar. Quando eu entrei, eu murei a casa. Não fizemos nenhum

⁹⁰ Entrevista com Antônio Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

cômodo só muramos, pra que as pessoas não ficassem passando de frente e por trás da casa. (...) Depois de murar eu fiz um quarto, (...) porque eu estava grávida, esperando minha filha, e só tinha a sala, então eu quis um quarto pra ter um espaço maior pra criança e pra mim também⁹¹.

A partir deste depoimento vários aspectos da nossa problemática poderão ser tratados. O primeiro deles será em relação à forma de como a moradora acima conseguiu sua habitação.

A Sr^a. Maria José veio da cidade de Massapé no Ceará. Chegou a Fortaleza, e ao Conjunto Esperança, no ano de 1984. Como podemos observar, ela não chegou à época da fundação do Conjunto Esperança. Isso porque a Sr^a Maria José é um dos muitos moradores do Conjunto que foram receptores de casas revendidas. Porém, aqui acontecia algo diferente do que é analisado na obra de Licia do Prado Valladares, *Passa-se uma casa*. Como observamos, anteriormente, no depoimento da Sr^a Maria das Graças Almeida, era muito comum que no Conjunto Esperança, inicialmente, várias pessoas que não precisassem das habitações as tivessem recebido. Uma destas pessoas foi à pessoa que vendeu a casa para a Sr^a Maria José. Segundo ela, a Sr^a Maria Terezinha Freire Cabral nunca havia precisado da casa, pois era rica e morava na Aldeota, por isso havia colocado apenas uma empregada para morar temporariamente na casa, esperando apenas que esta se valorizasse, para que futuramente pudesse vendê-la.

Já comentamos anteriormente que, naquele período da história cearense, este tipo de situação clientelista era muito comum. E isso, de certa forma, faz que tantos moradores do Conjunto Esperança citem em suas entrevistas a entrega imprópria de habitações no Conjunto Esperança. Contudo, isto futuramente resultava no “passar a casa”, como aconteceu com a Sr^a Maria José e a Sr^a Terezinha.

Como disse em seu depoimento, a Sr^a Maria José ficou bastante assustada com o tamanho da habitação. Isso acontecia com vários moradores do Conjunto Esperança naquele momento, pois estes, como já mencionamos, em sua maioria, vinham do interior do estado, e, portanto, estavam acostumados com muito espaço, tanto dentro como fora da habitação. Porém, como já observamos, o espaço era raro nas habitações de um Conjunto

⁹¹ Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.

Habitacional. Essa situação influenciou bastante nas transformações estéticas do Conjunto Esperança e nos tipos das transformações.

O terceiro aspecto que a entrevistada acima toca é a questão das suas primeiras reformas. Como já foi constatado, umas das transformações estéticas mais importantes e primeiras dos moradores do Conjunto era construção do muro. Sendo assim, no caso da Sr^a. Maria José, depois de fazer o muro, ela fez um quarto para receber um novo membro da família.

Quando fizemos as nossas entrevistas podemos perceber que muitos dos primeiros moradores do Conjunto eram formados por jovens casais que estavam começando a formar uma família. A partir daí começamos a observar que a cada novo membro que nascia destas famílias, um cômodo ou uma transformação estética estaria sendo posta para atender aquela nova necessidade. A construção do quarto da Sr^a Maria José se enquadra perfeitamente neste aspecto, pois foi o nascimento da criança que impulsionou a transformação estética da casa.

Analisemos abaixo o quarto construído pela Sr^a Maria José:



IMAGEM 26: Primeiro quarto construído pela da Srª Maria José.



IMAGEM 27: Primeiro quarto construído pela da Srª Maria José.

Se observarmos a planta da casa tipo A (imagem 04), o quarto foi construído na parte posterior da sala da habitação. No lugar onde havia uma janela, a Srª Maria José abriu uma porta e construiu o quarto, aproveitando ainda a janela da COHAB para pôr no quarto. Sendo esta a janela que vemos na Imagem 27. Podemos perceber também pela imagem que o quarto foi construído no mesmo estilo das casas da COHAB, com telhas, paredes pintadas com tinta “super cal” e chão de cimento batido.

Portanto, o que se constata neste momento é que a transformação estética da habitação da Srª Maria José segue inicialmente o estilo de construção da COHAB. Isso porque tal estilo era mais barato em custo do que qualquer outro e também porque o objetivo primeiro da construção deste quarto era apenas a necessidade de mais um cômodo, ou seja, de mais espaço para o nascimento da criança, não de beleza.

Até agora analisamos as reformas de habitações tipo A. Gostaríamos de passar a uma casa tipo B, a casa da Srª Maria das Graças Silva do Carmo. Vinda do município de Meruoca - CE, ela chegou a Fortaleza em 1981 para morar na casa de uma irmã no bairro Quintino Cunha. Em setembro 1982 chegou ao Conjunto Esperança, veio casada e

acompanhada apenas do marido. A Sr^a Marisa, como gosta de ser chamada, nos conta um pouco das primeiras modificações que fez em sua habitação:

Minha casa era tipo B, vinha com a sala, a cozinha, o banheiro e um quarto. O banheiro muito pequeno, uma areazinha muito pequena. Era bem pequenininha. A primeira coisa que a gente foi fazer foi o muro, porque não tinha proteção nenhuma. E gradear. As janelas, portas tudo com grade. A gente saía, passava o dia fora e tinha medo de acontecer as coisas. Foi a primeira preocupação nossa foi gradear e murar a casa. Aliás, antes de a gente vir morar aqui, a gente já fez um pequeno muro, um cômodo de comércio. Ai, fez um murozinho já protegendo a cozinha. Ai depois, fizemos o muro todinho protegendo a casa. Depois, ampliamos, fizemos mais dois quartos, mudamos o piso. Quando a gente fez os quartos colocamos logo o piso, em 1984. Foi quando eu tive o primeiro filho, a gente precisava de mais espaço e eu fiz os dois quartos. Ai, logo em seguida, eu fiz o piso na casa, o banheiro, a gente reformou o banheiro⁹².

Vemos, mais uma vez, neste relato a importância do muro para os moradores do Conjunto Esperança. A vontade de maior segurança e de delimitar o espaço da sua habitação era mais importante que qualquer outro tipo de reforma. Na casa da Sr^a. Marisa, o muro acompanhado de grades nas janelas e portas, possibilitava maior segurança, e porque não dizer, maior conforto a esta senhora e seu marido que passavam o dia fora. Além do muro e das grades, a Sr^a Marisa, junto com seu esposo, construiu um ponto comercial, que inicialmente serviu de mercearia para os moradores do Conjunto e de fonte de renda para o casal.

Já em 1984, por causa da chegada do primeiro filho, o casal fez outra reforma na casa. Desta vez, fizeram mais dois quartos, reformaram o banheiro e colocaram piso de cerâmica em toda a habitação. Como já vimos, este tipo de ampliação, principalmente relacionado à construção de quartos foram muito comuns nas habitações tipo casa do Conjunto Esperança. Aqui mais uma vez o nascimento de um filho é o motivo da ampliação em busca de mais espaço para a criança.

Porém, algo que não era muito comum nas habitações tipo casa, e foi realizado pela Sr^a Marisa e seu esposo, foi a reforma do banheiro e do piso. Esse tipo de reforma será mais comum na década de 1990, como trabalharemos posteriormente. Contudo, isso nos

⁹² Entrevista com Maria das Graças Silva do Carmo, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 16 de novembro de 2010.

mostra que apesar de termos verificado um padrão nos tipos de reforma de cada década, as exceções existiam.



IMAGEM 28 e 29: Fotos das reformas realizadas pela Sr^a Marisa em 1984.

As fotos acima são de agosto de 1985. Na primeira imagem vemos que, não apenas os quartos e o banheiro foram reformados. A área também foi ampliada chegando a dar espaço para um Conjunto de cadeiras de madeira. Se compararmos esta imagem com a imagem 04 que mostra a planta da casa tipo B, veremos que a modificação nesta parte da casa foi total. Na imagem 04 nós vemos a planta das duas casas geminadas tipo B na parte de baixo. Segundo nos consta a casa da sr^a Marisa seria a da esquerda.

Como já mencionamos, a Sr^a Marisa fez um ponto comercial na sua habitação antes mesmo de ir morar lá. Pelo que podemos analisar das imagens, o ponto comercial saiu

da área e ela fez uma nova área puxando o terreno para frente a partir da janela da sala. Portanto, o que vemos na imagem 28, acima, é um cômodo totalmente novo que foi construído pela Sr^a Marisa. Nesta imagem ainda podemos ver o tipo de grade posto pela Sr^a Marisa, assim como sua nova porta de entrada da casa. Na imagem seguinte, podemos analisar melhor o tipo de cerâmica que foi colocada pela moradora, assim como a nova pintura da sua habitação.

Já as modificações dos outros tipos de casas do Conjunto Esperança foram diferentes das habitações tipo A e B, uma vez que, como as outras habitações eram maiores, elas exigiram de seus moradores menos esforços e necessidades de ampliação. Por isso, essas habitações acabaram por demorar mais um pouco a fazer ampliações. Apesar do muro ter sido uma unanimidade em todos os tipos de habitação, os outros tipos de modificações estéticas não foram, incluindo alguns tipos de ampliação como as dos quartos. Isso porque, como já foi salientado anteriormente, as habitações tipo, C e E já acompanhavam quartos, cômodo que nesta década era o mais construído – de acordo com as nossas entrevistas – pelos moradores do Conjunto.

Já em relação às habitações tipo apartamento, as modificações da década de 1980 foram um pouco diferentes das do tipo casas, já que, como mencionamos acima, os apartamentos eram bem maiores em área construída do que as casas. Vinham com três quartos, sala, cozinha e banheiro. Chegando a ser maior do que a casa tipo C, que vinha acompanhada de dois quartos. Isso fez que as primeiras reformas dos moradores das habitações tipo apartamento fossem outras.

Assim como a Sr^a Rosilene e a Sr^a Marisa, a Sr^a. Maria Risalva Soares Holanda, que é moradora dos apartamentos do Conjunto Esperança desde a época de sua fundação também modificou sua habitação antes de residir-la. Ela nos conta um pouco de suas chegada e as primeiras reformas na habitação.

Quando eu me casei, primeiro eu fui morar na Barra do Ceará, no Beira Rio. Morei muito tempo lá em casa alugada e de lá vim pra cá. (...) A gente se inscrevia na COHAB, quando houve o sorteio eu fui chamada e então recebi uma casa no Conjunto Ceará, eu não quis. Fui na COHAB, cheguei lá ainda botei boneco, por que meu marido viajava muito e eu queria o apartamento de cima. Porque era mais segurança, eu morava só com os meninos. Ai quando eu tirei era embaixo, ai eu disse que não queria, mas a moça me convenceu tanto,

que graças a Deus que ele me convenceu. Porque eu achei maravilhoso. Quando nós recebemos eu vim olhar, e achei uma coisa assim tão linda. Era tão lindo, um campo assim tão lindo. Por que quando vão entregar é tudo tão limpo, tão lindo, tudo maravilhoso. Era distante de onde eu morava. A gente recebe no chão grosso com porta feia, eu vinha pra cá todo dia, quando eu tinha folga de tardezinha, aí vinha. Por que eu mandei botar um piso, mandei “emassar”, mandei fazer o banheiro, mandei mudar a porta, gradear, foi o principal. Então antes de vir habitar eu mandei reformar, por que eu tinha criança pequena, então meu filho se arrastava, por isso precisava. (...) Eu fiz a área ainda em 82 ou 83, antes do meu último filho nascer eu já tinha feito, porque ele nasceu em 84, eu já tinha feito. É porque eu precisava até da garagem pra botar o meu carro, porque ficava o carro aí dentro levando sol e chuva, aí ele fez logo que era pra proteger o carro. (...) Eu sei que era errado, mas eu não invadi o bloco todo, eu fiz aqui a minha parte e ficou a passagem, mas aí botaram o portão aqui e botaram o portão de lá, e passaram o muro do meio.⁹³

A Sr^a. Risalva veio da cidade de São Gonçalo do Amarante, ainda jovem, na década de 1970. Chegou a morar na casa de tios e depois com um grupo de amigas na Parquelândia até o dia do seu casamento. Depois de casada, inscreveu-se na COHAB para ganhar uma habitação e veio morar em um dos apartamentos do Conjunto Esperança.

Ao contrário do que vimos na matéria do Jornal O Povo no capítulo 01, onde os moradores achavam a estética do Conjunto feia, principalmente à dos apartamentos, apelidando-os de “casa de pompos”, a Sr^a Risalva achava linda e maravilhosa a estética do Conjunto. Os apartamentos todos iguais, o campo limpo, tal qual podemos observar nas imagens 06, 07 e 08, mostrava para essa moradora beleza, sinal mais uma vez de uma singularidade estética de cada morador do Conjunto Esperança. Para ela, o Conjunto Esperança teria continuado muito mais bonito se tivesse permanecido sem reformas, principalmente no que se refere aos apartamentos. Porém a própria moradora nos conta que ela foi umas das primeiras a fazer ampliações na habitação. A mesma pegou uma parte do terreno que ficava entre os blocos e fez um puxado que lhe permitiu obter uma área de frente com um espaço para garagem, isso ainda na década de 1980. Depois que ela fez e não houve por parte de nenhum órgão público qualquer tipo de retaliação ou proibição, ficou muito mais fácil para seus vizinhos continuarem a obra de onde ela havia parado.

⁹³ Entrevista com Maria Risalva Soares Holanda, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 11 de dezembro de 2010.



IMAGEM 30: Área ampliada pela Srª Risalva.

Como percebemos anteriormente, os moradores dos apartamentos, em sua maioria fecharam através da construção de um muro o espaço que existia entre os blocos. A partir do momento que este espaço foi fechado ele passou de público, de local de passagem de transeuntes, para um local privado dos moradores do bloco. A privatização desse espaço favoreceu a questão da ampliação das habitações tipo apartamento do Conjunto Esperança.

Já em relação as suas reformas, a Srª Risalva nos diz que antes mesmo de se mudar para o Conjunto havia mandado reformar a habitação. A sua reforma, como vimos, ao contrário do que aconteceu nas habitações tipo casas, foram reformas mais relacionadas a modificações estéticas do que as ampliações.



IMAGEM 31: Sala de estar reformada pela Sr^a Risalva.

Na imagem acima vemos uma fotografia de setembro de 1982, ou seja, um pouco mais de um ano depois da fundação do Conjunto Esperança. Na foto vemos a confirmação da reforma que a Sr^a Risalva fez em seu apartamento. Como podemos perceber, o piso foi trocado de cimento para cerâmica, as paredes se encontram pintadas, as janelas gradeadas, as tomadas trocadas.

Isso tudo nos leva a perceber a diversidade de reformas, ampliações e estéticas encontradas no Conjunto Esperança já na década de 1980. O fato de muitos moradores reformarem a habitação antes mesmo de adentrá-la, revela como estas não se adequavam e às vezes não agradavam a maioria dos habitantes do Conjunto, fazendo que assim os usuários a modificassem como uma forma de dar um caráter pessoal a habitação.

Porém, temos que ressaltar aqui que nem todas as habitações do Conjunto Esperança foram reformadas. Existem ainda hoje no Conjunto habitações – tanto apartamentos como casas – sem nenhum tipo de modificação, praticamente intactas. Isso

nos leva a crer também que nem todas as habitações do Conjunto sofreram algum tipo de reforma na década de 1980. Fato este que nos levará às exceções, posteriormente.

2.2. Reformas: a busca por um maior conforto (1990).

Chegamos à década de 1990. Nesse momento, o Conjunto Esperança já tinha adquirido a capacidade de respirar sozinho, de ser independente. Isso quer dizer que o comércio e alguns serviços já atuavam com força dentro do bairro, fazendo que, desta forma, fosse desnecessário, por parte dos moradores do Conjunto, o distanciamento do bairro para o usufruto de determinados serviços. Isso facilitou sobremaneira a vida destas pessoas, pois elas agora, já tinham a oportunidade de ter estes serviços mais próximos às suas habitações.

Pelo que podemos perceber em nossas fontes, as reformas da década de 1990 priorizaram as melhoras nas habitações. Como as reformas de 1980 estavam mais relacionadas à delimitação do espaço, pela construção do muro, como também à ampliação da habitação, através da construção de mais cômodos, foi necessário, a partir de 1990, a melhoria, tanto da habitação original, como também dos cômodos que foram construídos posteriormente. Queremos entender aqui por melhoria, a troca de portas e janelas, a pintura nas paredes, a mudança do piso, das instalações elétricas e hidráulicas, além das reformas de banheiros e construção de forros de alvenaria.

No entanto, não queremos dizer que este tipo de melhoria aconteceu apenas na década de 1990, pois como já vimos no tópico anterior, nos exemplos da Sr^a Marisa e da Sr^a Risalva, antes mesmo de 1990 esse tipo de reforma já havia acontecido em algumas residências. Porém, de acordo com as entrevistas que realizamos, a maioria desse tipo de reforma aconteceu no período da década de 1990.

Vale salientar aqui que nas habitações tipo apartamento aconteceu o inverso no que diz respeito às reformas. Ou seja, enquanto nas habitações tipo casa, em sua maioria, foram feitas primeiro as ampliações e depois as melhorias, nos apartamentos, deu-se o contrário, já que as necessidades das pessoas que moravam nos apartamentos eram bem diferentes daqueles que habitavam as casas. Como já mencionamos, os apartamentos, em

área construída, eram bem maiores que as casas, o que fez que os habitantes das casas tivessem mais necessidade de ampliação do que os moradores dos apartamentos.

Voltemos então à habitação da Sr^a Rosilene. Vale relembrar que esta moradora de casa Tipo A, tinha ampliado a sua residência em dois quartos e tinha construído o muro na década de 1980, vejamos, então, as suas reformas da década de 1990.

Depois do muro nós fizemos dois compartimentos na frente, que na época seria um quarto e uma sala, não, seria uma sala e um ponto de comércio. Com o decorrer do tempo fizemos outro compartimento, o ponto de comércio virou uma sala. Isso foi mais ou menos de 1991 para 1992. A gente fez esse ponto de comércio e eu coloquei material de aviamento, armarinho. Passei uns quatro anos, cinco anos com esse ponto, mas aí num deu, aí depois eu fechei um tempo e resolvi colocar novamente. Aí fiz, onde era um ponto de comércio já tinha virado sala, e onde era a garagem fiz outro ponto de comércio, e botei de novo o armarinho. Aí passou o tempo, parei, porque os meninos já estavam grandes e as vendas eram muito poucas. Fechei. Aí hoje é uma área, onde era o último ponto é uma área⁹⁴.

Nesta fala da Sr^a Rosilene podemos perceber que as ampliações continuaram por um tempo durante a década de 1990. A necessidade de adquirir uma renda extra para a família impulsionou a construção de um ponto comercial, que, mesmo tendo passado um tempo fechado, durou quase toda esta década.

⁹⁴ Entrevista com Antônia Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.



IMAGEM 32 e 33: Último armarinho construído pela Sr^a Rosilene e quarto da filha da Sr^a Rosilene.

Podemos ver na fotografia da imagem 32, a existência do ponto comercial na casa da Sr^a Rosilene. Segundo a mesma, a fotografia acima faz parte da comemoração dos 15 anos da sua filha mais velha, que nasceu em agosto de 1985. Sendo assim, esta foto foi tirada em agosto do ano 2000, o que demonstra que ainda no final da década de 1990 o ponto comercial continuava de pé. Percebemos, assim, que os moradores do Conjunto Esperança vivem de acordo com suas necessidades, sendo por conta delas que eles modificam suas habitações de diferentes formas.

Para trabalharmos a imagem 33 e as melhoras realizadas na habitação da Sr^a Rosilene precisaremos retornar a sua fala.

A única coisa que tem da COHAB é a caixa d'água do banheiro. Mas os materiais da COHAB eram bons. Era uma casa assim singela, pequeninha e tudo, mas eu acho que o material, as portas assim eram singelazinha, mas era de material de qualidade. Pelos menos as daqui tiveram muita durabilidade. (...) O piso foi trocado duas vezes, tinha o da COHAB, eu pus outro, depois esse. Essa daqui é a segunda cerâmica. É mais ou menos um piso por década, mas acho que esse aqui vai ser o resto. Vai ser as décadas que sobrem. Porque esse aqui é um piso bom. O outro, é porque a gente comprou um piso que não era muito bom, mas aí a gente resolveu comprar um bom pra resolver logo o problema.

Também pra não ficar mudando o piso. Quanto à pintura, a cada ano, quando se aproxima o final do ano a gente dá uma mãozinha de tinta nas paredes, mas é tinta comum mesmo. Eu gosto mais da cor branca. Por que o branco dá mais impressão de limpeza, de claridade, dá uma aparência que é maior, eu gosto de casa grande, dá uma aparência que a casa é maior. E me atrai muito o branco. O forro foi colocado em 2003, o forro foi recente. A gente pensou de botar alvenaria, mas aí pra mexer na estrutura da casa todinha. Pra botar tinha que fazer a coluna, mexer na estrutura todinha. Aí nós resolvemos botar madeira nova e toda ripa junta, trocamos toda a madeira, ainda era da COHAB e colocamos PVC só para diminuir a poeira. Porque aqui futuramente é dos meninos, se eles quiserem construir pra eles é problema deles. Mas a nossa parte é só aqui, tá bom demais, dá pra gente morar muito bem⁹⁵.

Na habitação da Sr^a Rosilene muitas melhorias foram feitas não só no período da década de 1990, mas em todo o tempo que esta senhora morou em sua casa. Porém, na década de 1990, as melhorias relacionadas ao teto e ao piso foram as principais mencionadas pela moradora. Pelo que notamos em nossas entrevistas, não só a Sr^a Rosilene, mas vários outros moradores modificaram pela primeira vez, o teto e o piso durante a década de 1990. Vejamos então o que nos diz a Sr^a Maria José sobre as suas reformas e melhorias da década de 1990.

A primeira coisa que eu fiz foi um quarto, depois eu fiz outro quarto para a minha filha, eu acredito que ela já tinha uns cinco anos. (...) Foi mais ou menos no início da década de 1990 que eu fiz esse outro quarto. Aí quando eu tive outro filho, foi que eu fiz mais outro quarto. Isso eu já tinha ampliado o tamanho da cozinha. (...) A próxima reforma que eu fiz foi forrar e colocar cerâmica. O piso era até em pedra de cimento. Resolvi colocar cerâmica porque o cimento, com o tempo, ele tava muito desgastado, aí acabava tendo poeira. A cerâmica tinha menos poeira e meu filho era muito alérgico. E por causa da beleza mesmo. A cerâmica é muito mais bonita do que o cimento. Primeiro pela saúde, porque tinha menos poeira, e segundo pela beleza. (...) Pintar a casa eu sempre pinte. As minhas cores preferidas eram amarelo e rosa. Pinte muitas vezes de amarelo e de rosa, não sei nem porque⁹⁶.

Na habitação da Sr^a Maria José foram feitas ampliações até a década de 1990. A primeira ampliação como já mencionamos anteriormente foi a construção de um quarto no ano de 1986 (ano do nascimento da sua primeira filha). Porém, como sua habitação era uma casa tipo A, que não possuía nenhum quarto, e a sua filha estava crescendo, a Sr^a Maria José achou por bem fazer um quarto para sua filha no início da década de 1990. Por causa do nascimento de mais um filho, outro quarto foi acrescentado no ano de 1997. Segundo a

⁹⁵ Entrevista com Antônia Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

⁹⁶ Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.

moradora, neste meio tempo, ela ampliou a cozinha, que era muito pequena e a área. Vejamos abaixo algumas imagens da habitação da Sr^a Maria José na década de 1990.



IMAGEM 34 e 35: Área da Sr^a Maria José no início da década de 1990 e da ampliação da antiga cozinha.

Acima vemos duas fotografias da década de 1990 da habitação da Sr^a Maria José. A imagem 34 mostra a área da casa da Sr^a Maria José ainda sem nenhum tipo de modificação. Posteriormente, já no final da década de 1990 e início da década de 2000, esta área será ampliada para frente da habitação. Já na imagem 35, temos uma fotografia de 1998 e nela vemos a antiga cozinha da Sr^a Maria José. Esta é a cozinha que vinha com as habitações da COHAB, mas que na habitação desta moradora não possuía mais esta função.

Como a moradora falou anteriormente, a cozinha foi ampliada entre a construção do quarto da sua filha mais velha e a construção do quarto do seu filho mais novo. Ou seja, primeira metade da década de 1990. Vejamos abaixo, na imagem 35, como ficou a cozinha desta senhora durante a década de 1990.



IMAGEM 36 e 37: Ampliação da cozinha da Sr^a Maria José no final da década de 1990 e sala e entrada dos dois quartos ampliados pela moradora.

Na imagem percebe-se que a ampliação foi realizada no extenso terreno que a Sr^a Maria José dispunha para suas reformas. Se compararmos as imagens 35 e 36 podemos entender que a atual cozinha nasceu de um puxado da antiga cozinha. Tanto que a pia que se nota do lado esquerdo da imagem 36 era a antiga pia da área de servido da habitação, que ficava do lado de fora da casa.

A partir de agora, iremos nos fixar na questão das melhorias que foram realizadas nas habitações mencionadas pelas duas moradoras acima. O piso das habitações do Conjunto era feito de um cimento liso (Imagem 37) e o teto possuía uma cobertura de telhas (Imagem 36), sem nenhum tipo de forro. Por terem sido feitos de forma tão singela,

como menciona a Sr^a Rosilene em sua fala, estes itens foram melhorados ou substituídos em praticamente todas as habitações do Conjunto Esperança.

Em relação ao piso, como podemos perceber na própria fala da Sr^a Rosilene e da Sr^a Maria José, este foi substituído uma vez a cada década. Normalmente os moradores, assim como estas senhoras, trocaram o piso de cimento por pisos de cerâmica. Somente na década seguinte é que alguns outros tipos de material para pisos serão usados, como por exemplo, porcelanato, mármore e granito. Os motivos da troca do piso, segundo estas moradoras, estariam ligados tanto ao desgaste do mesmo, que podia ocasionar problemas de saúde para as pessoas que habitavam a casa, como também a busca por uma melhor estética para a habitação.

O ato de forrar o teto é algo exclusivo dos moradores das habitações tipo casa. Isso porque os moradores das habitações tipo apartamento já vinham todos com seus tetos devidamente forrados. Segundo os moradores entrevistados das habitações tipo casa, todos preferiram forrar o teto, tanto por causa do acúmulo de poeira que um teto de telhas ocasiona, como também pela segurança que um teto forrado proporciona. Isso, porém, não significa que todos os moradores do Conjunto Esperança forraram o teto de suas habitações. Contudo, todos os nossos entrevistados disseram que tiveram essa necessidade.

Foram vários os tipos de forro das habitações tipo casas. Eles variaram de acordo com a necessidade de cada morador. A Sr^a Rosilene, por exemplo, tinha como objetivo apenas uma melhora estética e de diminuição da poeira, por isso a mesma decidiu forrar a sua casa com algo mais frágil, o forro de PVC. Outro tipo de material ainda foi muito utilizado por alguns moradores, porém, isso aconteceu em menor escala: o gesso, pois, apesar de ser um tipo de forro mais barato ele é também o mais frágil, e algo que é de muita importância para os moradores do Conjunto é a durabilidade. Entretanto, outros moradores do Conjunto Esperança tiveram necessidades diferentes e resolveram fazer o forro de alvenaria. Apesar de mais caro, este forro foi escolhido por vários moradores que tinham com pretensão o aumento da sua habitação de forma vertical. Encontramos o forro de alvenaria na habitação da Sr^a Maria José. Apesar desta ainda não ter ampliado a sua habitação de forma vertical, a intenção existe.

Os motivos desta verticalização pelos vários moradores do Conjunto Esperança foram muitos: ampliação da habitação com o objetivo de fazer da parte de baixo um comércio e da parte de cima a habitação em si; construção de mais casas para a moradia de um filho, ou para alugar, com o objetivo de ampliar a renda da família; ou ainda ampliação da habitação por consequência do extenso número de membros da mesma.

Já em relação à pintura, esta foi amplamente utilizada por todos os moradores do Conjunto Esperança desde a sua fundação. Pelo seu custo ser bem menor do que o dos itens mencionados anteriormente ela sempre foi modificada com muita facilidade. No início as tintas a base de cal eram as mais populares. Porém, com o passar dos anos e a popularização de alguns tipos de tinta mais sofisticados, trouxeram aos moradores uma diversidade maior de cores, texturas e estilos.

Em relação às cores, as favoritas dos nossos entrevistados, sempre passaram pelo rosa, amarelo, verde e azul, mas o maior destaque vai para cor branca. Isso por que segundo eles esta cor traz uma maior claridade, amplitude e limpeza ao espaço da casa, tornando-a, assim, mais confortável e mais agradável aos olhos tanto dos moradores como de visitantes.

2.3 O embelezamento como marco da ascensão social (2000).

Enfim, a década do embelezamento, que foi a que nos inspirou a fazer este trabalho. Foi o olhar para as transformações, às vezes suntuosas, das habitações do Conjunto Esperança, que nos instigou a pensar a questão das reformas, ampliações e estéticas propostas por cada morador do Conjunto. Neste tópico pretendemos analisar a conclusão das reformas dos moradores, até o final da década de 2000. Porém, antes disso, gostaríamos de analisar um pouco como as reformas refletem a ascensão social ocorrida no Conjunto Esperança. Para isso utilizaremos como fonte a fala dos moradores confrontadas com as imagens de plantas e fotografias que datam da década de 1980.

Partimos, então, para a fala da Sr^a Maria José. Ela nos diz o porquê de tantas reformas em sua habitação e como conseguiu executa-las ao longo de toda a sua vida no Conjunto Esperança:

À proporção que eu fui ganhando melhor como professora, pois, quanto mais eu ganhava mais reformas eu fazia na casa e eu acredito que todo mundo fez assim. Você pode até não comprar uma casa do jeito que você quer, mas, à proporção que você vai aumentando o seu salário, você vai aumentando a sua renda e melhorando a sua qualidade de vida, em termos de casa, de bem estar. Você vai se sentindo bem dentro da casa. Em termos de aumentar também de tamanho, eu acredito que tenha muito a ver com a nossa história do interior, a gente nasceu e se criou em casas muito grandes, então a gente se habituou a morar em um espaço grande⁹⁷.

Como vimos no relato acima, as reformas da Sr^a Maria José acompanharam a evolução do seu salário. Acreditamos aqui que, principalmente as reformas que aconteceram na década de 2000, aconteceram por causa desta evidente melhoria na vida dos moradores do Conjunto. A questão da ascensão social, do ganhar mais, de ter mais dinheiro ao seu dispor, faz que esses moradores – pois aqui Sr^a Maria José inclui todo o Conjunto Esperança – tivessem a oportunidade de melhorar de vida. Tal melhoria está conseqüentemente ligada ao conforto que pode ser obtido na habitação e que pode ser proporcionado conseqüentemente pelo aumento de salário, como mencionou a entrevistada.

Algo que também contou bastante para as ampliações, segundo a Sr^a Maria José, foi o fato de que boa parte dos moradores do bairro tinha nascido e se criado em residências do interior do Estado. Como vimos, até o presente momento, todos os moradores que entrevistamos vieram de alguma cidade do interior. Mesmo que, muitas vezes, essa mudança não tenha se dado diretamente para o Conjunto Esperança, não apaga de forma alguma o costume e o hábito de “morar em um espaço grande”.

Na década de 2000, a maioria das reformas, no que diz respeito a ampliações e melhorias, já se encontrarão concluídas. Resta agora aos moradores do Conjunto fazer reformas que proporcionem, através do embelezamento da moradia, um maior bem estar aos moradores. Este tipo de reforma irá se evidenciar principalmente pela reforma de fachada, por troca de piso, por decoração de teto, por pinturas mais elaboradas. Táticas utilizadas por estes moradores para se sentirem mais confortáveis em suas habitações. E para mostrar também aos visitantes, que o Conjunto Esperança, apesar de ter nascido de um Conjunto Habitacional, conseguiu se sobressair da habitação planejada e se inserir numa arquitetura vernácula, mas que faz parte do padrão de habitação da classe média

⁹⁷ Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.

fortalezense. Eis abaixo as imagens de algumas habitações que nos instigaram a olhar de outra forma as residências do Conjunto Esperança.



IMAGEM 38: Fachada de uma habitação no Conjunto Esperança.



IMAGEM 39: Fachada de uma habitação no Conjunto Esperança.

As duas imagens acima mostram duas habitações tipo A localizadas na rua 104 do Conjunto Esperança. Nelas podemos perceber, através do confronto com a planta da

habitação tipo A (Imagem 04), o nível de transformação estética pelo qual estas habitações passaram. Estas são apenas uma amostra do tipo de reforma e ampliação que houve nas habitações do Conjunto, outros tantos podem ser encontrados ao caminharmos pelo bairro, mostrando-nos, assim, o quanto somos diferentes e a nossa habitação, algo que nos é íntimo, é o principal reflexo disso.

Porém, vale salientar que no Conjunto Esperança nós ainda temos habitações que não sofreram nenhum tipo de reforma ou ampliação. São raras, mas ainda existem. Principalmente as habitações tipo casa foram as que mais sofreram com as autoconstruções, chegando quase a se extinguir o número de casas sem nenhum tipo de reforma.



IMAGEM 40: Fachada de uma habitação sem reforma internas, apenas com a construção do muro, no Conjunto Esperança.

Esta é uma habitação Tipo A encontrada na rua 113 do Conjunto Esperança. A única transformação existente nesta casa tipo A foi a construção do muro, item importante de delimitação do espaço para os moradores do Conjunto, e que foi inerente a todos que habitaram as moradias tipo casa. Isso nos faz pensar, o que leva a pensar o porquê disso, o

porquê de ainda existirem habitações sem nenhum tipo de reforma no Conjunto. Seria por que, a própria habitação vinda da COHAB já atendeu todas as suas necessidades de conforto, ou por que este morador não conseguiu ascender socialmente e, portanto nunca teve o dinheiro necessário para qualquer reforma ou transformação estética? Perguntamos-nos isso, porque podemos perceber que até o mesmo tipo de pintura – branca a base cal – é mantida pelo morador. Nenhuma modificação por parte deste habitante parece ter sido feita na casa.

Voltemos agora às habitações dos nossos entrevistados e vejamos como elas ficaram. Começemos pela Sr^a Rosilene. Segundo esta moradora a última reforma feita foi a transformação do comércio existente na frente da casa em uma nova e ampla área. Nesta reforma toda a fachada da habitação foi modificada, da pintura e do tipo de parede até o portão. Confrontemos, então a imagem 32 com a imagem abaixo e vejamos a transformação.



IMAGEM 41: Nova fachada da habitação da Sr^a. Rosilene.

De acordo com a moradora, ela se encontra muito satisfeita com a sua habitação e não presente fazer nenhuma mudança brusca na residência nos próximos anos, a não ser uma pequena despesa nos fundos da casa, num pequeno resto de terreno vazio que lhe sobrou. Já a Sr^a Maria José fez muitas outras reformas na década de 2000, vejamos o que ela nos diz:

Eu troquei de novo a cerâmica, coloquei outra cerâmica, porque a que eu tinha botado já estava feia. E troquei a pintura por textura. Antes usava tinta comum, mas a textura era mais bonita e mais duradoura também. Transformei completamente a fachada da casa. Da frente da casa não tem mais nada como ela era de quando eu recebi. Hoje nós temos um oratório com o muro, duas áreas grandes. Mudei a calçada também, antigamente era de cimento. E quando eu fiz o muro eu fiz também a primeira calçada, a primeira coisa que eu fiz na casa foi fazer o muro e a calçada, porque não tinha calçada. Ai era cimento, o cimento aos poucos vai se quebrando aí eu coloquei cerâmica⁹⁸.

Vemos que, na década de 2000, a Sr^a Maria José modificou o seu piso e a sua pintura por uma necessidade um pouco diferente das anteriores. Agora a modificação aconteceu por questão de embelezamento. Como estes dois itens não eram mais do agrado da senhora acima eles foram trocados. O piso não foi trocado porque estava quebrado, mas sim porque ele não atendia mais a necessidade daquela moradora, que era de beleza. O piso estava feio, esse foi o motivo. Já a troca do tipo de material da pintura seguiu o mesmo mecanismo, a textura simplesmente era mais bonita do que a tinta comum.

Essa necessidade de embelezar a casa parte desta mencionada ascensão social ocorrida no bairro, pois na medida em que estes moradores vão melhorando suas condições de vida vão também almejando melhoras estéticas nas suas habitações.

⁹⁸ Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.

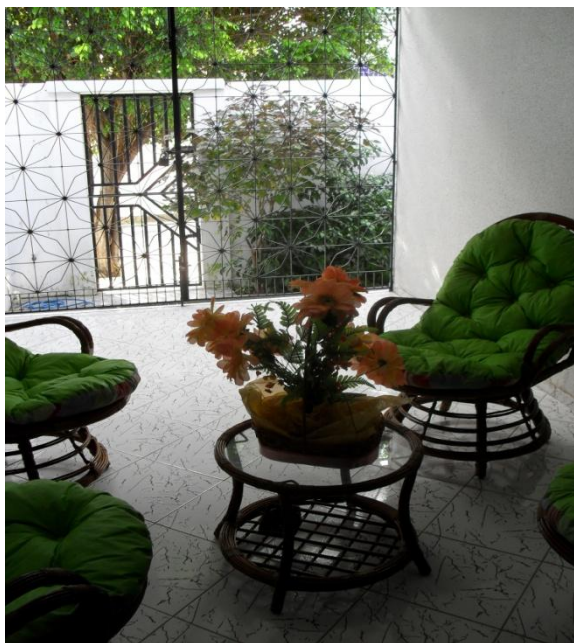


IMAGEM 42: Nova área da Sr^a. Maria José.

Outra coisa que também foi modificada pela Sr^a Maria José foi a fachada da sua habitação. Segundo ela não existe na fachada da residência nenhuma referência de que ela algum dia foi uma casa construída pela COHAB. Isso nos instiga a pensar como estes moradores tem uma necessidade de não serem identificados como moradores de um Conjunto Habitacional, ou que pelo menos as suas habitações não sejam identificadas desta maneira. Talvez, assim pensamos, este seja um dos grandes motivos para tantas reformas, ampliações e modificações estéticas no Conjunto Esperança.

Passemos a habitação da Sr^a Marisa. Assim como as outras moradoras, esta senhora fez várias reformas de melhoria na sua habitação durante a década de 1990. Ela pintou a casa e trocou o piso, porém, em relação ao forro, preferiu forrar apenas os quartos, pois como não pretendia fazer uma ampliação vertical, achou mais barato forrar apenas os locais de dormitório.

Na década de 1990 muitas transformações foram realizadas na habitação da Sr^a Marisa, como, por exemplo: transformação do ponto de comércio em garagem; derrubada do antigo banheiro e cozinha da COHAB e construção de outros mais amplos, incluindo aí uma sala de jantar. Já na década de 2000, a Sr^a Marisa construiu uma área de serviço na

parte de trás da sua habitação, que mais tarde, no ano de 2005, se tornou uma confecção. Porém apesar de todas estas modificações a moradora ainda não está satisfeita com a casa, pensa que ainda várias reformas devem ser feitas, tanto para ampliar o seu negócio como para deixar a casa mais ventilada, já que a residência se encontra do lado em que o sol incide com maior intensidade e, por isso, é muito quente.

Todas estas modificações vão influenciar sobremaneira a transformação da fachada da habitação da Sr^a Marisa. Vejamos o que a própria moradora nos diz sobre o assunto:

Porque, antes, quando a gente recebeu, que não tinha muro, nós construímos um muro baixo com uma grade de ferro, com um portãozinho estreito porque ninguém tinha carro. Depois surgiu o carro, tivemos que fazer a garagem com o portão largo, e achei melhor o muro alto, e o portão de alumínio que é mais fechado. Depois veio o revestimento do muro, porque não tinha revestimento no muro, na calçada. Depois que nós fizemos a reforma de casa que colocamos o piso, veio à reforma de fora, da calçada e do muro. Preferi revestir de cerâmica, porque não precisa pintar sempre, é mais econômico. Sai mais caro quando você faz, mas em compensação você não vai ficar pintando todo ano, ou de dois em dois anos. Já faz bastante tempo que foi feito esse trabalho, mais de cinco anos e até hoje ninguém precisou mudar⁹⁹.



⁹⁹ Entrevista realizada em agosto de 2010.

IMAGEM 43: Última fachada da habitação da Sr^a. Marisa.

Este tipo de fachada e revestimento foi muito comum no Conjunto Esperança na década de 2000. Pelos próprios motivos que a Sr^a Marisa salientou, muito moradores do bairro passaram a se utilizar desse tipo de fachada tanto pela maior durabilidade como por uma espécie de modismo da época.



IMAGEM 44: Fotografias de várias fachadas que compõem o mesmo estilo da fachada da habitação da Sr^a. Marisa.

Finalizaremos nosso capítulo com a análise da habitação da Sr^a Risalva. Na década de 1990, além das diversas melhorias que a Sr^a Risalva fez em seu apartamento, ela fez também um ponto de comércio. Depois de se aposentar como professora da rede estadual, a moradora resolveu colocar um armarinho de miudezas. Este foi aberto no que antes era um quarto que ficava de frente para a avenida. Isso ajudou na drástica mudança que a Sr^a Risalva fez na fachada do seu apartamento, aumentando ainda mais a transformação estética dele.



IMAGEM 45: Fachada do apartamento da Sr^a Risalva.

A imagem acima mostra a atual fachada do apartamento da Sr^a Risalva. Nela percebemos claramente o puxado que a moradora fez de área e garagem e mais a frente o antigo armarinho que a moradora havia colocado quando se aposentou, mas por causa da morte do seu esposo se sentiu obrigada a fechar. Observamos o revestimento da calçada por cerâmica, a construção de dois bancos e a pintura diferenciada das antigas fachadas da COHAB. Apesar de ter mencionado anteriormente que não gostava desse tipo de modificação, a moradora não deixou de transformar o seu apartamento e retirá-lo completamente da padronização que era feita pela COHAB.

Este tipo de atitude foi muito comum em várias habitações tipo apartamento do Conjunto Esperança. Apesar da maioria dos moradores dos apartamentos acharem feias a maioria das reformas, elas não deixaram de ser feitas, já que a necessidade por espaço se torna sempre maior do que a necessidade de qualquer outra coisa, mesmo que esta outra coisa seja a beleza.



IMAGEM 46: Fachadas atuais dos apartamentos do Conjunto Esperança.

Esperamos, neste capítulo, termos esclarecido o que nos propusemos a fazer aqui. Todas as reformas que aconteceram no Conjunto Esperança e nas suas habitações desde a época da sua fundação – 1980 – mudaram expressivamente a estética do bairro. Muitas destas mudanças são conseqüências de uma ascensão social que aconteceu não apenas no Conjunto, mas em todo o Brasil. Outras mudanças se referem à questão das necessidades, que foi o foco principal do nosso trabalho até agora. Necessidades estas, que como diria Henry Lefebvre¹⁰⁰, vão desde a segurança, passam pelo conforto, até chegar à, não menos essencial, beleza.

¹⁰⁰ Opus cit.

Apesar de muitos dos moradores do Conjunto Esperança terem declarado em suas entrevistas que suas reformas estavam finalizadas, sabemos que isso pode não ser verdade. Elas sempre vão acontecer, pois novas necessidades sempre vão surgir. Assim como a história não para, elas também não. Da mesma forma que a história é feita pela movimentação dos homens no tempo, as reformas no Conjunto Esperança também o são. Conjunto Esperança também é História.

CAPÍTULO 03 – SISTEMÁTICA DAS CONDUTAS ENTRE OS MORADORES DO CONJUNTO ESPERANÇA E SEUS OBJETOS DOMÉSTICOS.

No mesmo momento em que as habitações do Conjunto Esperança foram ocupadas pelos moradores, a partir do ano de 1981, deu-se início também à organização estética interna destas habitações com a introdução dos objetos domésticos.

Percebemos que, para analisar a estética das habitações do Conjunto Esperança, era necessário não só entender as reformas, ampliações e embelezamentos realizados pelos moradores na estrutura da casa, mas também a organização interna dos objetos domésticos dos moradores, no decorrer dos trinta anos de história do Conjunto.

Entender esta organização interna nos dará suporte para atingir o nosso principal objetivo neste capítulo que é compreender as relações dos objetos domésticos com os moradores do Conjunto Esperança. Para isso, iremos nos apropriar das idéias de um autor, considerado por alguns, como um dos maiores escritores da atualidade, Jean Baudrillard. Em o *Sistema dos Objetos*, este autor nos mostra que:

(...) saber como os objetos são vividos, a que necessidades, além das funcionais atendem, que estruturas mentais misturam-se a estruturas funcionais e as contradizem, sobre que sistema cultural, infra ou transcultural, é fundada a sua cotidianidade vivida. (...) Não se trata pois dos objetos definidos segundo a sua função, ou segundo as classes em que se poderia subdividi-los para comodidade da análise, mas dos processos pelos quais as pessoas entram em relações com eles e da sistemática das condutas e das relações humanas que disso resulta¹⁰¹.

Sendo assim, não queremos analisar apenas a relação de funcionalidade que este objeto possa ter com o morador da habitação, mas estabelecer também a partir de que momento o objeto se torna uma necessidade estética e de consumo para os moradores. Nesta mesma obra, Jean Baudrillard diz que os objetos podem ser postos como tendo características essenciais e inessenciais. Para ele, as características essenciais seriam exatamente as características que um objeto tem de ser funcional para um determinado indivíduo, já as suas características inessenciais, seriam as cores e formas que este objeto

¹⁰¹ BAUDRILLARD, Jean. *O Sistema dos Objetos*. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 1997, p. 10 - 11.

possa vir a ter. O que nos interessa aqui é entender, como em determinados momentos da história da relação estética dos moradores do Conjunto Esperança com as suas habitações, as características inessenciais dos objetos se tornam mais importantes do que as características essenciais. Isso nos ajudará a compreender as características de consumo próprias dos moradores desse Conjunto Habitacional.

Para que este capítulo possa ficar mais inteligível, resolvemos situar os objetos dentro dos cômodos das habitações. Focaremos três cômodos: sala, quarto e cozinha, pois, como resolvemos tratar de habitações de um Conjunto Habitacional, percebemos que estes são os cômodos que as residências já possuíam e permanecem nelas, apesar das reformas, ampliações e embelezamentos. Assim como fizemos no segundo capítulo, os tópicos serão orientados através três décadas de existência do Conjunto.

Nosso objetivo com esses três tópicos é perceber as mudanças de objetos dos moradores do Conjunto Esperança e a maneira que isso influenciou tanto na organização estética interna da casa como também nas relações de consumo que os moradores estabeleceram com os objetos de cada cômodo a ser abordado.

Faremos esta análise a partir do confronto de fontes que vão desde fotografias antigas e atuais dos objetos dos moradores entrevistados até as falas deles sobre os objetos. Usaremos também propagandas de móveis e eletrodomésticos publicados no Jornal O Povo durante o período das três décadas trabalhadas. Com isso, queremos compreender se os objetos que estavam disponíveis nas lojas mais populares da época eram os mesmos que se encontravam nas habitações do Conjunto esperança, como também entender a relação de consumo relativa aos preços dos produtos com a média salarial dos moradores do Conjunto.

3.1 A Alegre e ousada década de 1980.

A década de 1980 foi marcada por vários e importantes acontecimentos históricos de cunho político e econômico¹⁰². Porém, no que se refere ao design de objetos a principal influência vai vir de um grupo fundado por Ettore Sottsass em dezembro de 1980.

¹⁰² A queda do Muro de Berlim e o fim da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em 1989. E no Brasil a queda do Regime Militar brasileiro no ano de 1985.

O grupo chamou-se Memphis em homenagem a canção de Bob Dylan, "Stuck Inside of Mobile with the Memphis Blues Again"¹⁰³.

O movimento era uma reação contra os desenhos "caixa negra" pós-Bauhaus dos anos 1970 e tinha um sentido do humor de que careciam os desenhos negros dessa época. Uma época de minimalismo, na qual os produtos, tais como máquinas de escrever, edifícios, câmaras, veículos luziam todos parecidos e careciam de personalidade e individualismo. Em mudança, Memphis ofereceu peças brilhantes, coloridas e impactantes. As cores que usavam contrastavam com os negros escuros e marrons do mobiliário Europeu da década de 1970.

Apesar de ser um movimento surgido na Europa, mais especificamente em Milão, este grupo se tornou um sucesso em todo o mundo ocidental da década de 1980. As formas e cores ousadas influenciaram móveis e eletrodomésticos de todas as classes sociais, da elite ao popular, chegando, portanto, as habitações dos moradores do Conjunto Esperança.

Para começarmos a refletir como isso aconteceu será interessante analisarmos a descrição que a Sr^a Rosilene nos fez dos objetos de sua habitação no período em que se mudou para o Conjunto Esperança, no final do ano de 1981.

O quarto era uma cama de casal, um guarda-roupa e uma cômoda, na época. (...) A minha cozinha era uma copa azul, azul claro. Era uma mesa de fórmica, umas cadeiras que chamavam de estufado, foi comprado lá nas Casas Esmeraldas, na época em dezembro de 1976. (...) A sala tinha um sofá, uma estantezinha simples, uma televisão pequena, preto e branca. A cozinha tinha as seis cadeiras, a mesa, e aí tinha, o que nessa época chamava copa-bar. Era em baixo e em cima tinha uma coisinha assim de vidro. Fogão, geladeira, a geladeira azul e o fogão vermelho. (...) Antes era muito comum, azul, vermelho. Hoje é que as pessoas se preocupam mais em ser tudo de uma cor só, antigamente não tinha isso não, era o que desse.¹⁰⁴

Na maioria das entrevistas que realizamos com os moradores do Conjunto, alguns objetos são sempre recorrentes. Dentre eles encontramos o conjunto para o quarto

¹⁰³ Ver site: <<http://designeotempo.blogspot.com.br/2010/06/estudio-alchimia-e-grupo-memphis.html>>

¹⁰⁴ Entrevista com Antônio Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.

com cama, guarda-roupa e cômoda. Às vezes, um criado mudo também era anexado a este conjunto. Na sala havia sempre uma estante com a TV pequena, preto e branco, o sofá e a estante. E na cozinha ficava o fogão, a geladeira, o conjunto de mesa com cadeiras e o copa-bar, que em algumas casas era substituído por um armário de cozinha comum. São esses objetos que serão analisados por nós aqui neste tópico.

A partir deste ponto, gostaríamos de salientar a importância que o poder aquisitivo dos nossos moradores irá ter neste momento. De acordo com o censo de 1990¹⁰⁵, dos 2769 chefes de famílias que residiam no Conjunto Esperança, 1549, ou seja, bem mais da metade, ganhavam entre meio e dois salários mínimos, fazendo a renda média salarial das famílias ser de Cz\$ 82.022,14. Este valor não era muito significativo, considerando a inflação da década de 1980, ocasionada pela crise e queda do regime militar no Brasil.

Neste período, o salário mínimo mudou consideravelmente por causa da inflação. No início da década de 1980, o salário mínimo ainda acompanhava o crescimento obtido desde o ano de 1975. Desta forma, o poder de compra teve um ganho real de 30%. Foi também na década de 1980, mais especificamente em 1985, que o salário mínimo se unificou, tornando-se nacional. Porém, a partir de 1983, as diversas políticas salariais associadas aos planos econômicos de estabilização e, principalmente, ao crescimento da inflação levaram a significativas perdas no poder de compra do salário mínimo. Entre 1982 e 1990, o valor real do salário mínimo caiu 24%¹⁰⁶. (Ver imagem 15).

¹⁰⁵ Este é o primeiro censo em que o Conjunto Esperança aparece, pois o anterior havia sido o de 1980, período no qual o Conjunto ainda estava em construção. Vale salientar também que o censo de 1990 faz referências a dados da década de 1980, sendo assim continuamos dentro da periodicidade do nosso trabalho.

¹⁰⁶ Ver site: http://www.fazenda.gov.br/portugues/salariominimo/salario_evolucao.asp.

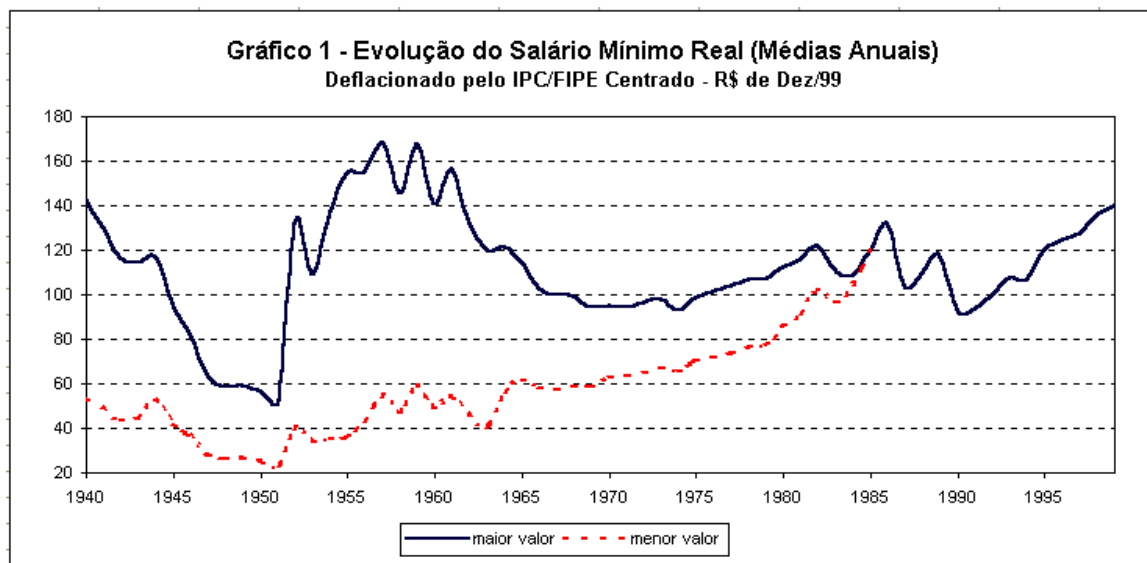


IMAGEM 47¹⁰⁷.

Isso é bastante importante, pois é a partir daí que podemos entender que tipos de objetos estavam dentro do poder de compra dos moradores do Conjunto Esperança. Para isso utilizaremos como fonte as propagandas exibidas no jornal O Povo da década de 1980 e algumas entrevistas, junto com as fotografias do período dos próprios moradores do bairro.

Dentre as lojas de móveis mais populares da época estavam o Jumbo, as Casas Pernambucanas, as Casas Esmeraldas, a Friolar e o Eletro Alencar. Essas lojas anunciavam tanto produtos da parte de móveis, como de eletro-domésticos e eletro-eletrônicos. As suas propagandas no jornal tomavam quase sempre páginas inteiras de anúncios de promoções e preço barato. Vale destacar também que os móveis anunciados em sua maioria são similares aos móveis descritos na fala da Sr^a Rosilene e que estão presentes fotografias da década de 1980 fornecidas pelos moradores do Conjunto Esperança.

Analisemos agora, alguns anúncios do início da década de 1980 do jornal O Povo:

¹⁰⁷ Idem.



IMAGEM 48: Anúncio da Loja Friolar¹⁰⁸.



IMAGEM 49: Anúncio das Casas Pernambucanas¹⁰⁹.



IMAGEM 50: Anúncio das Casas Pernambucanas



IMAGEM 51: Anúncio das Casas Pernambucanas

¹⁰⁸ O Povo, anúncio da Loja Friolar, em 16 de fevereiro de 1981.

¹⁰⁹ O Povo, anúncio das Casas Pernambucanas, em dezembro de 1981.

110



IMAGEM 52: Anúncio das Lojas Friolar¹¹².

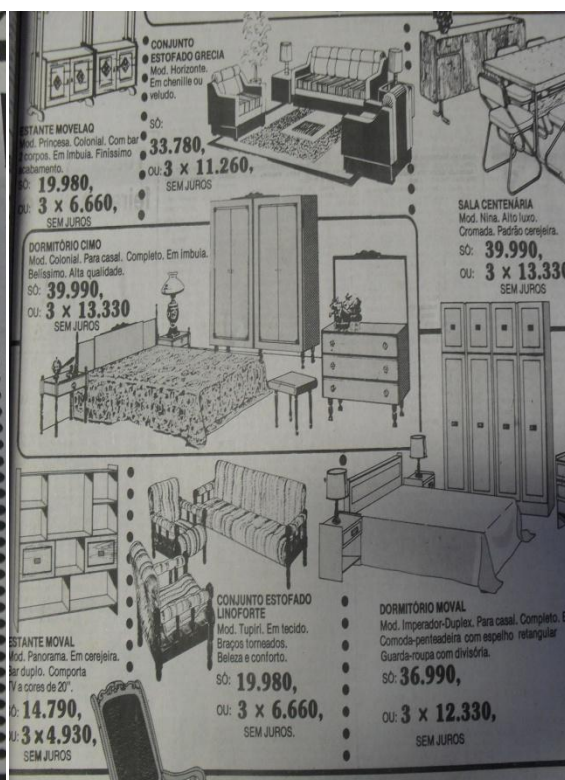
Pernambucanas¹¹¹

IMAGEM 53: Anúncio das Casas Pernambucanas¹¹³.

Aqui podemos ter uma idéia de como eram os objetos anunciados e quais eram seus respectivos valores no início da década de 1980. Estamos trabalhando com este período de propagandas, pois a maioria dos móveis possuídos pelos moradores do Conjunto foi comprada no início da década mencionada. Como já destacamos anteriormente, segundo as nossas entrevistas, a maioria dos objetos destes moradores tinham um tempo de vida útil de mais ou menos uma década. Sendo assim, isso nos fez entender que os objetos que eram encontrados nas casas dos moradores do Conjunto Esperança foram comprados quando estes se mudaram para o Conjunto, ou seja, no final de 1981 a 1982.

¹¹⁰ O Povo, anúncio das Casas Pernambucanas, em 17 de julho de 1982.

¹¹¹ O Povo, anúncio das Casas Pernambucanas, em dezembro de 1981.

¹¹² O Povo, anúncio das Lojas Friolar, em 1 de fevereiro de 1981.

¹¹³ O Povo, anúncio das Casas Pernambucanas, em 21 de junho de 1981.

Logo abaixo analisaremos também as fotografias do interior de algumas habitações do Conjunto Esperança. Nestas poderemos observar alguns móveis similares aos das propagandas e também aos que a Sr^a Rosilene citou.



IMAGEM 54: Estante em cerejeira da Sr^a Rosilene Pinheiro.



IMAGEM 55: Estante em cerejeira e cadeira de fórmica da Sr^a Maria José.



IMAGEM 56: Sala da Srª Maria José.



IMAGEM 57: Guarda-roupas da Srª Maria José.



IMAGEM 58: Estante em estilo Colonial da Srª Risalva.



IMAGEM 59: Copa-bar em fórmica azul da Srª Rosilene.

Iniciaremos pela porta de entrada da casa: a sala. A sala de estar é para muitos o cartão de visitas da casa. Aquele lugar que deve estar sempre arrumado e organizado para receber os convidados. Pensar este cômodo e seus objetos é claramente pensar sobre

estética e consumo. Para os moradores do Conjunto Esperança isso não era diferente. Ter uma sala de visitas que aparentasse o mínimo de beleza e organização, era o que esses moradores podiam almejar, mesmo com a sua média salarial de meio a dois salários mínimos. Portanto, como já mencionamos, a sala de estar vai contar sempre com uma estante, onde eram colocados a TV preto e branco, acompanhada de alguns bibelôs, que ficavam ao gosto do(a) dono(a) da casa. Ainda acompanhava um conjunto de sofá com dois e três lugares, para o maior conforto do morador e de suas visitas.

A partir das imagens 48, 52 e 53 podemos perceber que tipos de móveis para salas de estar eram vendidos nas lojas populares da cidade de Fortaleza e seus respectivos valores. Na imagem 48, temos uma Estante Comovel, muito parecida com a que encontramos nas habitações das Senhoras Rosilene e Maria José. Pelo que percebemos essas estantes eram feitas de madeira de cerejeira, uma madeira muito popular na construção de mobiliário no período da década de 1980. Custavam não mais de Cz\$ 10.000,00, um valor bastante razoável para a média salarial dos moradores do Conjunto Esperança.

Observando as imagens 54, 55 e 56, vemos as estantes em madeira de cerejeira das habitações das senhoras Rosilene e Maria José. A partir delas, podemos perceber como eram comuns essas estantes e o modo como elas eram organizadas dentro das habitações dos moradores. Sempre encostadas em uma das paredes da sala, as estantes, como já foi dito, agrupavam sempre alguns bibelôs, bem como as TVs e os aparelhos de som. Na imagem 54, vemos alguns livros e uma coleção de enciclopédia. Já nas imagens 55 e 56 percebemos a TV preto e branco, alguns bibelôs, como o porta-retrato e o jarro de flores, e dois livros volumosos que, segundo a Sr^a. Maria José, eram um dicionário e uma bíblia.

Na imagem 59 vemos a estante colonial da Sr^a. Risalva. Este estilo de móveis foi também bastante popular na década de 1980, perdurando na habitação dos moradores do Conjunto Esperança, na maioria das vezes, até a década de 1990. Apesar de ter um estilo diferente a organização da estante da Sr^a. Risalva é muito similar a das outras duas moradoras, ou seja, bibelôs, livros, TVs e aparelhos de som.

Como mencionamos, outro item de grande importância para a sala dos moradores do conjunto era o sofá. Neste período eles vão contar normalmente com uma base de madeira colonial e o estofado de espuma com uma cobertura de tecido em veludo. Normalmente os sofás eram produzidos em tecidos de cores fortes, como verdes escuros e tons marrons e avermelhados, sobrepujados com listas de tons ainda mais fortes, caracterizando a ousadia nas cores que a moda da década de 1980 proporcionava. Custavam entre Cz\$ 10.000,00 e Cz\$ 30.000,00, tendo assim um preço razoável em relação à média salarial dos moradores do Conjunto Esperança neste período.

Símbolo de conforto, o sofá tem também uma função estética organização da residência. Localizado habitualmente no centro da sala, o sofá está, normalmente, posicionado de frente para a estante, com o objetivo de aperfeiçoar a visão do morador para um item de extrema importância na habitação moderna: o televisor.

Em relação aos televisores, a maioria das habitações do Conjunto Esperança contava com televisores de imagem preta e branca. Apesar da TV a cores ter surgido no início da década de 1970, esta ainda não havia se popularizado entre os moradores. De acordo com as propagandas de móveis e eletrodomésticos que encontramos no Jornal O Povo, da década de 1980, a diferença de preço entre uma TV preto e branco para uma TV a cores era gigantesca. Enquanto a primeira ficava em torno de Cz\$ 10.000,00 a Cz\$ 14.000,00, as segundas ficavam entre Cz\$ 70.000,00 e Cz\$ 150.000,00. Ou seja, se levarmos em conta que a renda média salarial dos trabalhadores do Conjunto era de Cz\$ 82.022,14, vemos algumas impossibilidades na efetuação da compra das TVs a cores naquele período.

Vale salientar também que os valores acima mencionados são valores de compra a vista. Porém, caso o trabalhador quisesse, era possível comprar o produto a prazo. Contudo sua compra teria, na maioria das vezes, o valor duplicado, o que não era favorável ao seu salário, pois a prestação ficaria ainda muito alta para a compra de uma TV a cores. Salienta-se que no Brasil este é um período de crise financeira, onde os juros e a inflação encontravam-se em total descontrole, provocando preços ainda mais altos.

Da sala, nos encaminhamos à cozinha. Na cozinha iremos contar com quatro objetos principais, sendo eles dois móveis e dois eletrodomésticos. Os móveis aos quais nos referimos são o armário de cozinha e o conjunto de mesa com cadeiras. Já os eletrodomésticos são o fogão e a geladeira. Estes foram os quatro objetos que encontramos nas habitações dos moradores entrevistados.

Iniciemos pelos móveis. Eles eram em sua maioria feitos de madeira com ferro e revestidos com fórmica. Este estilo de móveis revestidos com fórmica se tornou moda durante a década de 1980. Por ser um material de revestimento, a fórmica pode adquirir facilmente uma grande variedade de cores, que condizia assim com a ousadia de cores da década de 1980. Neste momento, as principais cores usadas para a fabricação de móveis eram o vermelho e o azul. Portanto, era comum encontrar nas cozinhas, móveis como os das imagens 36, 55 e 59.

Na imagem 36 temos uma fotografia do fim da década de 1990. No entanto, esta fotografia ainda mostra um armário de cozinha vermelho adquirido pela Sr^a Maria José em meados da década de 1980. O armário da cozinha compunha um conjunto com a mesa e as quatro cadeiras azuis. Vendo isto pensamos em como a estética de determinada época pode ser completamente subversiva e apoiada no conceito de moda que é posto para aquela sociedade. Analisemos, assim, um pouco da fala da Sr^a. Maria José sobre os móveis da sua habitação na década de 1980:

Eu cheguei com fogão, geladeira e televisão. Depois, com bem um ano, eu comprei o quarto. Como a casa era pequena demais, o quarto foi colocado na sala, aí não tinha onde botar mais nada. Ah, eu também trouxe uma mesa azul com quatro cadeiras. Azul com quatro cadeiras de fórmica. (...) A geladeira era uma Cônsul vermelha. O fogão era branco de quatro bocas. (...) Eu comprei o quarto em várias prestações, no antigo Romcy. Era um guarda-roupa grande, uma cama de casal e dois criados mudos. (...) Eu fui ao Romcy, que era como se fosse o Extra, vi o quarto, achei bonito e comprei¹¹⁴.

A Sr^a Maria José chegou ao Conjunto Esperança no ano de 1984. Sendo assim, os seus objetos já são da metade da década de 1980. Porém, de acordo com as nossas pesquisas no jornal O Povo, os tipos de produtos e seus valores não sofreram muitas alterações com o avanço dos anos da década de 1980. De acordo com o depoimento da Sr^o

¹¹⁴ Entrevista realizada em agosto de 2010.

Maria José, esta chegou à sua habitação no Conjunto Esperança com poucos móveis, sendo eles um conjunto azul de mesa com quatro cadeiras, geladeira, fogão e televisão. Aqui, mais uma vez as cores dos móveis e eletrodomésticos se destacam na composição da organização estética das habitações estudadas. Para a época, ter uma cozinha completamente colorida, com um conjunto azul de mesa com quatro cadeiras, uma geladeira e um armário vermelho e um fogão branco era completamente normal. Era a moda da época se popularizando nas habitações dos nossos entrevistados.

Na imagem 59 temos o copa-bar de cor azul que a Sr^a Rosilene citou em sua fala. Como ela mesma mencionou, o copa-bar fazia par com um conjunto de mesa e seis cadeiras de fórmica, também na cor azul. Na habitação da Sr^a Rosilene o copa-bar vem com a intenção de substituir o armário de cozinha de forma mais elegante, pois nele, como podemos analisar a partir da imagem sugerida acima, havia uma parte onde era possível expor taças e copos, como uma espécie de cristaleira nas habitações das pessoas de condições mais abastadas.

Adentremos agora à intimidade dos quartos. Para entendermos a organização estética deste compartimento da habitação precisamos voltar a fontes que já foram citadas anteriormente. Como vimos no depoimento da Sr^a Maria José, ela afirma que só comprou os móveis do quarto depois de estar morando a mais de um ano em sua habitação. Como ela morava em uma habitação tipo A, que não possuía nenhum quarto, foi obrigada a colocar os móveis do quarto na sala. Como vimos no segundo capítulo, a Sr^a Maria José só fez o primeiro quarto na sua habitação quando a sua filha estava prestes a nascer, já no ano de 1986. Portanto, aqui, a necessidade de ter os móveis que compõem o quarto veio antes mesmo da habitação ter o quarto.

O quarto que a Sr^a Maria José comprou, é muito parecido com o que encontramos na imagem 50, no anúncio das Lojas Pernambucanas. Se confrontarmos as imagens 26, 27 e 57, com o depoimento e o anúncio, podemos constatar que o conjunto para o quarto é praticamente o mesmo. Apesar de terem sido comprados em lojas diferentes – a Sr^a Maria José comprou os móveis para o quarto no Romcy – podemos perceber que temos aqui modelos similares.

A maioria dos dormitórios deste período não passava dos Cz\$ 20.000,00, mas pelo que parece, a Sr^a Maria José não ganhava o suficiente para pagá-lo a vista. Como a moradora mencionou, ela pagou o quarto em suaves prestações, que na realidade, pela inflação do período, duplicavam o valor dos móveis do quarto.

Ao contrário do que aconteceu com a habitação da Sr^a Maria José, a habitação dos outros moradores entrevistados já tinham quartos construídos. As Senhoras Rosilene e Marisa construíram os quartos das suas habitações antes mesmo de se mudarem para as residências. Já as moradoras dos apartamentos, como as senhoras Risalva, Rosielma, e Marinete, tinham habitações com os quartos já construídos pela própria COHAB. Assim como também os moradores de habitações tipo B, C e D.

A maioria dos móveis para quartos vendidos no período da década de 1980 era feitos em forma de conjunto. Como podemos observar a partir dos anúncios das lojas e das fotografias antigas dos moradores, assim como em seus depoimentos. Esses conjuntos eram compostos por uma cama de casal, um guarda-roupa e dois criados mudos. Os móveis do quarto, bem como a estante da sala, eram feitos de madeira de cerejeira ou em estilo colonial, afirmando uma determinada estética para móveis no período da década de 1980.

Depois de analisar como se dava a organização estética das habitações do Conjunto Esperança, podemos perceber que, apesar da média salarial dos moradores do Conjunto não ser muito alta, eles conseguiam mobiliar as suas habitações com os objetos da moda, mesmo que isso lhes custasse muito caro e que precisassem dividir o pagamento de tal bem em várias prestações. O objetivo deles era conseguir realizar a compra dos móveis e objetos, tanto pela sua funcionalidade como também pela relação de beleza estética que os moradores tinham com seus objetos.

Isto ainda ficará mais claro no decorrer dos dois próximos tópicos do capítulo, pois neles veremos como e porque se deu a modificação dos objetos das habitações dos moradores do Conjunto Esperança ao longo dos anos. Avancemos para as décadas seguintes.

3.2 A seriedade e a sobriedade da década de 1990: o menos é mais.

Enquanto na década de 1980 nos atemos a uma decoração interna de habitação ousada e de cores fortes, na década de 1990 perderemos isto e daremos lugar a móveis em tons de preto e branco que proporcionam maior sobriedade e seriedade na decoração de interiores. Perderemos aqui na década de 1990 os sofás de cores fortes com listras ainda mais fortes, as cozinhas misturadas em tons de azul e vermelho e toda uma gama de decoração mais ousada. Na década de 1990, valerá o lema de que menos é mais, portanto muitos objetos que eram moda na década de 1980, vão cair no esquecimento e dar lugar a objetos com tons mais neutros, como o preto, o branco e o bege. Esses móveis também ocuparão menos espaço dentro das habitações.

A sobriedade e seriedade da década de 1990 fez que fosse diminuída a quantidade de móveis e objetos menores dentro dos cômodos das habitações. Deixando assim os cômodos das habitações mais espaçosos e com menos informações traduzidas em quantidade de objetos – bibelôs – e em cores fortes.

Esta mudança no mobiliário da década de 1990 ficará evidente também nas habitações dos moradores do Conjunto Esperança. Isso porque, com o passar do tempo, estes moradores foram trocando os seus objetos da década de 1980, pelos da década de 1990. Os motivos para esta troca, de acordo com as nossas entrevistas eram diversos, mas sempre estavam ligados a questões da funcionalidade, em um primeiro momento, e da estética, num segundo momento. Sobre a questão da funcionalidade, a Sr^a Maria José ressalta em seu depoimento:

Os objetos que eu mais troquei foi o fogão, geladeira, televisão, a rotatividade é muito grande destes objetos, porque eu trabalhava dois expedientes e nunca era eu que usava e normalmente as pessoas que utilizavam não tinham cuidado. Aí com cinco, dez anos precisa ser trocado essas coisas. A geladeira porque vai envelhecendo e vai gastando muita energia, aí queima o motor, você acaba tendo que trocar. O fogão também vai enferrujando você também tem que trocar, a televisão queima também e chega um momento que não dá mais pra consertar. Eu só trocava esses objetos em último caso, até porque o salário de professor não dava pra viver trocando.¹¹⁵

¹¹⁵ Entrevista realizada em agosto de 2010.

Como podemos perceber no depoimento acima, a moradora Maria José só trocava os seus objetos, em um primeiro momento, pela necessidade. Ou seja, até a década de 1990 os objetos de muitas moradias do Conjunto Esperança só eram trocados caso parassem de funcionar. Até este período, o motivo da funcionalidade será o principal. Porém, como veremos mais à frente, isso irá mudar bastante com o advento da década de 2000 e o salto no status social de muitos moradores deste bairro.

Na década de 1990 muitas pessoas ainda não tinham obtido esta mudança no seu status social e, portanto, nos seus rendimentos, fazendo que pessoas, como a Sr^a. Maria José, só pudessem trocar seus móveis de acordo com as necessidades de funcionalidade dos mesmos. Para analisar melhor estes problemas, será necessário voltar aos dados do IBGE, contudo, aos dados do Censo Demográfico dos anos 2000, que são os que fazem referência aos anos da década de 1990. Neste momento, a população do Conjunto Esperança já conta 15285 habitantes. Vejamos a tabela abaixo.

CLASSE DE RENDIMENTO NOMINAL MENSAL DA PESSOA RESPONSÁVEL PELO DOMICILIO (SALÁRIO MÍNIMO)	
SALÁRIO	Nº DE PESSOAS
Até 1/4	19
Mais de 1/4 a 1/2	141
Mais de 1/2 a 3/4	234
Mais de 3/4 a 1	2409
Mais de 1 a 1 1/4	446
Mais de 1 1/4 a 1 1/2	1064
Mais de 1 1/2 a 2	2371
Mais de 2 a 3	1783
Mais de 3 a 5	2457
Mais de 5 a 10	1978
Mais de 10 a 15	285
Mais de 15 a 20	109

Mais de 20 a 30	36
Mais de 30	59
Sem rendimento	1894

De acordo com a tabela acima, podemos notar que houve um pequeno crescimento no salário mínimo dos moradores do Conjunto Esperança, se compararmos com o da década de 1980, que ficava em média no saldo de dois salários mínimos. Entretanto, vale salientar que de um total de 15285 habitantes, 10361 não possuem uma remuneração maior do que três salários mínimos, fato que ainda coloca os nossos moradores entre as pessoas que possuem uma renda mensal baixa no Brasil. Entretanto, é difícil não perceber o número de pessoas – 4435, para sermos mais específicos - que possuem remuneração que vão de 3 a 10 salários mínimos. Este fato já demonstra, na década de 1990, o início do aumento da renda média salarial dos moradores do Conjunto, o que vai influenciar significativamente na mudança do motivo das trocas de móveis e objetos dentro do Conjunto Esperança, ou seja, da funcionalidade à estética.

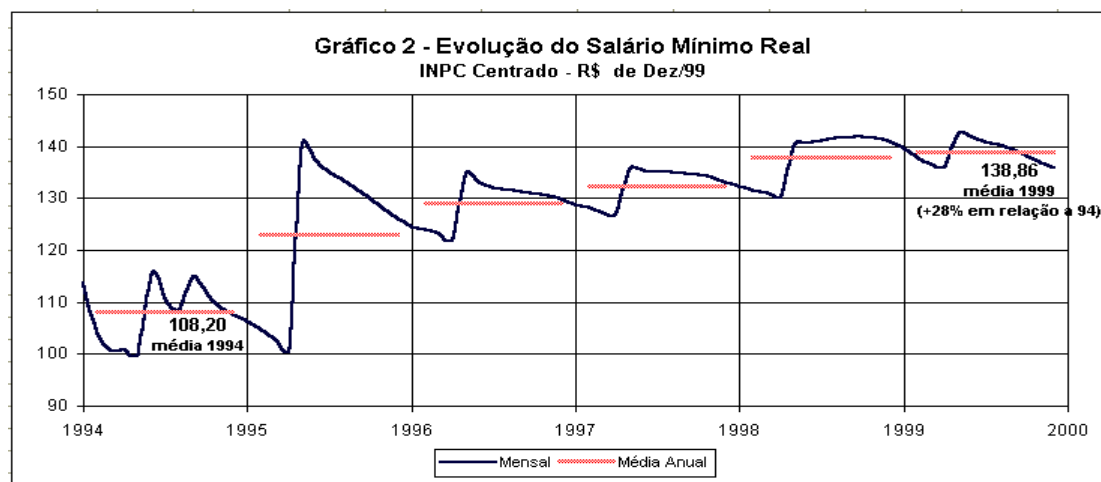
É importante perceber ainda que a década de 1990 é um período de muitas mudanças, principalmente no que se refere ao salário mínimo, pois, de acordo com o site do Ministério da Fazenda:

A partir de 1990, apesar da permanência de altos índices de inflação, as políticas salariais foram capazes de garantir o poder de compra do salário mínimo, que apresentou um crescimento real de 10,6% entre 1990 e 1994, em relação à inflação medida pelo INPC. Com a estabilização após o Plano Real, o salário mínimo teve ganhos reais ainda maiores, totalizando 28,3% entre 1994 e 1999. Neste mesmo período, considerando-se a relação do valor do salário mínimo e da cesta básica calculado pelo DIEESE na cidade de São Paulo, o crescimento foi de 56%¹¹⁶.

Durante o início da década de 1990, o sistema monetário brasileiro passou por diversas modificações devido à crise inflacionária instalada em todo o país. Passamos pelo Cruzado Novo, voltamos ao Cruzeiro, fomos até o Cruzeiro Real, para finalmente chegarmos ao Real. Apesar de todas estas mudanças de moeda, o salário mínimo brasileiro obteve, de acordo com a citação acima, um crescimento de 10,6% de 1990 a 1994. Porém, com a estabilização do Plano real a partir de 1994 o salário mínimo inicia no valor de

¹¹⁶ Ver site: http://www.fazenda.gov.br/portugues/salariominimo/salario_evolucao.asp.

R\$64,79, chegando a R\$136,86 até o final do ano de 1999, totalizando, portanto, um crescimento de 28,3%¹¹⁷. Vejamos assim a tabela abaixo que mostra o crescimento do salário mínimo após o Plano Real.



A partir deste ponto e dos esclarecimentos sobre a questão salarial dos habitantes do Conjunto Esperança, gostaríamos de analisar aqui as mudanças que os objetos domésticos destes moradores sofreram na década de 1990. Para começar, observemos alguns anúncios veiculados pelo jornal O Povo no período dos anos 1990.

¹¹⁷ Ver site: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>

¹¹⁸ Ver site: <http://www.fazenda.gov.br/portugues/salariominimo/imagens/spetb752.gif>

O POVO, Quinta-feira, 31-05-90 13-A

DESAFIO

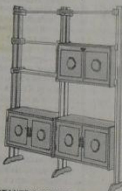
DO MENOR PREÇO À VISTA E DA MENOR PRESTAÇÃO



REFRIGERADOR MASTER WALITA
• 7.000 BTU's
Só 2.400,
ou 4 iguais de 13.250,
ou 10.000 BTU's 48.000,
ou 4 iguais de 17.160,



AR CONDICIONADO SPRINGER
• 7.000 BTU's 36.900,
ou 4 iguais de 13.250,
ou 10.000 BTU's 48.000,
ou 4 iguais de 17.160,



ESTANTE 2 CORPOS
• Em pinus ou em Embuá
Só 11.850,
ou 4 iguais de 4.240,



PURIFICADOR DE AR NAUTILUS SPRINGER
• Tira o cheiro e a gordura
Apenas 5.990,
ou 4 iguais de 2.175,



MULTIPROCESSADOR ARNO PRO
• Você precisa ter um em sua cozinha
Só 5.980,
ou 4 iguais de 2.150,



VENTILADOR FAET 30 CENTÍMETROS
• Oscilante
Só 3.270,
ou 4 iguais de 1.150,



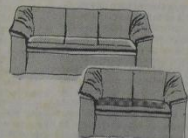
RÁDIO RELÓGIO PHILIPS AS 183
• Despertador com música
Só 5.470,
ou 4 iguais de 1.920,



TV COLOR OCE 20 POLEGADAS
• Novo modelo
Apenas 44.900,
ou 4 iguais de 16.050,



REFRIGERADOR ESMALTEC ALVORADA
• Novo modelo
Só 5.999,
ou 4 iguais de 2.175,



ESTOFADO GARCEZ GM2
Só 26.500,
ou 4 iguais de 9.500,



BICICLETA CALOI ARO 26
POTY LUXO 12.500,
ou 4 iguais de 4.475,
SUPER C 11.990,
ou 4 iguais de 4.300,



FERRO AUTOMÁTICO BLACK & DECKER
• Para qualquer tipo de tecido
Só 1.970, ou 4 iguais de 725,



RÁDIO GRAVADOR SONY CFS 210

OU 3

IMAGEM 61: Anúncio das Lojas Samasa¹¹⁹.

¹¹⁹ O Povo, anúncio das Lojas Samasa, em 05 de maio de 1990.

DESTA VEZ A PARAÍSO

BANCO HTPARMA GRADE BETA
(40 UNID.) DE R\$ 42,00
POR R\$ **192,00**

CADEIRA DE CASAL 645 CARRARO
(50 UNID.)
DE R\$ 246,00
POR R\$ **123,00**

CONJUNTO DE ESPALHÕES DIAMANTE
2 E 3 LUGARES (40 UNID.)
DE R\$ 352,00
POR R\$ **176,00**

VIDEO GAME NINTENDO
ACTION SET (100 UNID.)
DE R\$ 148,00
POR R\$ **74,00**

É POUCO OU

TELEVISÃO A CORDE ZENITH 22" SARTEN
SARDEN (COM CONTROLE REMOTO 200 UNID.)
DE R\$ 771,52
POR R\$ **463,00**

TELEVISÃO A CORDE ZENITH 24" SARTEN
SARDEN (COM CONTROLE REMOTO 200 UNID.)
DE R\$ 1.148,34
POR R\$ **689,00**

TELEVISÃO A CORDE EMERSON 19" SARTEN
SARDEN (COM CONTROLE REMOTO 200 UNID.)
DE R\$ 480,63
POR R\$ **292,00**

VENTILADOR DE MESA
BOLÍDIO 40-7500 JORDEN
(200 UNID.)
DE R\$ 49,94
POR R\$ **29,90**

MIXERMAN CCB PL 75 TOCA-TOCA
40-7500 JORDEN (50 UNID.)
DE R\$ 35,80
POR R\$ **15,00**

CONJUNTO DE PANELAS TRAMONTINA
RODAS SOLAR 10 PEÇAS (60 UNID.)
DE R\$ 320,00
POR R\$ **192,00**

SE VOCÊ NÃO ACREDITA

¹²¹ O Povo, anúncio das Lojas Paraíso, em 04 de junho de 1995.

¹²² O Povo, anúncio das Lojas Paraíso, em 05 de junho de 1995.

Os anúncios acima foram retirados do Jornal O Povo no período da década de 1990. Neste momento as principais lojas anunciantes eram a Samasa, o Maraponga Outlet, As Lojas Paraíso e a Rabelo. A partir dos anúncios vemos a mudança no estilo do mobiliário da década de 1990, se comparado ao mobiliário da década de 1980. Aqui vamos notar, não só as mudanças nas cores e nos tamanhos dos objetos, como também a mudança no tipo de material com os quais estes objetos estavam sendo fabricados.

Como neste período os moradores só vão trocar os móveis de acordo com a necessidade de funcionalidade dos mesmos, muitos moradores só vão conseguir trocar os seus móveis em meados da década de 1990 e não exatamente no início dela. Para melhor exemplificarmos esta situação vamos voltar aos cômodos das habitações dos nossos entrevistados.

Inicialmente, voltemos à sala. Na sala os objetos de troca vão ser principalmente a TV, o sofá e a estante. Começemos pela televisão. Nos anos 1990, veremos que as TVs a cores que antes eram muito caras para o poder de compra dos nossos moradores, irá finalmente se popularizar. Apesar de, no início dos anos de 1990, este produto ainda se encontrar com um preço caro – por volta de Cr\$ 40.000,00 – se comparado ao salário mínimo do período que não passava de Cr\$3.674,06, com o tempo, esse bem se tornou mais acessível, principalmente após o ano de 1994 e a estabilização da economia após o Plano Real.

Observa-se nas imagens 62, 63 e 64 os anúncios de algumas lojas populares da época. Nelas podemos analisar os valores dos aparelhos que eram apresentados aos consumidores. Normalmente com preços que variavam de R\$300,00 a R\$400,00, estas TVs conseguiram, neste momento, ficar mais acessíveis aos moradores do Conjunto Esperança, diferentemente do que acontecia no início da década. Se observarmos com calma, perceberemos que, enquanto no início dos anos de 1990 as TVs chegavam a custar quase dez vezes o valor do salário mínimo, em meados do ano de 1995, em que o salário mínimo se encontrava em torno de R\$ 100,00, essa diferença vai chegar a apenas três vezes do valor acima mencionado. Isso, portanto, vai tornar mais acessível a compra e a troca da TV preto e branco pela TV colorida.

Continuando as análises da sala dos nossos moradores passemos às estantes. Estas irão continuar com praticamente os mesmos tipos de modelos, mas irão sofrer modificações nos tipos de madeiras com as quais serão fabricadas. Se antes era a madeira de cerejeira que predominava neste tipo de mobiliário, na década de 1990 será a madeira de pinus ou imbuia. Elas continuarão tendo o mesmo tipo de funcionalidade, ou seja, abrigar os aparelhos, de TVs, os rádios e outros objetos de decoração que os moradores desejassem colocar nas estantes.

As estantes, como poderemos perceber, continuarão com um preço acessível de acordo com o salário dos habitantes de Conjunto Esperança, ou seja, por volta de Cr\$ 11.000,00. Vejamos então, algumas fotografias do período que mostram as salas dos moradores.



IMAGEM 65: Foto da sala da Sr^a Maria José no ano de 1998.



IMAGEM 66: Foto da sala da Sr^a Maria José no ano de 1999.



IMAGEM 67: Foto da sala da Sr^a Marisa no ano de 1999.



IMAGEM 68: Foto da sala da Sr^a Rosilene no ano de 1998.

Primeiramente, gostaríamos de analisar as imagens 37 (ver segundo capítulo) e 65. Na primeira imagem, encontramos uma fotografia do ano de 1998 que contém a estante da Sr^a Maria José, notadamente, com um bom tempo de uso, demonstrando que já havia sido adquirida há bastante tempo. Porém, a moradora desconhece a data exata da compra deste móvel.

Este é um dos grandes problemas que enfrentamos durante a realização deste trabalho, pois a pouca memória que os nossos entrevistados tinham sobre o momento da compra dos objetos, fato que é compreensível, dificultou a nossa análise perante a troca dos móveis dentro da habitação.

Já a segunda imagem mostra o tipo de TV comprada pelos moradores do Conjunto Esperança. Esta imagem juntamente com as imagens posteriores (65, 66 e 67) nos coloca perto de outro item importante da sala: o sofá. Podemos perceber que da década de 1980 para a década de 1990 este item se modificou constantemente. As principais modificações aconteceram principalmente nos modelos, nos materiais de revestimento e nas cores.

Se compararmos as imagens acima mencionadas com as imagens 52, 53 e 56 veremos que na década de 1990 foi dada uma maior importância ao conforto que os sofás poderiam propiciar aos usuários. Verificamos que agora eles encontram-se todos revestidos por espuma, fato que antes não ocorria, pois as laterais dos sofás eram normalmente de madeira, o que diminuía, evidentemente, o conforto do usuário.

Já em relação aos materiais de revestimento, a troca se deu do veludo para o couro, normalmente o couro sintético. E as cores, como já mencionamos anteriormente, se tornaram mais neutras, apesar da maioria dos estofados possuírem alguma estampa, o fundo possuía cores neutras, em que podemos verificar uma das características do mobiliário da década de 1990.

No início da década de 1990, o valor desses sofás era significativamente maior do que o valor do salário mínimo do período - Cr\$3.674,06. Se observarmos a imagem 61, veremos que o valor de um conjunto de sofá girava em torno dos Cr\$26.000,00, fato que vai tornar difícil a compra deste item tão visado pelos moradores do Conjunto. Já com o plano real e a estabilização da economia, a diferença de valores entre o conjunto de sofá e o salário mínimo irá diminuir bastante, pois, enquanto o salário mínimo estará em torno de R\$100,00, o conjunto de sofá custará de R\$300,00 a R\$400,00. Essa diminuição nos valores tornará este item mais acessível aos moradores do Conjunto Esperança.

Passemos, então, à análise das trocas do mobiliário e dos eletrodomésticos das cozinhas dos moradores. Para isso analisemos as imagens abaixo.

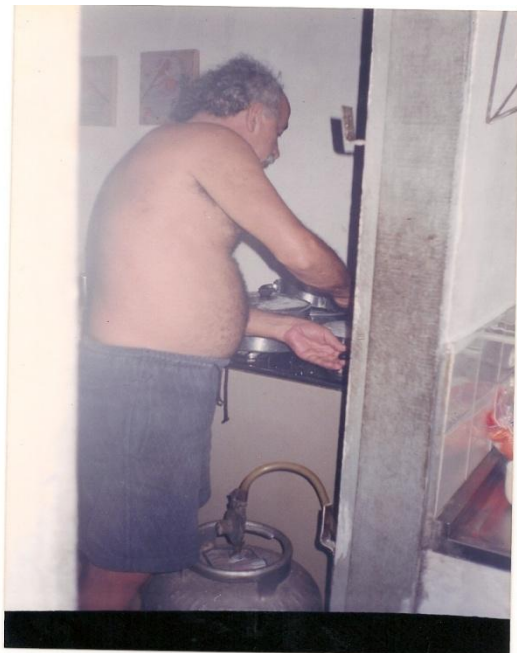


IMAGEM 69: Foto da cozinha da Sr^a Rosilene no ano de 1998.



]

IMAGEM 70: Foto da sala de jantar da Sr^a Rosilene no ano de 1999.



IMAGEM 71: Foto da cozinha da Sr^a Maria José no ano de 1998.



IMAGEM 72: Foto da cozinha da Sr^a Marinete no ano de 1992.

Como podemos ver na imagem 72, no início da década de 1990, muitos moradores ainda estarão com seus móveis da década de 1980. Estes móveis somente serão trocados de acordo com a necessidade de funcionalidade e também dependendo do poder de compra dos moradores naquele momento. Apesar de termos uma pequena elevação na condição salarial dos moradores do Conjunto na década de 1990, essa elevação não foi tão grande a ponto de fazer que os moradores tivessem condições trocar os seus móveis, não só pelo motivo da funcionalidade, mas também pela estética, pela beleza e pela moda.

Nos móveis da cozinha, também fica claro as mudanças de cor que ocorreram nos móveis da década de 1990. Se analisarmos as imagens 69 e 71 perceberemos que os tons dos eletrodomésticos como fogão e geladeira saíram das cores fortes, como vermelho e azul, para tons de bege. Já os armários e as mesas de cozinha irão mudar de modelos e materiais. Os armários passarão a ser anexado nas paredes deixando de ser um móvel solto – imagem 72. Já as mesas terão uma base em aço tubular, com o apoio em vidro e as cadeiras também em aço tubular com os assentos em estofado. Na década de 1980, estes objetos, em sua maioria, eram feitos de madeira e cobertos por fórmica, fato que irá mudar na década de 1990.

Esse tipo de material existente desde a década de 1930 vai se popularizar nas lojas de Fortaleza na década de 1990. Como podemos perceber nas imagens 63 e 64 não eram fabricados deste material apenas móveis de cozinha, mas também camas, estantes para sala e toda uma gama de móveis domésticos. Este material além de ser resistente possibilitava o barateamento dos móveis para a população de baixa renda, na qual ainda se classificavam os moradores do Conjunto Esperança.

Pegando como exemplo os conjuntos de mesa com quatro cadeiras, da imagem 64, podemos observar que os preços ficavam em torno de R\$ 100,00, valor do salário mínimo da época, fato que possibilitava o acesso de muitos moradores do Conjunto Esperança a esses itens.

Agora, iremos analisar a imagem 70. Nela notamos parte dos móveis da sala de jantar da Sr^a Rosilene. A década de 1990, como já mencionamos no capítulo anterior, foi um período de ampliação das habitações do Conjunto Esperança, assim também como de

mudança de piso e outras reformas. Uma das ampliações mais recorrentes neste período foi a construção da sala de jantar, fato que acarretou diretamente na compra de móveis para o novo espaço da habitação. A maioria destes espaços contava com uma mesa acompanhada de seis cadeiras e um móvel para guardar louças. Normalmente fabricados em madeira, estes móveis eram para os moradores do Conjunto como uma espécie de primeiro passo em busca do aumento do seu status social.

Vamos encontrar esse tipo de mobiliário, adquirido na década de 1990, não só na habitação da Sr^a Rosilene, mas também nas residências das senhoras Risalva, Maria José, Maria Bezerra, entre outras. Seguem abaixo algumas imagens destas salas de jantar, que segundo as moradoras anteriormente mencionadas, foram adquiridas no final da década de 1990. Apesar das fotografias não serem do período estudado neste subtópico, as imagens mostram os móveis que foram adquiridos por estas moradoras ainda na década de 1990.

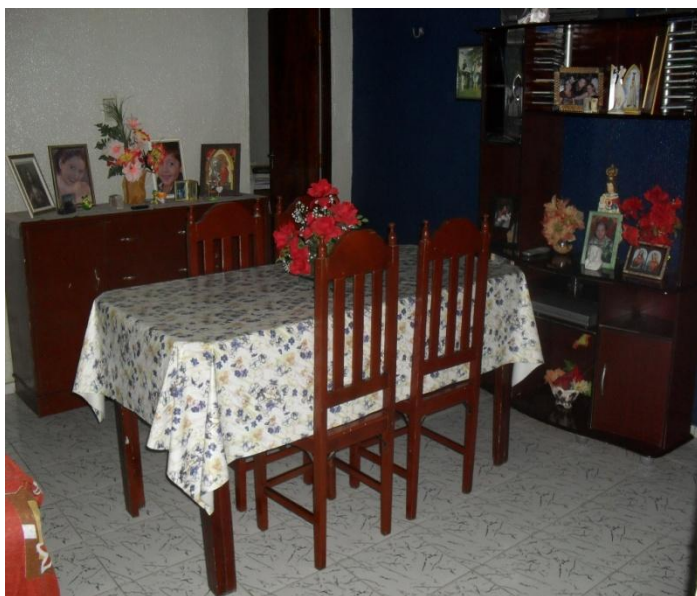


IMAGEM 73: Foto da sala de jantar da Sr^a Maria José no ano de 2010.



IMAGEM 74: Foto da sala de jantar da Sr^a Marisa no ano de 2010.

Assim como na cozinha, alguns objetos dos quartos também serão fabricados de materiais tubulares, como as camas, por exemplo. Diferente do que ocorria na década de 1980, em que os quartos eram vendidos em conjunto, sendo cama, guarda roupa e criado

mudo, na década de 1990 eles serão vendidos separadamente e praticamente não haverá nenhum tipo de combinação entre eles.

Apesar do surgimento dos móveis tubulares, muitos dos móveis dos moradores serão resquícios da década de 1980, como por exemplo, as camas. Muitas delas ainda se encontrarão em madeira de estilo colonial. Isso aconteceu principalmente no quarto dos filhos dos entrevistados. Como a maioria dos filhos deles nasceram em meados da década de 1980, calcula-se que só tenham precisado de camas já no final da década mencionada, fazendo, desta forma, que o berço em estilo colonial, fosse trocado por uma cama também do mesmo estilo.



IMAGEM 75: Foto do quarto da filha da Sr^a Maria José no ano de 1986.



IMAGEM 76: Foto do quarto da filha da Sr^a Maria José no ano de 1998.



IMAGEM 77: Foto do quarto da filha da Sr^a Rosilene no ano de 1985.



IMAGEM 78: Foto do quarto da filha da Sr^a Rosilene no ano de 1999.

Notamos que a troca dos objetos deste cômodo se dá por uma necessidade não só de funcionalidade, mas também pelo crescimento dos filhos das moradoras. Como estes objetos foram trocados no final da década de 1980, eles somente serão trocados novamente, pelos móveis tubulares, no final da década de 1990 e início da década de 2000. Para estes moradores, que ainda possuíam uma renda média mensal muito baixa, era importante que os objetos comprados, principalmente objetos de consumo duráveis, tivessem um longo período de vida, o que segundo nossas entrevistas se caracterizaria por um período de duração de, mais ou menos, dez anos. Isto somente irá mudar, como veremos no subtópico seguinte, nos anos 2000, quando os moradores terão uma elevação no seu status social.

Como podemos perceber neste subtópico, a década de 1990 foi, em relação à organização interna das habitações, uma década de pouca cor, com móveis que chegavam a transmitir um ar de sobriedade e seriedade às habitações do Conjunto Esperança. Vimos nas imagens acima que ela foi uma década que pregou exatamente o contrário do que nos indicava a década de 1980. Porém, como cada período tem sua moda e sua estética, a década de 1990 também teve a sua. Mas, assim como todas as outras décadas, ela passou, e deu lugar a um novo período de modificações no mobiliário, um período diferente, mas não menos importante do que os outros.

3.3 Os modernos anos 2000: um retorno às reminiscências.

Para a arquitetura de interiores erudita, os anos 2000 foram um retorno às reminiscências. Isso aconteceu porque movimentos como o retrô e o vintage ganharam força no decorrer destas décadas. Na linguagem da decoração de interiores, o retrô é a releitura de peças das décadas de 1920 a 1970. São objetos totalmente novos, mas com roupagem antiga. O vintage traz acessórios e peças originais que voltam a fazer parte da decoração devido, principalmente, a sua qualidade e beleza. Os dois estilos contrastam com a pureza da decoração atual, ou seja, uma decoração baseada em cores neutras, linhas retas e formas puras¹²³.

Podemos considerar a forma de organização interna dos objetos dos anos 2000 como uma grande mistura de objetos das décadas do século XX, acompanhadas pela evolução tecnológica da passagem do milênio. Toda essa mistura proporcionará nas habitações, não só da elite, mas também nas classes econômicas mais baixas, uma forma mais barata e de reaproveitamento de objetos antigos, que antes seriam considerados bregas, mas que na atualidade passam a fazer parte da moda estética atual.

No período dos anos 2000, as habitações do Conjunto Esperança já se encontrarão plenamente ampliadas, fato que dá a oportunidade aos moradores deste bairro de possuir e consumir mais móveis. Veremos que as habitações dos moradores do Conjunto Esperança serão uma composição de objetos das três décadas que estudamos anteriormente. Percebemos que, ao mesmo tempo que estes moradores foram adquirindo uma melhor renda, eles foram também tentando melhorar o seu modo de vida. O fato é que esta melhoria atinge diretamente o seu estilo de morar e a forma de obter um maior conforto para a sua moradia.

Analisaremos, nas páginas a seguir, como os moradores permaneceram com alguns dos seus objetos adquiridos nas décadas anteriores. Observaremos se a problemática da troca dos objetos se referiu mais à questão da funcionalidade (ou falta dela), ou à

¹²³ Ver site:< <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.057/500>>

estética, à beleza e à moda, proporcionada por uma elevação no estilo de vida e de moradia destes moradores.

Para trabalharmos melhor a problemática levantada acima precisamos voltar aos dados do Censo. Para a análise da década de 2000, trabalharemos com os recentes dados do censo de 2010¹²⁴. Na tabela que iremos analisar abaixo, ao contrário das anteriores, só levaremos em conta os moradores com dez anos ou mais de idade, fato que diminuiu o número de habitantes da década de 2000 a 2010. Na tabela abaixo contaremos com um número total de habitantes de 14.161.

TABELA 1384 - CLASSE DE RENDIMENTO NOMINAL MENSAL	
SALÁRIO	Nº DE PESSOAS
Até ½ salário mínimo.	572
Mais de 1/2 a 1 salário mínimo.	4112
Mais de 1 a 2 salários mínimos.	2690
Mais de 2 a 5 salários mínimos.	1230
Mais de 5 a 10 salários mínimos.	221
Mais de 10 a 20 salários mínimos.	25
Mais de 20 salários mínimos.	4
Sem rendimento	5307

Nos anos 2000, tivemos um significativo aumento da economia e como consequência disso, um significativo aumento do poder de compra do salário mínimo, fato que não ocorria nas décadas anteriores. Na verdade, esta evolução do salário mínimo se deveu primeiramente, como já mencionamos antes, à implantação do plano real, que estabilizou a economia, e, depois disto, e principalmente, após o sistema de governo implantado pelo presidente Lula, em que a questão salarial só fez se desenvolver no Brasil.

No início da década em análise, o valor do salário mínimo era de R\$ 150,00. Até o ano de 2010, o salário mínimo já contava com um valor de R\$510,00¹²⁵, ou seja, algo que era três vezes maior que o valor do início da década. Na tabela acima vimos que a

¹²⁴ Ver site: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=1384&z=cd&o=7&i=P>

¹²⁵ Ver site: <http://www.portalbrasil.net/salariominimo.htm>

grande maioria dos moradores do Conjunto Esperança tinha uma renda média salarial que variava de 1 a 5 salários mínimos. Sendo assim, no final de 2010, teríamos uma renda que ia de R\$500,00 a R\$2.500,00. Esse aumento salarial significou também um incremento no estilo de vida dos moradores e, conseqüentemente, das condições de moradia.

Para começar a análise efetiva das habitações precisaremos voltar aos anúncios publicitários. Veremos anúncios relativos aos anos 2000. Porém, vale salientar que nesta década os anúncios de lojas de móveis e eletrodomésticos diminuíram bastante no jornal analisado pela nossa pesquisa. Este fato aconteceu, não só pela popularização dos anúncios de televisão, como também pela mudança na forma de anunciar este tipo de produto no Jornal. Ao invés das Lojas anunciarem no corpo do jornal, como acontecia anteriormente, elas vão dar preferência a enviar os seus próprios panfletos para serem encartados nos jornais. O fato deste tipo de anúncio não ser catalogado junto com o jornal pela hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel, nos causou um grande prejuízo relativo a fontes neste período da década de 2000.



IMAGEM 79: Anúncio das Lojas Rabelo¹²⁶.

com possibilidade de isenção na escolha do nome em virtude de uma possível coligação entre o PFC e o PFM

Móveis em até 6x Sem Entrada!

Sofá 2010 (11840)
A vista: 309,00
6x 25,90
12 17,92
Sem Entrada!

Sofá 2011 (11840)
A vista: 309,00
6x 72,90
12 51,27
Sem Entrada!

Sofá 2012 (11840)
A vista: 309,00
6x 60,90
12 42,93
Sem Entrada!

Sofá 2013 (11840)
A vista: 379,00
6x 74,90
12 52,96
Sem Entrada!

Guarda-roupa 124
4 portas, 2 gavetas
com espelho (11840)
A vista: 109,00
6x 32,90
12 23,49
Sem Entrada!

Guarda-roupa 1301
2 portas, 4 gavetas
com espelho (11840)
A vista: 109,00
6x 39,90
12 27,66
Sem Entrada!

Guarda-roupa 1318
1 porta
com espelho (11840)
A vista: 279,00
6x 54,90
12 38,76
Sem Entrada!

Cozinha 1000 2 portas
3 gavetas (11840)
A vista: 329,00
6x 44,90
12 31,91
Sem Entrada!

Cozinha 1001 2 portas
3 gavetas (11840)
A vista: 329,00
6x 42,90
12 30,43
Sem Entrada!

Bank 1010 2pts
(11840)
A vista: 219,00
6x 23,90
12 16,93
Sem Entrada!

Poltrona individual classe
(11840)
A vista: 119,00
6x 23,90
12 16,93
Sem Entrada!

Estamos abertos neste domingo no
Shopping Iguatemi das 14:30 às 20:30h.
e North Shopping das 15:30 às 21:30h.

Paraíso

IMAGEM 80: Anúncio das Lojas Paraíso¹²⁷.

¹²⁶ O Povo, anúncio das Lojas Rabelo, em 04 de junho de 2000.

CAMPANHA RABELO POR UM FELIZ DIA DOS NAMORADOS

Esqueça aqueles presentes comuns e mostre seu amor de verdade.

Ofertas especiais

- Sofá: R\$ 29,90
- Sistema de som: R\$ 29,90
- Laptop: R\$ 29,90
- TV Philips: R\$ 99,90
- Boombox Philips: R\$ 59,90
- CD Player: R\$ 28,90
- Secador de cabelo: R\$ 11,90
- Ar-condicionado: R\$ 59,90
- Carregador de celular: R\$ 49,90
- Blender: R\$ 49,90
- ventilador: R\$ 14,90
- Chaveiro: R\$ 26,63
- Dispensador de água: R\$ 25,90
- Telefone celular: R\$ 19,90
- Telefone celular: R\$ 19,90
- Telefone celular: R\$ 19,90

24h atendimento ao cliente

RABELO

PREÇO BAIXO DE VERDADE

IMAGEM 81: Anúncio das Lojas Rabelo ¹²⁸.

¹²⁷ O Povo, anúncio das Lojas Paraíso, em 04 de junho de 2000.

¹²⁸ O Povo, anúncio das Lojas Rabelo, em 05 de junho de 2005.



IMAGEM 82: Anúncio das Lojas Rabelo¹²⁹.

Neste período, algumas das principais lojas populares serão exatamente as que encontramos nos anúncios: as Lojas Paraíso e as Lojas Rabelo. A partir destes anúncios podemos perceber o grande desenvolvimento tecnológico obtido pelos objetos eletrônicos. Notamos ainda, algumas modificações no estilo do mobiliário, porém eles mantiveram a mesma essência na passagem da década de 1990 para a década de 2000.

Para ficar mais claro, faremos novamente a análise a partir dos cômodos estudados. Iniciaremos pela sala. Assim como todos os cômodos do Conjunto Esperança nos anos 2000, a sala também contará com uma mistura de móveis das três décadas e, portanto, com o aumento do número destes. Isso aconteceu, como já salientamos anteriormente, por causa das ampliações realizadas pelos moradores. Para que possamos melhor analisar a organização interna das habitações, é necessário fazer a análise das imagens que seguem das salas dos moradores.

¹²⁹ O Povo, anúncio das Lojas Rabelo, em 04 de junho de 2000.



IMAGEM 83: Foto da sala da Srª Rosilene no ano de 2010.

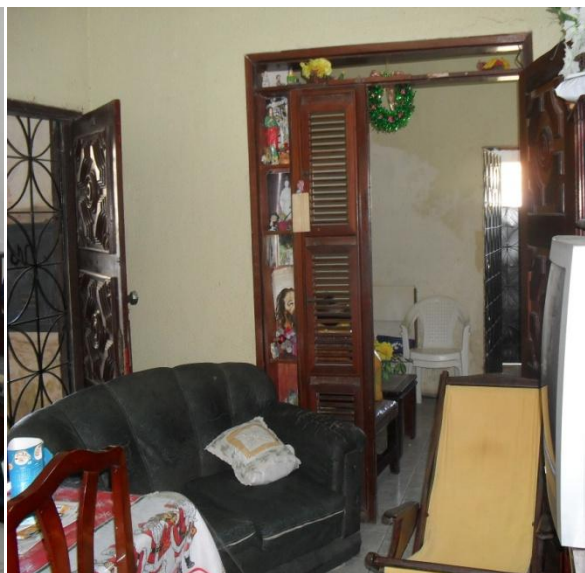


IMAGEM 84: Foto da sala da Srª Maria Bezerra no ano de 2010.



IMAGEM 85: Foto da sala da Srª Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 86: Foto da sala da Srª Marisa no ano de 2010.

2010.



IMAGEM 87: Foto da sala da Srª Marinete no ano de 2010.



IMAGEM 88: Foto da sala da Srª Marinete no ano de 2010.



IMAGEM 89: Foto da estante da Srª Marinete no ano de 2010.



IMAGEM 90: Foto da estante da Srª Marinete no ano de 1998.



IMAGEM 91: Foto da sala da Sr^a Risalva no ano de 2010.



IMAGEM 92: Foto da sala da Sr^a Risalva no ano de 2010.

Analisando as imagens acima vemos certa semelhança tanto na arrumação e disposição dos móveis da sala, como também nos modelos. Nos anos 2000, continuaremos encontrando alguns móveis que também foram comuns às outras décadas estudadas, porém, na década em discussão encontraremos alguns acréscimos, como por exemplo, as mesas de jantar e alguns móveis auxiliares como, mesa de centro, mesa de canto, mesa para telefone e etc.

Porém, ainda nos focaremos nos móveis principais da sala, o sofá, a estante e a televisão. Iniciemos pelo sofá. Apesar da maioria dos moradores terem trocado este móvel durante a passagem das décadas, ele não mudou a sua função e posição na arrumação da sala. O mesmo ainda tem o objetivo de proporcionar um maior conforto, tanto para os moradores, como também para os visitantes das habitações. O sofá ainda se encontrará posicionado de frente para a estante, com o objetivo de obter uma melhor visão da televisão.

Apesar de muitos moradores terem mudado de conjunto de sofás durante as décadas anteriores, muitos ainda permaneceram com o mesmo sofá dos anos 1990. Na maioria das vezes estes moradores apenas mandaram reformar os seus sofás ou então compraram acessórios que disfarçavam efeitos do tempo sobre esse móvel, como as capas.

Podemos identificar isso nas imagens 87 e 88 que mostram fotografias das habitações da Sr^a Marinete. Contudo, podemos encontrar isso também nas habitações da Sr^a. Rosilene e da Sr^a. Maria José. Segundo a última, isso aconteceu na sua habitação, porque era mais barato mandar reformar o seu sofá do que comprar um novo. Desta forma, para esta moradora, como o seu sofá teria uma qualidade de espuma muito boa, seria um desperdício jogá-lo fora e ficaria muito caro comprar um novo sofá com a mesma qualidade.

De acordo com o depoimento da Sr^a Maria José, ela gasta por volta de R\$ 100,00, para reformar o seu conjunto de sofá. Analisando os nossos anúncios do ano 2000 e 2005 percebemos que um conjunto de sofá novo nas lojas populares custava o triplo do valor de um sofá reformado, algo em torno de R\$ 300,00.

No caso das estantes dos anos 2000, podemos notar uma grande semelhança entre os modelos encontrados nas habitações dos moradores. Na verdade, encontramos dois tipos de modelos, as estantes completas, que já eram comuns desde os anos de 1980, e os racks que foram introduzidos nos anos 1990, mas só foram popularizados nos anos 2000. Os racks se diferem das estantes apenas pelo tamanho, eles contêm praticamente metade do tamanho das estantes, porém a função é a mesma. Através das imagens podemos constatar que a grande maioria dos moradores trocou as suas estantes, com exceção da Sr^a. Marinete, que como podemos perceber nas imagens 89 e 90 continuava com a mesma estante.

Na década de 2000, as estantes continuam com a mesma função nas habitações dos moradores do Conjunto Esperança, abrigar enfeites e aparelhos eletrônicos, sendo os principais, som e TV. Em relação às cores, apesar da cor predominante ser o mogno, o marfim também será bastante popular.

Entendemos que este objeto foi um dos mais trocados na sala, tanto pela pouca durabilidade que as estantes tinham nas décadas anteriores (ver imagem 37), como também pelo baixo valor que esses objetos poderiam ser comprados. Nos anúncios da década de 2000, observamos que as estantes ou racks não passavam de R\$200,00, portanto, ficavam bem acessíveis aos bolsos dos moradores.

Passando a análise dos aparelhos televisores, percebemos que nos anos 2000 as TVs a cores já predominavam em todas as habitações. De acordo com os anúncios dos anos 2000 vistos acima, as TVs preto e branco já tinham saído de linha, deixando o espaço de venda para as TVs a cores. Nesta década também percebemos a mudança da cor externa do aparelho de TV. Enquanto nos anos 1990 era comum o preto, nos anos 2000, a busca pelo ar tecnológico dos objetos muda a cor dos aparelhos televisores para a cor prata. Cor que daria um ar mais futurista a um dos objetos que mais teve avanços tecnológicos com o passar do tempo.

Na década de 2000, com a total popularização dos aparelhos de Tv, se tornou comum nas habitações do Conjunto Esperança o aumento da quantidade deste objeto. Sendo assim, alguns moradores vão ter até três aparelhos de TV nas suas habitações, sendo um na sala e os outros divididos nos quartos das casas e apartamentos. Nos anos 2000, estes aparelhos vão variar de R\$300,00, os aparelhos de 14 polegadas, até R\$900,00, os aparelhos de 21 polegadas.

Passemos a análise da cozinha. Para isso analisemos as imagens abaixo:



IMAGEM 93: Foto da cozinha da Sr^a Rosilene no ano de 2010.



IMAGEM 94: Foto da cozinha da Sr^a Rosilene no ano de 2010.



IMAGEM 95: Foto da cozinha da Sr^a Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 96: Foto da cozinha da Sr^a Risalva no ano de 2010.

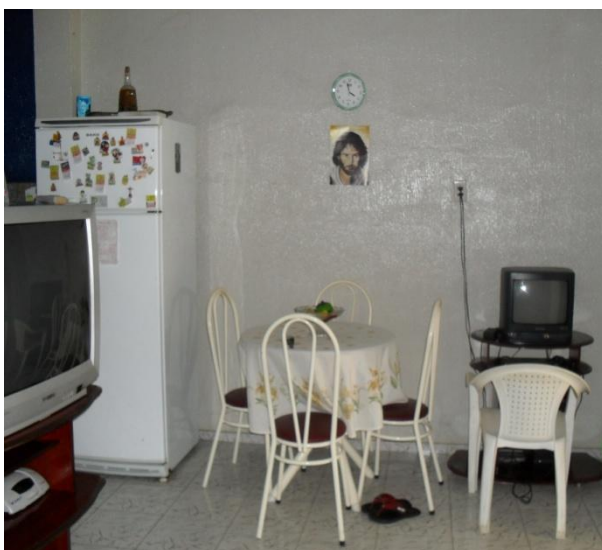


IMAGEM 97: Foto da cozinha da Sr^a Maria José no ano de 2010.

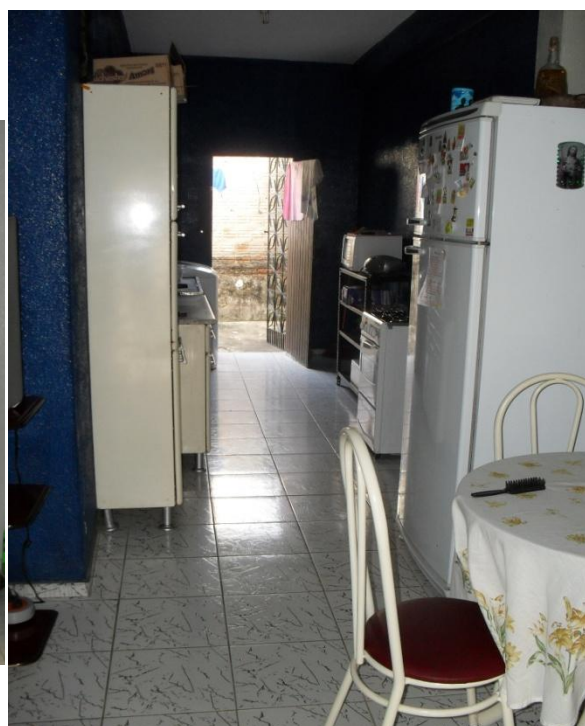


IMAGEM 98: Foto da cozinha da Sr^a Maria José no ano de 2010.

A primeira coisa que podemos observar em relação às cozinhas dos anos 2000 é a sua completa mudança de cor. Enquanto nos anos de 1980 tivemos as alegres cores azul e vermelho, e nos anos 1990 a neutralidade do preto, branco e bege, nos anos 2000 temos uma preferência quase que padronizada pela cor branca, no que se refere a móveis de

cozinha. É incrível notar, quando colocamos todas as imagens das cozinhas atuais juntas, o quão brancas elas são. Essa preferência pelo branco na década de 2000 se dá pelos mesmos motivos que citamos no capítulo 02, quando abordamos o assunto da pintura das paredes. Segundo os moradores, a cor branca emite o aspecto de limpeza e de clareza, deixando, desta forma, o ar da cozinha com um aspecto mais higiênico.

As mesas continuaram com os mesmos modelos da década de 1990, tubulares, mas agora com o apoio em mármore. As cores como já mencionamos também se modificaram para o branco. Já os armários de cozinha foram os que mais sofreram modificações, tanto em relação aos modelos como em relação aos materiais. Enquanto nas duas décadas anteriores eles eram fabricados em madeira com cobertura de fórmica, nos anos 2000 eles serão produzidos em aço. No que diz respeito aos modelos, eles tanto aumentaram de tamanho, como também passaram a ser embutidos nas paredes e, assim como os outros objetos da cozinha, também adquiriram a cor predominantemente branca.

As geladeiras, da mesma forma que os armários, também aumentaram de tamanho. Nos anos 2000 os modelos de geladeira duplex começaram a se popularizar entre os moradores do Conjunto Esperança. Analisando os anúncios da década em questão, percebemos que este produto possuía um valor bem alto, cerca de R\$900,00, em relação à média salarial dos moradores do bairro, que ficava entre R\$450,00 e R\$750,00 por mês. Porém, com as facilidades do crédito daquele período, não era complicado adquirir uma geladeira deste modelo.

Através de todas as fontes que analisamos neste capítulo podemos entender que um dos objetos que menos se modificou, tanto em relação aos materiais como aos modelos, foi o fogão. Apesar de, nos anos 2000, eles aparentarem um ar mais futurista e aparecerem com acendimento automático, os modelos e os materiais de fabricação eram praticamente os mesmo das décadas anteriores. Apesar disso, ele não deixou de ser um dos objetos mais trocados pelos habitantes do Conjunto Esperança, já que em todas as décadas o seu preço sempre foi bastante acessível para as classes com renda mensal mais baixa.

Faremos agora a análise dos quartos. Nos anos 2000, a maioria dos quartos dos filhos dos moradores do Conjunto já estará construída, por isso neste subtópico

trabalharemos tanto os objetos dos quartos dos donos das habitações, como os objetos dos quartos de seus filhos. Observemos as imagens abaixo:



IMAGEM 99: Foto do quarto da Sr^a Rosilene no ano de 2010.



IMAGEM 100: Foto do quarto da filha da Sr^a Rosilene no ano de 2010.

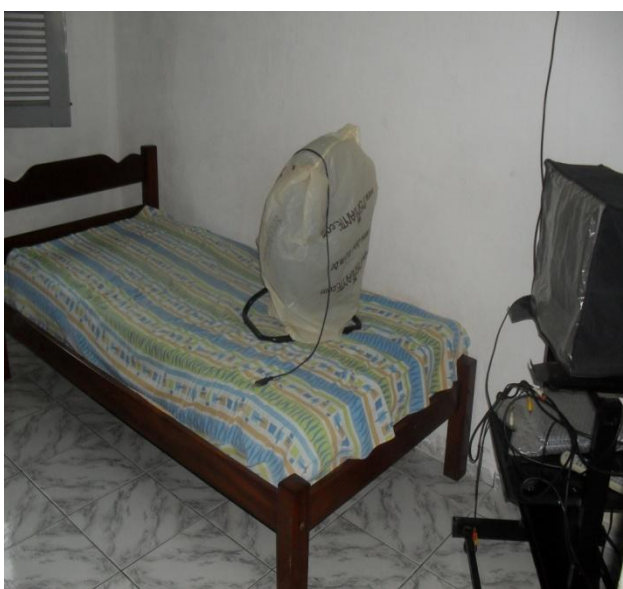


IMAGEM 101: Foto do quarto do filho da Sr^a Rosilene no ano de 2010.



IMAGEM 102: Foto do quarto da filha da Sr^a Marisa no ano de 2010.

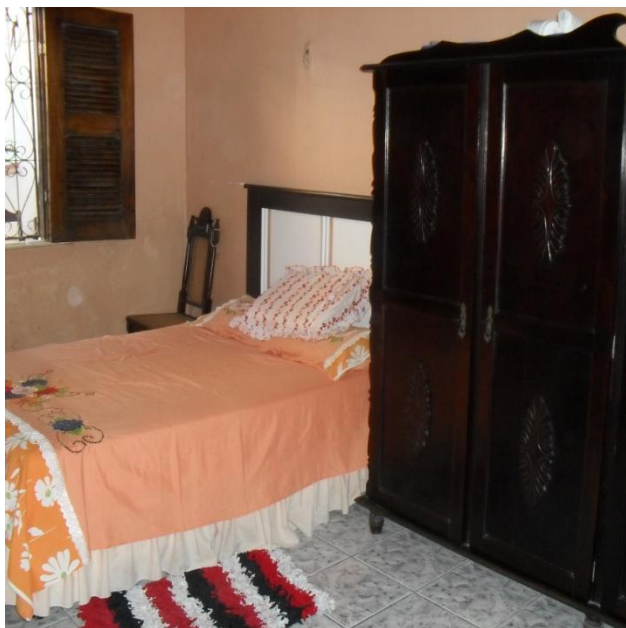


IMAGEM 103: Foto do quarto da Sr^a Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 104: Foto do quarto da Sr^a Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 105: Foto do quarto do filho da Sr^a Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 106: Foto do quarto do filho da Sr^a Marisa no ano de 2010.



IMAGEM 107: Foto do quarto do filho da Sr^a Maria José no ano de 2010.



IMAGEM 108: Foto do quarto da Sr^a Maria José no ano de 2010.



IMAGEM 109: Foto do quarto da Sr^a Maria José no ano de 2010.

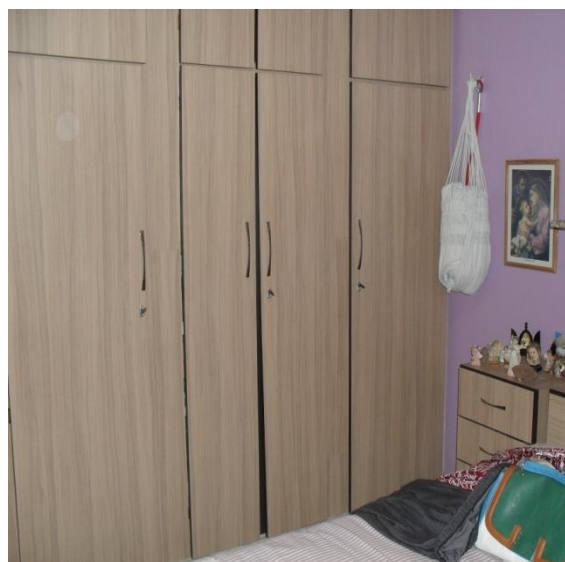


IMAGEM 110: Foto do quarto da Sr^a Risalva no ano de 2010.

A principal mistura de objetos que encontramos nas habitações do Conjunto Esperança está inserida nos quartos. Foi nestes cômodos que encontramos a maior quantidade de objetos das várias décadas aqui estudadas. Podemos notar também um aumento do número de objetos. Enquanto na década de 1980 e de 1990 trabalhávamos com o conjunto de cama, guarda roupa e criado mudo, aqui encontraremos muito mais objetos, como a adição de TVs e ventiladores em quase todos os quartos estudados, a existência de escrivaninhas, cômodas e estantes de livros também foram notadas.

Uma das casas que mais encontramos reminiscências das outras décadas foi à casa da Sr^a Marisa. Se notarmos com atenção o seu quarto e o quarto dos seus filhos (ver imagens 102, 103, 104, 105 e 106) perceberemos que vários objetos que mencionamos nas outras décadas são encontrados nestes cômodos. No quarto da filha da Sr^a Marisa, destacamos a essência dos móveis tubulares propostos durante a década de 1990. Já no quarto da própria Sr^a Marisa observamos a existência de um belo guarda roupa e cômodas em estilo colonial. No quarto do filho temos alguns móveis em estilo colonial, estante de livros e escrivaninhas, que parecem ter sido removidas de outro local, como por exemplo, a sala, e acrescentadas ao quarto. Porém, a cama do rapaz é bem característica dos anos 2000, um modelo de cama box.

Isso nos inquietou. Questionávamos-nos sobre o porquê de guardar e reaproveitar os objetos. Será realmente porque a funcionalidade do objeto ainda existe, ou porque os moradores do Conjunto Esperança, assim como os arquitetos e decoradores dos anos 2000, tiveram seu retorno ao vintage? Será que esse tipo de influência seria possível para moradores da periferia urbana de Fortaleza? Quais as referências estéticas a que esses habitantes têm acesso? Eles as colocam ou não em prática? Essa reflexão é importante para entender quais as influências e ideias que os moradores têm para decorar e organizar internamente suas habitações.

Nos quartos dos demais moradores, as reminiscências de objetos são mais contidas. Por exemplo, os móveis dos quartos da Sr^a Rosilene e de sua filha (ver imagens 99 e 100), foram quase que totalmente trocados por móveis dos anos 2000. Já o quarto do filho da Sr^a Rosilene (ver imagem 101), ainda tem móveis dos anos 1990. Por outro lado, os objetos dos quartos da Sr^a Maria José e Risalva (ver imagens 109 e 110), foram

praticamente todos trocados nos anos 2000. Percebemos isso pelos novos modelos de guarda-roupas: maiores e sem espelhos do lado de fora, fato que se verificava nos guarda-roupas das décadas anteriores. Além disso, os quartos passaram a contar com camas box, que se tornaram moda durante os anos 2000.

Tentamos neste capítulo analisar as formas de organização interna que os moradores do Conjunto Esperança propuseram ao longo das décadas em suas habitações planejadas. Apesar das dificuldades com as fontes, principalmente com as fotografias das décadas anteriores, tentamos fazer o nosso melhor para verificar e entender a estética da organização interna das habitações em cada década de existência do Conjunto Esperança. Esperamos ter conseguido ao longo destas páginas ter esclarecido as problemáticas que nos inquietaram ao longo destes anos de pesquisa. Porém, sabemos e temos plena consciência que nosso estudo não acabou aqui, pois os moradores continuam lá, modificando suas habitações, interna e externamente. Esses sujeitos históricos continuam no Conjunto Esperança, morando, vivendo e contribuindo para a construção da história do lugar em que habitam. Certamente, provocarão a curiosidade de outras pessoas, que buscarão também analisar este espaço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar de forma mais aprofundada um trabalho que teve início ainda na graduação em História, foi muito gratificante. A trajetória, iniciada por volta do ano de 2006, foi de extrema importância para que pudéssemos no mestrado propor um estudo mais maduro sobre o Conjunto Esperança. Nestes seis anos de pesquisa, quase ininterrupta, foi possível apreender as diversas formas pelas quais os moradores deste Conjunto Habitacional puderam e ainda podem fazer história, mesmo estando dentro do conforto das suas casas.

Por isso, analisamos os aspectos de construção e desenvolvimento do Conjunto Esperança como um bairro da cidade de Fortaleza. Para isso foi interessante refletir sobre o processo de desenvolvimento da habitação social no Brasil, pois foi de acordo com este ponto que conseguimos entender o momento histórico de criação do Conjunto Esperança. Em seguida, ainda neste mesmo capítulo, observamos como o bairro se desenvolveu, a partir dos seus equipamentos comunitários. Percebemos como, a partir de suas necessidades, os moradores deste bairro foram coletivamente, desenvolvendo uma estética própria, de onde é possível inferir que os Conjuntos Habitacionais do período não contavam com o básico de equipamentos comunitários para a população que buscava atender. Aqui, a necessidade coletiva, fez a estética do bairro se modificar.

Já num segundo momento, resolvemos entrar nas habitações e, a partir daí, começamos a ficar à vontade para investigar como as residências foram feitas e por quais motivos foram realizadas as ampliações, reformas e embelezamentos dos dois tipos de habitação do Conjunto Esperança. Organizamos os capítulos através das três décadas de existência do Conjunto, em que podemos perceber o motivo de cada reforma, cada ampliação, cada embelezamento, tanto nas casas como nos apartamentos. As necessidades aqui, mais uma vez, permearam este trabalho.

A seguir, no terceiro momento, decidimos entender como a organização interna das habitações interferiu nas reformas, ampliações e embelezamentos realizados pelos moradores do Conjunto Esperança. Neste último capítulo buscamos compreender como a renda média salarial mensal dos moradores interferia na compra dos produtos para suas

habitações. O objetivo foi analisar um pouco da ascensão social ocorrida no Conjunto Esperança através do confronto das médias salariais retiradas do censo do IBGE e os anúncios dos móveis e eletrodomésticos das décadas estudadas, junto com as fotografias das habitações dos moradores do Conjunto. Quisemos com isso ajudar a entender a partir de que necessidades (funcionalidade ou beleza) os moradores do Conjunto Esperança foram adquirindo e trocando os seus objetos.

O Conjunto Esperança nos ajudou a entender não só o que aconteceu com os seus moradores em particular, mas numa escala mais macro, ele nos leva a pensar na formação e no jeito de morar de várias pessoas. Os muitos Conjuntos Habitacionais construídos a partir do Sistema Financeiro da Habitação de 1964, por todo o Brasil, foram responsáveis pela ampliação da área urbana de muitas cidades. Pelo que observamos, o Conjunto Esperança é apenas um exemplo do que aconteceu com muitos desses Conjuntos Habitacionais no Brasil. O fato de serem localizados distante dos centros urbanos, e sem o acompanhamento de uma infraestrutura básica, fez que, por necessidade, muitos dos moradores passassem a inovar na estética e nas modificações em todo o bairro, incluindo nas suas habitações.

A necessidade foi a chave principal desse trabalho. A necessidade de conforto, de segurança, de privacidade, de beleza, de aumentar o status social, são fatores que infelizmente não são pensados pelos órgãos públicos responsáveis por esse tipo de moradia, mas que através do tempo passam a ser pensados pelos próprios moradores dos Conjuntos Habitacionais.

A nossa proposta com esse estudo foi aprofundar esse debate sobre o jeito de morar, sobre a arte de fazer dos sujeitos históricos mais simples. Sujeitos históricos que não fizeram grandes feitos, mas que através do seu cotidiano conseguem, com grandes sacrifícios, fazer e transformar a história.

LISTAGEM DAS FONTES

Fontes Orais

- Entrevista com Galdino Barbosa, morador do Conjunto Esperança desde 1983 e um dos sócios mais antigos da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, ACRE. A entrevista foi realizada no dia 05 de junho de 2006, no escritório de contabilidade do mesmo, localizado no Conjunto Esperança.
- Entrevista com Maria das Graças Fernandes Almeida, moradora do Conjunto Esperança, desde a fundação, e professora das escolas públicas do bairro desde a sua fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 07 de junho de 2006.
- Entrevista com Maria do Carmo da Costa, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 18 de agosto de 2007.
- Entrevista com Maria de Loudes Fonteles Bastos, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 13 de agosto de 2008.
- Entrevista com Maria Rosielma Sousa do Nascimento, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 13 de agosto de 2008.
- Entrevista com Francisco Aneilton Pinheiro, morador do Conjunto Esperança desde a fundação e um dos sócios mais antigos da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, ACRE. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 20 de setembro de 2008.
- Entrevista com Maria José Araújo Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 23 de outubro de 2010.
- Entrevista com Maria do Socorro Mouta, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 02 de novembro de 2010.

- Entrevista com Antônia Rosilene Pinheiro, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 08 de novembro de 2010.
- Entrevista com Maria das Graças Silva do Carmo, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 16 de novembro de 2010.
- Entrevista com Maria Bezerra Gomes, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 28 de novembro de 2010.
- Entrevista com Maria Gondin de Moura, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 05 de dezembro de 2010.
- Entrevista com Maria Risalva Soares Holanda, moradora do Conjunto Esperança desde a fundação. A entrevista foi realizada em sua casa, localizada no Conjunto Esperança. Em 11 de dezembro de 2010.
- Entrevista com Sônia Maria Lima Belém, que possui um Colégio no Conjunto Esperança desde 1984. A entrevista foi realizada no Colégio Queiroz Belém, localizado no Conjunto Esperança. Em 11 de dezembro de 2011.

Imagens

- Plantas dos imóveis e do Conjunto Esperança em geral, disponíveis na COHAB.
- Fotos das Habitações do Conjunto Esperança doadas pelos moradores.
- Fotografias atuais dos imóveis e do Conjunto Esperança, exterior e interior.

Fontes Jornalísticas

- Jornal O Povo, de 1980 a 1985, período de veiculação do Caderno Imobiliário.
- Jornal O Povo, de 1980 a 2005, anúncios de Lojas de Móveis e Eletrodomésticos.
- Jornal O Grande Bairro, no período de 2003 a 2007.

Censo

- Tabela de classe de rendimento nominal mensal dos Censos dos anos de 1990, 2000 e 2010.

Arquivo Pessoal

- Comprovantes de pagamento das taxas de uma das habitações do Conjunto Esperança, no período de 1982 a 1996.
- Comunicado da COHAB – CE aos mutuários que desejavam optar pela Equivalência Salarial Plena.
- Comunicado de seguro de morte e invalidez permanente, datado do ano de 1981.
- Comunicado de seguro de danos físicos ao imóvel, datado do ano de 1981.
- Comunicado de seguro de morte e invalidez permanente, datado do ano de 1985.
- Comunicado de seguro de danos físicos ao imóvel, datado do ano de 1985.
- Documento contendo a documentação necessária para a transferência do imóvel.
- Carta da COHAB - CE enviando solicitação a um mutuário do Conjunto Esperança para comparecer à sede da mesma, a fim de tratar de assuntos referentes à seleção para o mencionado Conjunto. Documento de 08 de outubro de 1981.
- Declaração da COELCE que um dos mutuários do Conjunto Esperança integra a Companhia de Habitação do Ceará.
- Abaixo assinado dos moradores do Conjunto Esperança solicitando saneamento básico para a comunidade. Datado de 11 de julho de 1980.
- Histórico do Conjunto Esperança, encontrado na Associação Comunitária e Recreativa do Conjunto Esperança (ACRE).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARNARD, Malcolm. **Moda e Comunicação**. Tradução de Lúcia Olinto. – Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo (Org.). **A Política da Escassez: lutas urbanas e programas sociais governamentais**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso da Vitrine: Conflitos Urbanos e Cultura Política**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Edições, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo – SP: Editora Perspectiva, 1997.

BONDUKI, Nabil Georges. **Origens da Habitação Social no Brasil**. 3a Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História e Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica, 2008. 136p. (Coleção História &... Reflexões, 4).

BLOCH, Marc. **Apologia a História ou o Ofício do Historiador**. Prefácio de Jacques Lê Goff. Apresentação a edição brasileira, Lilia Mortiz Schwarcz. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRYSON, Bill. **Em casa: uma breve história da vida doméstica**. Tradução, Isa Mara Lando – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem** / Tradução, Vera Maria Xavier dos Santos – Bauru, SP: EDUSC, 2004. (Coleção História).

BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. – São Paulo: Editora UNESP 1992.

_____. **História e Teoria Social**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. – São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **O que é História Cultural?** Tradução: Sérgio Góes de Paula. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor e de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. São Paulo: Hucitec, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção de Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. 4ª Edição; Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A Invenção de Cotidiano: 2 Morar, Cozinhar**. 4ª Edição; Petrópolis: Vozes, 1994.

Companhia de Habitação do Ceará. **COHAB: ontem, hoje e a lembrança**. Fortaleza, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEPARTAMENTO DO PATRIMONIO HISTÓRICO SÃO PAULO/1992. **O Direito a Memória: patrimônio histórico e cidadania/ DPH**. São Paulo: DPH, 1992.

ELIAS, Eduardo de Oliveira. **Escritura Urbana: invasão da forma, evasão do sentido**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina, coordenadoras. **Usos e Abusos da História Oral**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREITAS, Pádua. **Trajetos**. Revista de História UFC. Fortaleza: vol 1, nº 2, 2002.

GUIMARÃES, Luiz Antonio Valente. **As casas e as coisas: Um estudo sobre vida social e domesticidade nas moradias de Belém – 1800 – 1850**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **História dos Movimentos e Lutas Sociais**. 2ª Edição; São Paulo: Edições Loyola, 2001.

JACQUES, Paola Berenstein, **Estética da Ginga: A arquitetura das Favelas através da obra de Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na polifonia urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 2003. 129p.

_____. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945 – 1960)/** São Paulo: Annablume, 2003.

KOVARIC, Lúcio. **A Espoliação Urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LEEDS, Anthony, LEEDS, Elizabeth. **A Sociologia do Brasil Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

LEFEBVRE, HENRI. **Direito à Cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MARICATO, Ermínia. **Política Habitacional no Regime Militar: Do Milagre Brasileiro à Crise Econômica**. Rio de Janeiro: Vozes, 1987, p. 30.

MARSHALL, T. H. **Cidadania: classe social e status**. Trad. Meton Porto Gadelha. Rio de Janeiro: Biblioteca de Ciências Sociais.

MOUTA, Limária Araújo. **A Estética da Autoconstrução: reforma e embelezamento no Conjunto Esperança**. Fortaleza: Biblioteca da Universidade Estadual do Ceará, 2008.

PERUZZO, Dilvo. **Habitação Controle e Espoliação**. São Paulo: Cortez Editora, 1984.

RIBEIRO, Luiz C. de Queiroz. PECHMAN, Robert M. **O que é a questão da Moradia**. São Paulo – Nova Cultural: Brasiliense, 1985. (Companhia Primeiros Passos: 65).

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SILVA E FILHO, Antonio Luiz Macedo e. **Paisagens do Consumo: Fortaleza no tempo da Segunda Grande Guerra**. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria da Cultura e do Desporto do Ceará, 2002.

SOUSA, Simone de. GONÇALVES, Adelaide. **Uma nova História do Ceará**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2004.

SOUZA, Thiago Schead. **Na Casa e na Rua: Objetos, Serviços e Práticas de Consumo em Fortaleza (1940-1970)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza, 2008.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma Casa: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

_____. **Habitação em Questão**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

VIDAL, Márcia. **Imprensa e Poder: o I e II veteranos (1963/1966 e 1979/1982) no Jornal O Povo**. Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto do Estado do Ceará, 1994.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890 – 1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

ANEXOS

ANEXO I: Mapa regional da cidade de Fortaleza.

